Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Ciências Sociais

Instituto de Ciências Sociais

Karinna Adad de Miranda

O que se perde ao perder a casa: o papel das emoções na resistência em Vargem Grande/RJ

Rio de Janeiro

2019

Karinna Adad de Miranda

O que se perde ao perder a casa: o papel das emoções na resistência em Vargem Grande/RJ

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientador (a): Profª Drª Maria Claudia Pereira Coelho

Rio de Janeiro

2019

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CCS/A

M672 Miranda, Karinna Adad de.
O que se perde ao perder a casa: o papel das emoções na resistência em Vargem Grande – RJ / Karinna Adad de Miranda. – 2019.
119 f.

Orientadora: Maria Claudia Pereira Coelho.
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Ciências Sociais.

1. Emoções – Aspectos antropológicos – Teses. 2. Remoção (Habitação) – Teses. 3. Resistência passiva – Teses. I. Coelho, Maria Claudia. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Ciências Sociais. III. Título.

CDU 159.942

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação desde que citada a fonte.

_____ _____
Assinatura Data

Karinna Adad de Miranda

O que se perde ao perder a casa: o papel das emoções na resistência em Vargem Grande/RJ

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 27 de fevereiro de 2019.

Banca Examinadora:

_____

Profª Drª Maria Claudia Pereira Coelho (Orientadora)

Instituto de Ciências Sociais – UERJ

_____

Profª Drª Neiva Vieira da Cunha

Faculdade de Educação da Baixada Fluminense

_____

Dr. Fábio Daniel da Silva Rios

Instituto de Ciências Sociais – UERJ

Rio de Janeiro

2019

DEDICATÓRIA

A todos que lutam pela terra, em especial, Jorge, Maurício, Jane e Zélia.

AGRADECIMENTO

À Wilza, por ter me apresentado o livro *Topofilia*, sem o qual seria impossível tentar qualquer empreitada na academia.

Ao Gabriel, companheiro de Rio e de vida, pelo incentivo, amor e cuidado.

À Maria Claudia, pela orientação, incentivo e confiança.

Aos entrevistados, pela confiança e pelo amor por Vargem Grande.

À Articulação Plano Popular das Vargens, por me permitir fazer parte.

Às bancas examinadoras, pelas críticas construtivas.

Ao Diogo, amigo e professor, pela apresentação de tantas referências importantes para este trabalho.

A Fafá, pela amizade, pelas conversas e pela aquela cervejinha que sempre acalmava.

Aos amigos feitos durante esse percurso, pela troca de experiências e de angústias.

À UERJ e todos que dela fazem parte, pelo símbolo de resistência.

À Faperj, pelo apoio financeiro no último ano de mestrado.

Aos meus pais, por me possibilitarem chegar até aqui.

À Vargem Grande, por existir.

Queria entender do medo e da coragem, e da gã que empurra a gente para fazer tantos atos, dar corpo ao suceder. O que induz a gente para más ações estranhas, é que a gente está pertinho do que é nosso, por direito, e não sabe, não sabe, não sabe!

Guimarães Rosa

RESUMO

MIRANDA, Karinna Adad de. *O que se perde ao perder a casa:* o papel das emoções na resistência em Vargem Grande. 2019. 119 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

O lugar não é totalmente natural, nem totalmente humano, mas o resultado das interações que tornam meio ambiente e indivíduos mutuamente sujeito e objeto. Nesse sentido, Vargem Grande representa um bairro cuja importância ultrapassa o aspecto ambiental. Marcado pela presença de uma exuberante vegetação típica de Mata Atlântica, a qual proporciona um clima agradável e ares de cidade do interior, o bairro vem sendo vítima de um Projeto de Estruturação Urbana (PEU) que prevê transformações paisagísticas, ambientais, urbanísticas, econômicas, sociais e culturais. De modo a evitar a concretização desse projeto e propor uma alternativa que dialogasse com a comunidade e suas necessidades, formou-se em 2016 a Articulação Plano Popular das Vargens (APP), cujas propostas visavam a preservação do meio ambiente somada à defesa das formas de vida locais: comunidade quilombola, trabalhadores rurais e moradores de favelas, tendo como questão fundamental a luta contra a remoção. Assim, partindo de uma análise que entende haver um elo afetivo entre indivíduo e lugar nomeado *topofilia*, a dissertação busca compreender a influência do amor pelo local habitado e de outras emoções sobre a decisão de resistir.

Palavras-chave: Topofilia. Amor pelo lugar. Emoção. Resistência. Luta contra a remoção. PEU. APP.

ABSTRACT

MIRANDA, Karinna Adad de. *What is lost when you lose your home:* the role of emoticons in resistance in Vargem Grande/RJ. 2019. 119 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

The place is not totally natural, nor fully human, but the result of the interactions that make environment and individuals mutually subject and object. In this sense, Vargem Grande can be seen as a neighborhood whose importance is beyond the environmental aspect. Marked by the presence of an exuberant vegetations typical of the Atlantic Forest, which provides a pleasant climate and a small-town feeling, the neighborhood has been victim of a Urban Structuring Project (PEU, in the original) that provides for landscape, environmental, urban, economic, social and cultural transformations. In order to avoid the realization of this project and propose an alternative that dialogues with the community and its needs, the Vargens' Popular Plan Articulation (APP, in the original) was formed in 2016, whose proposals were aimed at preserving the environment together with the defense of local ways of life: the quilombola community, rural workers and slum dwellers, with the fundamental point being the fight against the removal. Thereby, starting from an analysis that understands there is an affective link between individual and place, named *topophilia*, the dissertation intends to understand the influence of the love for the inhabited place and other emotions on the decision to resist.

Keywords: Topophilia. Love for the place. Emotion. Resistance. Fight against the removal. PEU. APP.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Esquema da transformação das emoções em ação desde a ocorrência do evento perturbador.....64

Figura 2 - Esquema da transformação das emoções em ação aplicado ao evento analisado por Losekann (2017).....65

Figura 3 - Recorte da baixada de Jacarepaguá destacados em vermelho os bairros de Vargem Grande, Vargem Pequena e Camorim.....71

Figura 4 - Projeto da Sub-secretaria de Meio Ambiente para a região das Vargens.....80

Gráfico 1 - Amostra do crescimento populacional do bairro de Vargem Grande no período de 1991 a 2010.....76

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Distribuição dos entrevistados a partir das categorias: faixa etária, sexo, onde mora, local de trabalho e causas de que participa.....18

Tabela 2 - Comparativo entre os parâmetros urbanísticos presentes no Dec. 3046/81 e na LC 104/09 para a área A-24 e o setor E, ambos inseridos em Vargem Grande.....75

Tabela 3 - Comparativo entre os parâmetros urbanísticos presentes na lei complementar 104/09 e no projeto de lei complementar 140/15 para o setor E pertencente a Vargem Grande.....79

Tabela 4 - Cronograma das atividades desempenhadas durante o curso de extensão "Formação de Planejadores Populares.....81

Tabela 5 - Distribuição socioespacial dos moradores de Vargem Grande em grupos.....92

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEIA	Área de especial interesse ambiental
AGROVARGEM	Associação dos Agricultores Orgânicos de Vargem Grande
AMAVAG	Associação de Moradores e Amigos de Vargem Grande
APP	Articulação Plano Popular das Vargens
CEPAC	Certificado de potencial adicional de construção
CEPTMC	Colégio Estadual Professor Teófilo Moreira da Costa
ETTERN	Laboratório Estado, Trabalho, Território e Natureza
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPP	Instituto Pereira Passos
IPPUR	Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional
IPTU	Imposto Predial e Territorial Urbano
ITR	Imposto sobre a Propriedade Território Rural
GCAR	Grupo Cultural AfroReggae
MPRJ	Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro
MUP	Movimento União Popular
NEPLAC	Núcleo Experimental de Planejamento Conflitual
NIMA	Núcleo Interdisciplinar do Meio Ambiente
ONG	Organização não-governamental
OUC	Operação Urbana Consorciada
PEU	Plano de Estruturação Urbana
PROCEAS	Projeto Comunitário de Estudos e Ações Solidárias
PUC - Rio	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
RedeCAU	Rede Carioca de Agricultura Urbana
RPPN	Reserva Particular do Patrimônio da Natureza
UNE	União Nacional dos Estudantes
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO..... 13
Trajetória e chegada ao tema..... 14
Metodologia..... 15
Estrutura da dissertação..... 18
Roteiro de perguntas..... 20
1 **NOSSO LUGAR NO MUNDO: SOMOS PORQUE SOMOS E SOMOS PORQUE ESTAMOS**..... 21
1.1 **Somos seres geográficos**..... 21
1.2 **A relação afetiva com o lugar**..... 23
1.2.1 O conceito de Topofilia: ambiente e vínculos emocionais..... 23
1.2.2 Topofilia e Meio-ambiente..... 28
1.2.3 Do Cosmos à Paisagem..... 30
1.2.4 Cidade Ideal, Transcendência e Vida urbana..... 31
1.3 **A "Sociologia do Espaço"**..... 34
1.3.1 O estudo do espaço na sociologia..... 34
1.3.2 Qualidades fundamentais da forma espacial..... 35
2 **O PERCURSO DAS LUTAS ATÉ OS DIAS ATUAIS**..... 41
2.1 **Histórico das lutas**..... 42
2.1.1 No mundo..... 42
2.1.2 No Brasil..... 44
2.2 **Novos componentes na luta**..... 46
2.2.1 Pluralidade de atores..... 47
2.2.2 A luta em rede..... 48
2.2.3 A identidade coletiva na luta..... 50
2.3 **"Lutas ontológicas"**..... 53
3 **NA PRESENÇA DAS EMOÇÕES**..... 57
3.1 **Emoções**..... 57
3.1.1 O relativismo das emoções..... 57
3.1.2 As emoções na luta..... 59
3.1.3 Por que as emoções importam?..... 60
3.2 **Da emoção à ação**..... 61

3.2.1 A emoção pelo lugar 61
3.2.2 Choque moral e narrativas emocionais 63
3.2.3 Motivação 66
3.2.4 Permanência 68
3.3 **A ação como dádiva** 69
4 **REGIÃO DAS VARGENS: HISTÓRIA, CONFLITO E RESISTÊNCIA** 70
4.1 **Informações sobre o local: da região das Vargens a Vargem Grande** 70
4.2 **A origem do conflito: histórico e análise dos PEUs das Vargens** 73
4.3 **A resistência: Articulação Plano Popular das Vargens (APP)** 80
5 **"SÓ EM VARGEM GRANDE, NÉ!"** 82
5.1 **O contato com Vargem Grande** 82
5.2 **As transformações de Vargem Grande** 84
5.2.1 As ruas e a Estrada dos Bandeirantes 84
5.2.2 A propriedade 86
5.2.3 A especulação imobiliária 88
5.3 **Identidade e laços afetivos** 89
5.4 **O lugar libertador** 90
5.5 **Percepção sobre o lugar** 91
5.6 **O sentimento por Vargem Grande** 94
6 **VARGEM GRANDE VALE A LUTA** 97
6.1 **Choque moral** 97
6.2 **Por que lutar?** 98
6.3 **Vale a pena lutar** 102
6.4 **A percepção sobre a luta** 104
6.5 **O envolvimento em outras lutas** 105
6.6 **A luta interna** 107
CONCLUSÃO 109
O que se perde ao perder a casa 109
REFERÊNCIAS 112

INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca analisar a presença de um elo afetivo entre os moradores de Vargem Grande e seu bairro, com a intenção de compreender em que medida esse afeto contribui para a luta contra a remoção proposta pelo Projeto de Estruturação Urbana previsto para a região. Está em tramitação, desde 2015, um Projeto de Estruturação Urbana (PEU das Vargens/ Vargens Maravilhas) que prevê não apenas uma transfiguração geográfica e ambiental, mas também demográfica, social, cultural e urbanística. Como a área é marcada pela presença de sujeitos que têm com a terra uma relação de trabalho, já que muitos vivem do cultivo de plantas, para consumo próprio ou para comercialização, faz-se relevante analisar as características presentes nesse contexto e suas consequências negativas e irreversíveis no caso de rompimento dessa conexão.

Em decorrência do PEU, formou-se um grupo composto por moradores em conjunto com a academia, no caso a UFRJ, e outras associações ligada majoritariamente à agroecologia, com o objetivo de impedir sua remoção da região das Vargens. Esse grupo, denominado "Articulação Popular Plano das Vargens", é o objeto do estudo aqui proposto, que visa contribuir com o estudo dos movimentos sociais e suas dinâmicas. O foco estará na relação das pessoas com Vargem Grande e em como os aspectos – ambientais, sociais, afetivos – presentes nessa relação influenciam o engajamento, bem como nas razões para permanência no bairro. Para tanto, o projeto tem dois objetivos. O primeiro, de natureza teórica, pretende contribuir para o estudo das relações entre emoções, lugares e movimentos sociais. O segundo, de natureza política, pretende oferecer subsídios aos moradores para auxiliá-los na defesa de seu modo de vida ameaçado pelo PEU das Vargens.

Essa dissertação pretende ainda contribuir para o diálogo iniciado pela antropologia das emoções no que diz respeito à importância e relevância dos sentimentos para a teoria social, na medida em que podem auxiliar na compreensão da própria sociedade. Com isso, espera-se enriquecer a bibliografia ainda carente de estudos que vejam as emoções não como um aspecto de irracionalidade, de feminilidade e/ou de subjetividade, mas como determinantes das dinâmicas sociais e, portanto, presentes em todos os agentes sociais, sejam indivíduos particulares ou coletivos.

Da mesma forma, intenta-se colaborar com a bibliografia relacionada ao tema dos movimentos sociais no que diz respeito às motivações para o engajamento na resistência, mais especificamente na luta contra a remoção, a partir da presença do afeto entre os sujeitos e o lugar no qual vivem, criam e desenvolvem seus laços familiares, fraternais e sociais.

Trajetória e chegada ao tema

A relação entre o indivíduo e o meio físico no qual se acha inserido começou a despertar meu interesse ainda na época da graduação em arquitetura, após a leitura da obra *Topofilia* (1980), do geógrafo e professor Yi-fu Tuan. Naquele período morava em Teresina e via como possível objeto de estudo a colônia de pescadores existente em Barra Grande, distrito do município de Cajueiro da Praia e localizado a 402 km da capital do Piauí (BARBOSA; PERINOTTO, 2010), que naquele momento passava por um processo de gentrificação devido ao crescimento desordenado do turismo (MACÊDO; RAMOS, 2012).

Seguindo esse tema e já residindo no Rio de Janeiro, em 2011, reorientei a temática para a análise da presença de topofilia nos moradores de favelas em decorrência dos inúmeros movimentos que evidenciavam a relutância em sair do local onde tinham estabelecido suas moradias e seus laços afetivos. Esses movimentos eram muitas vezes constituídos como resposta às tentativas de remoções pelas quais passavam diversas comunidades pobres por advento dos megaeventos esportivos (Jogos Pan-Americanos/2007, Copa do Mundo/2014, Olimpíadas/2016), as quais eram conduzidas em sua maioria de forma extremamente truculenta violando diversos direitos constitucionalmente assegurados, como o direito à moradia, à dignidade da pessoa humana, à justa indenização.

No entanto, o objeto de estudo tal qual proposto neste trabalho só começou a ser definido em 2016, depois de ter participado do curso de Direito Social organizado pelo Instituto de Estudos Críticos do Direito (IECD), onde na ocasião pude ter contato com militantes e moradores de favelas ligados a movimentos de luta pela moradia. A partir desse evento, conheci Yuri (nome fictício), morador de uma das favelas de Vargem Grande e ativista na luta contra a remoção, que logo se tornaria personagem importante para a definição do objeto de pesquisa.

Nesse sentido, por um conjunto de razões, desde a afinidade com Yuri, somada à iminência da aprovação de um projeto em tramitação na Câmara dos Vereadores que prevê uma grande obra de estruturação com um adensamento populacional além do suportado; com uma remoção sem precedentes, já que os custos para implantação e estabilidade das edificações, por causa das características geológicas, serão elevados, o que diretamente impactará no perfil da população que ali viverá; e havendo um “enorme risco potencial às condições ambientais da área, que, por isso, se implantado, necessitará maiores orçamentos tanto para garantir a ocupação da área como para se reverter os prováveis danos ambientais por ela gerados” (NAME, 2010, p. 8), decidi pesquisar a hipótese de um sentimento topofílico em Vargem Grande.

Assim, o primeiro contato com a região deu-se após o convite de Yuri para participar do curso de formação de planejadores populares promovido pela Articulação Plano Popular das Vargens (APP) e pelo Núcleo Experimental de Planejamento Conflitual (NEPLAC) do Laboratório Estado, Trabalho, Território e Natureza (ETTERN) do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional (IPPUR) da UFRJ com o propósito de elaborar uma alternativa ao PEU das Vargens que, dentre os agravantes já mencionados, fora enviado para votação dos vereadores sem ter passado por nenhuma audiência pública.

O curso teve encontros abertos no Colégio Estadual Prof. Téofilo Moreira da Costa com início em outubro de 2016 e término no final de novembro do mesmo ano, após o qual seria elaborado o plano popular. Destes, participei de dois, dentre os quais tive a oportunidade de não apenas conhecer um pouco mais o lugar e suas diversas características ambientais, bem como pessoas envolvidas em lutas de resistências, e de compreender melhor as demandas da população e os impactos do projeto de lei em tramitação, mas também de construir como foco da pesquisa a atuação deste movimento que estava sendo formado.

Em outubro de 2017, após um ano, retornei a Vargem Grande para a apresentação do Plano Popular das Vargens elaborado pelo NEPLAC com a colaboração da Associação dos Agricultores Orgânicos de Vargem Grande (AGROVARGEM) e da Associação de Moradores e Amigos de Vargem Grande (AMAVAG), em um evento que marcou a 1ª audiência pública para tratar do assunto, mas que, no entanto, não contou com a presença de nenhum representante da prefeitura.

Depois disso, marquei um encontro com Yuri para discutir os pontos iniciais da pesquisa e entender melhor o que havia acontecido com o grupo de planejadores populares após novembro de 2016. Ao contrário do que eu imaginava, os encontros haviam escasseado e durante o ano de 2017 o NEPLAC havia trabalhado na elaboração do documento final, tendo sido aquela audiência pública o primeiro encontro desde a sua finalização. O mesmo ainda me contou que a princípio a intenção de alguns moradores era restringir-se a assuntos relacionados à alimentação e à agroecologia, sendo posteriormente ampliada para abarcar questões relacionadas a moradia, a partir das quais surgiu a ideia de se propor um Plano Popular tal qual foi feito com outra favela, a Vila Autódromo.

Metodologia

Tendo em vista que da APP fazem parte residentes e não residentes nas Vargens; homens e mulheres de diferentes idades; profissionais liberais, intelectuais e/ou militantes, o critério de escolha dos entrevistados privilegiou os moradores de Vargem Grande que tivessem

feito parte da APP. Para tanto, foram escolhidas seis pessoas que apresentassem perfis variados quanto ao tipo de relação com o bairro e com a experiência militante. A partir disso, a entrevista foi montada em cima de questões que pudesse responder o que os moradores se sentiam quanto o assunto dizia respeito à Vargem Grande e à APP.

As entrevistas se deram em duas etapas: a primeira correspondeu à experimentação. Por já possuir uma aproximação maior com Yuri, escolhi-o para ser o primeiro entrevistado, de modo a avaliar a efetividade das perguntas e a capacidade de elas gerarem respostas possíveis de análise. Após esse primeiro momento, dei prosseguimento à segunda etapa: a aplicação. Nessa fase realizei as outras cinco entrevistas a partir do roteiro definitivo criado após a análise das respostas de Yuri.

À princípio, eu havia escolhido outros três moradores para entrevistar. A seleção se deu seguindo, além dos critérios já mencionados, o acesso e a proximidade com os entrevistados; a atuação e frequência na APP e nos eventos do bairro; a atividade econômica praticada; o sexo e a idade. Dentre eles havia dois homens e uma mulher, sendo que um deles Giovani, o único jovem dentre os seis entrevistados, que já desenvolveu e ainda desenvolve muitas atividades culturais e econômicas na região, mora na área urbanizada do bairro, mas trabalha em outro bairro. O outro é Guilherme, um morador da floresta sob responsabilidade do Parque Estadual da Pedra Branca e com uma forte atuação na área ambiental, tendo trabalhado em projetos com esse propósito. Já a terceira é Iara, nascida e criada em Vargem Grande e moradora da área urbanizada, como Giovani, mas já na faixa dos 55 a 60 anos, como Guilherme. Sua atuação no bairro é mais direcionada à conservação das práticas culturais locais através do estímulo à agricultura familiar e do fortalecimento de feiras agroecológicas como geração de renda.

Como mais bem explicado na seção 5.5, Vargem Grande pode ser dividida em três localidades diferentes: morro, área urbanizada e favela e dentre os entrevistados já possuía representantes das três localidades (Yuri – favela; Giovani e Iara – área urbanizada; Guilherme – morro). No entanto, durante a pesquisa percebi que dentre os moradores havia uma categoria nova que poderia lançar um outro olhar sobre a relação com Vargem Grande e os motivos para resistir. Essa categoria corresponde aos moradores de condomínios. A partir disso, Giovani me indicou Graça, sendo esta a única entrevistada com a qual não havia tido nenhum contato anterior. Apesar de não ser originária da região, Graça vive em Vargem Grande há mais de vinte anos e tem um envolvimento com a causa ambiental a partir de entidades e instituições, como a associação de moradores. Como moradora de condomínio, uma das suas principais bandeiras é a regularização das casas pertencentes a esses condomínios.

Por fim, no dia em que fui realizar a entrevista com Graça, participei de uma reunião convocada pela APP e na ocasião tive a oportunidade de encontrar o Aquiles, cuja entrevista havia descartado por desconhecer que era morador da região. Aquiles assim como Graça não é nascido e criado em Vargem Grande, mas integrou-se totalmente ao lugar, primeiro por causa do trabalho como professor em uma escola local, e segundo por ter casado com uma descendente quilombola. A sua entrevista permitiu uma visão sobre a importância do quilombo para o bairro e para as pessoas, em especial os jovens. Abaixo há uma tabela com a relação dos entrevistados (Tabela 1).

As entrevistas se deram em sua maioria em locais públicos - *shoppings*, restaurante, soverteria e escola, acontecendo somente uma na casa da entrevistada, e seguiram um roteiro com questões definidas, porém não fechadas. A ideia era que as pessoas pudessem acessar seus sentimentos e expô-los a partir de suas memórias e histórias. Era a proposta inicial combinar as entrevistas com observação participante de reuniões, audiências públicas e outros tipos de eventos que envolvessem a presença da APP, porém isso não foi possível devido à quase inexistência de tais eventos e do pouco tempo disponível para participar deles.

É importante salientar que alguns conceitos como lugar, emoção e movimento social foram usados desconsiderando as interpretações que os diferenciam de outros termos, cujos significados não podem ser considerados iguais. Assim, “lugar” torna-se sinônimo de “espaço”, “território”, etc, bem como “emoções” sinônimo de “sentimentos”, “afetos”, “paixões”, e assim por diante.

Tabela 1. Distribuição dos entrevistados a partir das categorias: faixa etária, sexo, onde mora, local de trabalho e causas de que participa.

NOME	FAIXA ETÁRIA	SEXO	ONDE MORA	LOCAL DE TRABALHO	CAUSAS DE QUE PARTICIPA
Yuri	50 - 60	Homem	Favela	Outros bairros	Direito à terra, à moradia e contra a remoção
Guilherme	50 - 60	Homem	Morro (floresta)	Outro bairro	Defesa e proteção ambiental, defesa das comunidades quilombolas
Iara	50 - 60	Mulher	Área urbanizada	Vargem Grande	Agroecologia, contra a remoção, direito à moradia
Giovani	20 - 30	Homem	Área urbanizada	Outro bairro	Contra a remoção, defesa das comunidades quilombolas, direito à terra
Graça	40 - 50	Mulher	Área urbanizada (condomínio)	Vargem Grande	Defesa e proteção ambiental, regularização dos condomínios
Aquiles	40 - 50	Homem	Área urbanizada	Vargem Grande	Contra a remoção, defesa e proteção ambiental, direito à terra, à moradia, defesa das comunidades quilombolas

Fonte: O autor, 2019.

Estrutura da dissertação

A dissertação está estruturada em sete capítulos. O primeiro busca aproximar geografia e antropologia para tratar da relação afetiva entre ser humano e meio. Para tanto são trabalhadas três questões. A primeira associa natureza, relações sociais e significado ao conceito de lugar, a partir do livro *Homo geographicus* (1997) de Robert David Sack. A segunda introduz a concepção de um elo afetivo com o lugar, como trabalhado na obra *Topofilia* (1980) de Yi-Fu Tuan. A terceira expõe as características do espaço que o tornam relevante para o escrutínio das ciências sociais, como presente no estudo *Sociologia do espaço* (2013) de Georg Simmel. A partir desses três trabalhos, a dissertação procura mostrar que no que tange à ideia de estudar a relação entre emoções e lugar, as disciplinas da Geografia e da Antropologia podem e devem estar relacionadas.

O segundo capítulo procura fundamentar um dos temas da dissertação, a saber a resistência. A partir disso, apresenta uma visão geral sobre as lutas políticas englobando o histórico dos movimentos sociais no mundo e no Brasil, tendo por base trabalhos de autores importantes para a discussão sobre movimentos sociais e ação política como Charles Tilly (2004), Maria da Glória Gohn (1997) e Marcio Goldman (2007). Ademais, o capítulo aborda

os novos componentes que se somaram às ações coletivas modernas até chegar à um tipo de luta, que apesar de não defender uma forma de vida totalmente inédita para algumas sociedades mais tradicionais, introduz uma nova perspectiva para as sociedades modernas no modo dos seres humanos se relacionarem com a natureza. Nessa parte é de importante valor os textos de Arthuro Escobar (2015) e Mario Blaser (2013) sobre as "lutas ontológicas".

O terceiro capítulo explora o segundo tema basilar da dissertação: as emoções. A partir de uma revisão bibliográfica sobre o lugar das emoções na sociologia e na antropologia, são trabalhados textos de Michelle Rosaldo (1984) e Catherine Lutz (1988). A seguir é discutida a conexão existente entre os afetos e os movimentos sociais, tal como inicialmente explorada em *Passionate politics* (2001), volume editado por Jeff Goodwin, James Jasper e Francesca Polletta. A ideia de choque moral, apresentada em *Passionate politics*, é aqui analisada por meio de autores que relacionam emoção e resistência, de modo a permitir relacionar as motivações para o engajamento e a permanência na luta. Nessas seções foram utilizados trabalhos de Cristiana Losekann (2017), Anne Kane (2001)*;* Maria Claudia Coelho e Susana Durão (2012), Bruno Zilli (2017), Albert Hirschman (1983) e Howard Becker (1960). Por fim, tendo por base a obra de Jacques Godbout (1999) é realizada uma associação entre luta e dádiva.

O quarto capítulo traz uma descrição do objeto de pesquisa propriamente dito, com uma apresentação sobre a região das Vargens e o bairro de Vargem Grande, seguida pela exposição sobre o Plano de Estruturação Urbana (PEU), compreendido como o principal motivador para a formação de resistência à remoção, a Articulação Plano Popular das Vargens (APP).

Os dois últimos capítulos debruçam-se sobre a análise das entrevistas, de maneira que o quinto capítulo explora os aspectos pertinentes à relação dos moradores com o bairro, observando as emoções que surgem por meio dessa interação. São importantes para o estudo conceitos como "contato", "percepção" e "identidade" para se compreender o sentimento nutrido em relação a Vargem Grande. Já o sexto capítulo trabalha com as emoções vivenciadas pelos moradores na luta contra a remoção, abordando alguns temas como os conflitos internos dentro do grupo, a participação em outras ações políticas e as razões para lutar.

Por fim, a análise das entrevistas apoiada na fundamentação teórica trabalhada permite chegar à conclusão de que a resistência contra a remoção não se restringe ao receio de perder a casa, uma vez que envolve a perda de vínculos sociais e afetivos, da memória e da história construída no e em torno do bairro.

Roteiro de perguntas

1) Qual sua história com Vargem Grande?
2) Qual era o aspecto físico de Vargem Grande?
3) Qual é sua relação com o local hoje?
4) Quais aspectos de Vargem Grande lhe agradam?
5) Você pensa ou pensaria em morar em outro lugar? Em caso negativo, por quê?
6) O que você sentiria se tivesse que ir embora de Vargem Grande?
7) Como você recebeu a notícia da volta do PEU? O que você sentiu?
8) Essa notícia teve relação com o seu engajamento na luta contra a remoção?
9) Já era/foi envolvido em algum movimento social antes da APP?
10) O que levou você a se envolver com a APP?
11) O que você espera conseguir com a resistência?
12) Você acha que vale a pena lutar?
13) Quais são seus receios caso o PEU se concretize?

1. NOSSO LUGAR NO MUNDO: SOMOS PORQUE SOMOS E SOMOS PORQUE ESTAMOS[1]

Até os pássaros, consoante os lugares,
vão sendo muito diferente"[2]
Guimarães Rosa.

1.1. **Somos seres geográficos**

Lugares são espaços de interação e, inspirado no conceito sociológico de tríade criado por Simmel (2013), podem ser pensados como o terceiro elemento que não permite a sobreposição de uma individualidade a outra. O lugar é encontro, consigo mesmo e com o outro e "A qualidade das relações que nos conectam ao mundo faz de nós quem somos, para melhor ou para pior" (VANDENBERGHE, 2018). Nesse sentido, passamos a ser seres geográficos, *Homo geographicus.*

Dentre esses seres estão contidos outros três tipos: *Homo naturalis*, *Homo socialis* e *Homo intelectuallis.* Isso significa dizer que a compreensão sobre o nosso lugar no mundo perpassa o entendimento sobre três categorias que compõem o espaço: natureza, relações sociais e significados (SACK, 1997). Enquanto geógrafo relacional, Robert Sack em sua obra *Homo geographicus* defende que o ser humano possui uma natureza geográfica desenvolvida a partir de "uma estrutura relacional geral", a qual garante aos indivíduos uma "agência geográfica". Compondo essa estrutura estão os fatores (natureza, as relações sociais e os significados) que ao interferirem mutuamente tornam possível para as pessoas saberem onde estão e para onde devem ir.

Qualquer local que se imagine está impregnado de natureza, seja ela humana ou não-humana. Mesmo em regiões inóspitas e praticamente intocadas como o continente gelado da Antártica há elementos naturais, tais como gelo, ar e vida animal, e segundo lembra Sack (1997), elementos sociais e significado. Mesmo lá onde a vida humana é desincentivada, as relações sociais estão presentes através de acordos, tratados e leis sobre a sua preservação. Nas cidades densamente povoadas, a natureza formada por flora, fauna, porções de água e superfície

[1] Aqui a relação que tento estabelecer com o emprego do verbo "estar" é o de localizar, assim, somos porque estamos em algum lugar e por extensão, porque nos localizamos em algum lugar.

[2] Transcrição de uma passagem da fala de Riobaldo, personagem do livro Grande Sertão: Veredas de João Guimarães Rosa.

terrestre pode ser menos evidente e menos valorizada, a depender se ela é vista como parte do lugar ou não (IBID., 1997).

Nos espaços em que há menos elementos naturais o indivíduo deixa de ser parte do ambiente, interrompendo o *continuum* natureza-humanidade e introduzindo a oposição natureza/cultura. A partir dessa situação, a mente cria uma "segunda natureza", na qual plantas, animais, rios passam a estar submetidos às necessidades e interferências humanas. Esse novo ambiente composto por menos natureza e onde passam a prevalecer as relações sociais e o significado torna-se a cultura. Isso é o que entende Sack (19997, p. 81, grifos do autor) quando afirma que

> Essa segunda parte do continuum, que começa considerando a natureza um lugar e termina com o lugar apresentando menos natureza, é o que muitas pessoas pensam agora quando elas miram para a distinção entre natureza e cultura – e *cultura* nesse contexto é o termo apropriadamente limite para contrastar com *natureza*, por isso inclui lugares onde ocorrem relações sociais e significado. Existe uma preocupação com a natureza nessa parte do continuum. Quando as pessoas dizem que natureza é construída socialmente, que está sendo transformada, que está em perigo e que deve ser salva, elas estão se referindo a essa "segunda" natureza que surge por causa do lugar.

A sociedade moderna desenvolve-se em meios mais amplos, com fronteiras mais porosas e espaços compartimentados, resguardando pessoas e coisas no seu interior. Os lugares, apesar de interconectados são vazios de significância e seu bom funcionamento depende de não o notarmos. Apenas quando há algum problema é que tomamos consciência deles e nesse processo prestamos atenção mais ao local do que às relações que se desenvolvem lá. Porém, conforme alerta Sack (1997), do mesmo modo que não podemos trabalhar quando há um vazamento no escritório, não conseguimos estudar quando as relações sociais são caóticas. Portanto, quando se aborda o território ele necessariamente precisa vir acompanhado das interações existente, de maneira que o lugar deve ser entendido para além da sua estrutura física e dos seus limites. A importância que se dá aos elementos naturais em detrimento das trocas humanas constitui uma maneira enfraquecida de se abordar a paisagem e nesse sentido o posicionamento de Besse (2014, p. 36-37, grifo do autor) vai de encontro ao de Sack e ajuda a introduzir o fator "significado".

> [...] entre todas as razões que se pode ter para preservar um fragmento de paisagem, a razão estética é certamente a mais pobre. Temos que achar novos critérios para avaliar as paisagens, existentes ou futuras. Para tanto, é preciso abandonar o ponto de vista do espectador e se questionar sobre o interesse que o ser humano teria de viver nessas paisagens. As perguntas que devem ser feitas não são *primeiramente* estéticas, mas sim as seguintes: quais possibilidades oferece a paisagem para o ser humano viver, para ser livre, para estabelecer relações sensatas com os outros homens e a própria paisagem? Qual é a contribuição da paisagem para a realização pessoal e a mudança social? A resposta de J. B. Jackson a essas perguntas é inapelável: nunca se deve

> mexer na paisagem sem pensar naqueles que vivem nela. Afinal de contas, se a paisagem tem um sentido e, sobretudo, se o projeto de paisagem pode ter um sentido, é porque o desafio é tornar o mundo habitável para o homem. O eixo central da reflexão está aí: a paisagem é a expressão de um esforço humano, sempre frágil e a ser recomeçado, para habitar o mundo.

Sack (1997, p. 66) afirma que "todo lugar possui significado". Os significados são frutos da consciência e juntamente com as ideias motivam as ações, porque ambos são poderosos e inescapáveis. Assim, como os outros fatores, o significado é influenciado pela natureza e pelas relações sociais e na medida em que um território permite a combinação de todos eles, esse lugar adquire valor, logo sentido. No entanto, o sentido dado a um lugar não é compartilhado integralmente por toda a sociedade. Essa variação depende, por exemplo, do tipo de experiência que proporciona, como o lazer. Para Sack (1997), ambientes que possuem significância precisam proporcionar relaxamento e divertimento para que os indivíduos não corram o risco de estarem sempre em contato e acabem não tendo nada novo para dizer.

Um outro aspecto que altera o significado é a capacidade de ver o lugar como aparência ou essência. A aparência permite um olhar superficial sobre o espaço, que não é visto como abrigando relações verdadeiramente reais. Nesse tipo de situação, as interações espaciais são desprezadas e o lugar adquire significado pelo que ele aparenta ser. "Porque a visão é o nosso sentido dominante, a aparência da paisagem e das pessoas e das coisas nela é o mais importante" (IBID., p. 95). A essência permite ver a realidade que se esconde por debaixo das camadas de superficialidade. Para além da paisagem que se mostra como a aparência, o lugar deve ser visto a partir das camadas de interpretação, as quais dão significado. A partir de quem vê a realidade pode ser a aparência ou a essência, por meio das quais o valor e o impulso de cuidar ou de preservar o ambiente natural ou construído vai ser considerado ou não.

1.2 **A relação afetiva com o lugar**

1.2.1 O Conceito de Topofilia: ambiente e vínculos emocionais

Por volta da metade dos anos 1960, duas principais abordagens nortearam a discussão ecológico-ambiental: a primeira buscava identificar os problemas e buscar soluções, enquanto a segunda tendia a refletir acerca das "forças complexas que mantêm o mundo natural" (TUAN, 1980, p. 2). Nenhuma delas, porém, preocupava-se em situar o homem na sua relação com o meio ambiente a partir de suas percepções, atitudes e valores.

Nesse contexto, o geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan procura no livro *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*, publicado no Brasil em 1980, analisar como o lugar enseja uma variedade de sentimentos que transcendem o tempo e o espaço e que variam com idade, gênero, nível intelectual, renda e expectativas humanas, dentre outras variáveis. Para tanto, a obra é esquematizada em capítulos formulados após pesquisas de campo "realizadas com diferentes finalidades" resultando em trabalhos "altamente heterogêneos, no conteúdo e na apresentação" (IBID., p. 2), que podem ser agrupados da seguinte maneira:

> (1) Como os seres humanos, em geral, percebem e estruturam o seu mundo. São procurados traços humanos universais; (2) Percepção e atitude ambientais como uma dimensão da cultura ou da interação entre cultura e meio ambiente. Pessoas analfabetas e comunidades pequenas são examinadas em algum detalhe e numa abordagem holística; (3) Tentativas para inferir atitudes e valores ambientais com o auxílio de pesquisas, questionários e testes psicológicos; (4) Mudanças na avaliação ambiental como parte de um estudo da história das idéias *(sic)* ou da história da cultura; (5) O significado e a história de ambientes como a cidade, o subúrbio, o campo e o selvagem (IBID., p.2).

Tuan trabalha com a ideia de que percepções, atitudes e valores em relação ao meio ambiente são construções culturais e, portanto, variam de pessoa para pessoa, de grupo para grupo. No entanto, por mais que existam formas diferentes de se perceber e vivenciar um mesmo mundo, o homem médio está limitado "a ver as coisas de uma certa maneira" (IBID., p. 6) já que compartilha das mesmas ferramentas capazes de proporcionar tais experiências: os sentidos.

A visão permite captar informações distribuídas espacialmente de forma detalhada e específica, ajudando na identificação de cor, profundidade, altura, bem como a diferenciação de objetos, que dentre outras possibilidades, constituem ações significativas "para progredir no mundo" (IBID., p. 6). Não menos relevante é o tato, o qual viabiliza a sobrevivência mesmo quando falta qualquer um dos outros sentidos. A audição, apesar de pouco desenvolvida se comparada com outros animais, tem sua relevância ao conseguir sensibilizar mais do que a visão e fornecer dados espaciais importantes que complementam o campo visual. Já o olfato garante experiências sensoriais o mais próximo possível da topofilia, uma vez que "o odor tem o poder de evocar lembranças vívidas, carregadas emocionalmente, de eventos e cenas passadas", resgatando "todo um complexo de sensações" (IBID., p.11).

Os sentidos contribuem com noções que tornam a vida mais fácil e, em muitos casos, possível, porém é necessário que sejam trabalhados em conjunto de modo a possibilitar uma adequada percepção, já que aquilo que é visto objetivamente, por exemplo, prescinde do ouvido e do sentido para ser vivenciado com mais fidelidade. É justamente essa combinação sensorial

que propicia relações e atitudes para com o espaço diferentes para cada cultura, ainda que os órgãos dos sentidos sejam similares.

No que diz respeito ainda aos traços comuns, Tuan passa do corpo para a mente humana. Segundo o autor, ela congrega um conjunto de símbolos e sinais criado para dar significado ao mundo exterior, de maneira que essa criação "é um resultado dos processos mentais – de modo semelhante, mitos, fábulas, taxonomias e ciência" (IBID., p. 15). Assim, a mente seria responsável por estabelecer associações ambientalmente consideráveis, como a tendência para perceber os objetos proporcionais ao tamanho do corpo humano, vindo daí a necessidade de construir mapas em escala que abarquem milhares ou milhões de quilômetros; para organizar os fenômenos em segmentos, como uma floresta em árvores, arbustos, rocha e pedra e as direções em norte, sul, leste e oeste; e para arranjar a natureza a partir de oposições binárias, como terra e céu, montanha e vale, campo e cidade, centro e periferia.

É essa forma de organização em pares opostos que enseja um terceiro mediador, que comumente se coloca numa posição central. Nos esquemas que interpretam os eventos da vida terrena a partir do cosmo, associando uma substância a uma cor que sugere uma direção ou um animal, que logo remete a um traço da personalidade humana ou estado de ânimo, "a terra medeia entre as forças do mundo superior e do das profundezas" (IBID., p. 19). Assim, num sistema cosmológico, o centro funciona como um símbolo que "reconcilia as tendências bipolares das direções cardiais" (IBID., p. 19). Nesse mesmo contexto, outros símbolos como os mitos, as lendas e os contos correspondem a tentativas de interpretar as contradições com as quais o homem se depara, a exemplo dos dilemas vida/morte, nós/eles.

A despeito dessa última antinomia, Tuan chama a atenção para o forte egocentrismo e etnocentrismo que caracteriza toda a humanidade. A inclinação para estruturar o espaço – geográfico e cosmológico - pondo a si próprio ou seu grupo no centro influencia na ilusão de superioridade. Essa posição superior mostra-se na ideia, amplamente compartilhada por diferentes povos, de que se perdem atributos humanos na proporção em que se distanciam do centro e consequente na estima que se tem por quem está mais próximo, bem como na propensão a se "exagerar o tamanho do território natal em detrimento dos territórios vizinhos" ou de "superestimar sua própria importância frente ao resto do mundo" (IBID., p. 39-40), observado tanto em sociedades mais simples, esquimós Aivilik como nas mais complexas. O conhecimento de "alguma coisa da fisiologia humana e da diversidade do temperamento", também seria necessário para uma melhor compreensão das atitudes ambientais.

No que tange ao primeiro ponto, o geógrafo mostra como sexo e idade influenciam no relacionamento com o meio. Mulheres e homens têm características corporais que gerariam

diferentes respostas em relação ao mundo e papel significante na maneira como crianças organizam o espaço, de modo que "'alto' e 'baixo' são variáveis masculinas; 'aberto' e 'fechado' são modalidades femininas" (IBID., p. 62); meninas identificam-se com os conceitos de interior, em desenhos, as pessoas e os animais estão dentro do recinto e, normalmente, estáticas; já os meninos representam seres e objetos no exterior, fora das construções e quase sempre em movimento.

As pessoas mais velhas vivenciam o lugar de forma diversa dos jovens. Uma vez que os sentidos se tornam menos precisos, o futuro e o espaço horizontal, tão significativos para a juventude, perdem valor na velhice. Assim, "o velho pode chegar a se envolver emocionalmente com acontecimentos e objetos próximos, de uma maneira que é reminiscente do mundo da criança" (IBID., p. 67). No que diz respeito aos aspectos comportamentais, há o entendimento de que traços de personalidade e temperamento "se relacionam com certas habilidades especializadas, importantes na estruturação do mundo" (IBID., p. 55), de sorte que um estudo de 1964 encontrou o seguinte resultado:

> 1. A instabilidade emocional está melhor associada com os baixos escores nos testes espaciais do que nos verbais. 2. As características da personalidade como a auto-confiança *(sic)*, perseverança e vigor estão relacionadas com altos escores nos testes espaciais ao contrário dos verbais. 3. As pessoas com notáveis habilidades espaciais têm atitudes e interesses masculinos; tendem a ser introvertidas e associais. Ao contrário, as pessoas com habilidades verbais relativamente notáveis são extrovertidas e provavelmente têm atitudes e interesses femininos. 4. Uma pessoa com notável habilidade espacial apreenderá mentalmente uma cifra com unidades relativamente grandes. Ela a olha como um todo, em lugar de permitir que sua atenção vagueie de um elemento para outro. Ela tende a classificar os objetos mais pela forma do que pela cor (MACFARLANE SMITH, 1964 *apud* TUAN, 1980, p.56).

As habilidades verbais também funcionariam, assim, como significativas referências de análise das atitudes emocionais. Nesse diapasão, Tuan examina como personagens criados por Tolstoi, Dostoievski, T.S. Eliot, Carl Sandburg, E. E. Cummings e Virginia Wolf foram bem-sucedidos em "expressar claramente as diferenças sutis na visão do mundo" (IBID., p. 56). Por fim, através do temperamento ascético, o autor mostra como essa característica marcada pela "preferência por um meio ambiente austero, despido como o deserto ou a cela de um monge" pode ser "percebida como vontade, domínio do espírito sobre a matéria" (IBID., p. 59). Desse modo, essa conduta, que abre mão das facilidades e abundâncias desejadas pela maior parte dos sujeitos, encontra na natureza mais severa o consolo para os anseios humanos.

Partindo para a investigação das atitudes e preferências de um grupo, Tuan argumenta ser imprescindível conhecer a sua história cultural e o seu ambiente físico, na medida em que ambos os conceitos estão intimamente ligados. Para isso, o geógrafo mostra como a cultura pode influenciar a percepção citando como modelo a alucinação. Este fenômeno, comum a uma

minoria dentro de uma sociedade e presente nos mais variados povos, “parece seguir as regras da percepção normal” (IBID., p. 69), de maneira que ao invés de corresponder a um traço de ingenuidade, deve ser interpretado como “um sintoma de tensão” (IBID., p. 69).

Assim, quando a sensação criada é imediatamente seguida de interpretação, há a experiência enquanto percepção em sentido estrito. Contudo, quando ocorre um lapso de tempo entre o sentir e o interpretar, formam-se conceitos numa tentativa de racionalizar o acontecido. No primeiro caso é onde repousa a verdade, já que esta “não é dada através de nenhuma consideração objetiva de evidência”, mas “subjetivamente admitida como parte da experiência e da perspectiva global da pessoa” (IBID., p. 70). Nesse sentido, a cultura atuando sobre os papéis desempenhados pelos sexos e sobre a espécie de vínculo existente com o lugar, determina o tipo de experiência vivenciada.

Nos agrupamentos em que as funções de homens e mulheres são bem estabelecidas, frequentemente presentes em adultos de classe média baixa e baixa, observa-se que a preferência por residir longe dos centros urbanos, no caso do sexo masculino, está associada à “paz e tranquilidade (sic) do campo após um dia de trabalho, assim como a oportunidade para ‘zanzar pela casa e jardim’”, enquanto que para o feminino, tem a ver com a possiblidade de “fazer novas amizades e ‘ter bons vizinhos’” (IBID., p. 72), de acordo com uma pesquisa realizada com estadunidenses de classe média moradores de Nova Jersey.

Já no que diz respeito ao perfil ditado pelo tipo de ligação com o território, as percepções também mudam na medida em que somente o visitante tem um ponto de vista que “pode ser simples, é facilmente enunciado” (IBID., p. 73). Já o nativo “tem uma atitude complexa derivada da sua imersão na totalidade de seu meio ambiente” (IBID., p. 72), o que a torna difícil de ser expressa apenas por meio do comportamento, tradição local, conhecimento e mito. Nesse ponto, é possível perceber que a visão do turista é muitas vezes frívola, altamente estética e apática “em relação às vidas e valores dos habitantes” (IBID., p. 74), ainda que mais apurada para notar defeitos e contribuir com uma perspectiva nova” (IBID., p. 75).

As atitudes ambientais não são sempre as mesmas e podem mudar com o tempo. Esse tipo de experiência pode ser mais comumente observada em relação a elementos da natureza que desafiam o controle humano, como é o caso das montanhas, mares e desertos. Esses tipos de ecossistemas, que não são facilmente domesticados, costumam vir acompanhados de uma pesada carga emocional. Assim, no caso da montanha, do mesmo jeito que foi considerada “insolente, rude, ambiciosa, árida, ameaçadora do céu, arrogante, deserta, rústica, inóspita, gelada, inútil, corcova, solitária, esquecida, melancólica, sem caminho” (NICOLSON, 1962

apud TUAN, 1980, p. 83) no século XVIII, foi cantada como digna de uma beleza sublime, cem anos depois pelos poetas românticos.

Para prosseguir na compreensão do "efeito do ambiente físico na percepção, atitudes e visão do mundo" (IBID., p. 86), o autor começa por mostrar como moradores de cidades e de regiões de climas frios vivenciam um mundo mais ortogonal do que aqueles que moram no campo e em áreas mais quentes. A explicação é que no primeiro caso, os centros urbanos são "repletos de linhas retas, ângulos e objetos retangulares" (IBID., p. 87), bem como o são o interior das construções nas quais as pessoas de áreas com temperaturas mais baixas passam a maior parte do tempo. Em contrapartida, a natureza amplamente presente no campo e mais aproveitada por residentes de lugares de climas mais amenos "carece de retangularidade" (IBID., p. 88).

Desse modo, residir na zona rural ou na urbana exige uma série de habilidades e adaptações associadas a uma visão de mundo que é construída necessariamente pelos elementos do ambiente físico e social de um povo. Assim, a nível de exemplificação, os pigmeus BaMbitu que vivem na floresta equatorial do Congo, devido às características do seu habitat marcado pela ausência de horizonte, de marcos visuais e temporais, possuem um sentido de tempo restrito, uma falta de interesse pelo passado e uma acuidade visual que se limita a curtas distâncias. Por outro lado, a floresta "atende todas as suas necessidades e com ela mantêm uma estreita identificação" (IBID., p. 93). O oposto disso são os índios Pueblo do semiárido dos EUA, para quem, por lidarem com um ambiente mais estratificado e bem definido espacialmente, plano e multicolorido, o tempo importa e é demarcado pelas estações do ano, bem como o são o lugar e o sentido de direção.

1.2.2 Topofilia e Meio-Ambiente

A questão central da obra é o conceito de "topofilia". Esse neologismo inclui "todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material" (TUAN, 1980, p. 107) que podem diferir em intensidade, sutileza e modo de expressão. Podem corresponder desde a um deleite estético e efêmero como o experimentado pelo turista até um sentimento mais profundo, complexo e duradouro como o do camponês. Nesse último caso, a duração é mais pessoal e prolongada quanto mais mesclada com lembranças.

Para que a topofilia exista é necessário contato físico com a natureza que vá além da apreciação visual. É por esse motivo que nas pessoas que lidam mais diretamente com a terra, seja porque ela constitui o seu lar, o *locus* de suas memórias ou o lugar de onde tira seu sustento,

é mais pronunciado o sentimento topofílico, sendo compreensíveis declarações do tipo "'Para mim, minha terra está sempre aí, esperando-me e é parte de mim, bem no fundo do meu ser; é tão minha como meus braços e pernas" ou "A terra é amiga e inimiga; é as duas coisas. A terra dirige meu tempo e meus estados de ânimo; se a colheita vai bem, eu me sinto bem, se há problemas com ela, há problemas comigo'" (COLES, 1971 apud TUAN, 1980, p. 111-112).

Esse mesmo amor ao lugar entre os agricultores varia de acordo com a sua situação socioeconômica e com a intransigência da natureza. Nos mais humildes, é resultado do orgulho de sua própria força física e habilidade para arar; nos mais abastados, provém de ser dono da sua propriedade e de torná-la mais produtiva. Quanto à intransigência da natureza, a afeição desenvolve-se justamente pela dificuldade em domesticar a terra e pelo "desafio de fazê-la produzir" (SAARINEN, 1966 apud TUAN, 1980, p.112).

Outro ponto intimamente associado à topofilia é a familiaridade, não só pela intimidade com o objeto que ela engendra, mas porque muitas vezes os pertences de uma pessoa funcionam como uma extensão do seu próprio ser. Nesse diapasão é esclarecedor o seguinte extrato:

> Além da roupa, uma pessoa no transcurso do tempo, investe parte de sua vida emocional em seu lar e além do lar, em seu bairro. Ser despejado, pela força, da própria casa e do bairro é ser despido de um invólucro, que devido à sua familiaridade protege o ser humano das perplexidades do mundo exterior. Assim, algumas pessoas são relutantes em abandonar um velho casaco por um novo, algumas pessoas – especialmente idosas – relutam em abandonar seu velho bairro por outro com casas novas (TUAN, 1980, p.114).

Fica ainda mais evidente o papel que a memória e a história ocupam nessa relutância, uma vez que a mudança para o novo pode constituir sua perda, e não apenas do lugar. É desse modo que Tuan salienta o patriotismo como um exemplo de topofilia, já que pode representar um sentimento estritamente local, o que ele chama de patriotismo local oposto ao imperial. Isso porque, a afeição surge do que está próximo e do que é humanamente abarcável, de onde tem-se que

> Tal como o pretenso 'amor pela humanidade' levanta nossas suspeitas, também a topofilia soa falsa quando é manifestada por um extenso território. Parece que a topofilia necessita um tamanho compacto, reduzido às necessidades biológicas do homem e às capacidades limitadas dos sentidos. Além disso, uma pessoa pode se identificar mais facilmente com uma área, se ela parece ser uma unidade natural. A afeição não pode se estender a todo um Império, porque frequentemente, este é um conglomerado de partes heterogêneas, mantidas unidas pela força. Ao contrário, a região natal (pays) tem continuidade histórica e pode ser uma unidade fisiográfica (um vale, litoral, ou afloramento calcário) pequena o suficiente para ser conhecida pessoalmente" (IBID., p.114).

Em uma alternativa à cidade, complexa e corrupta, o autor observa que quando há um desenvolvimento da sociedade, os sujeitos tendem a apreciar a natureza e a sua simplicidade, e a valorizar a vida no campo. Não é à toa que escolhas por regiões de praia, vale e ilha são feitas

quando se busca um refúgio à agitação urbana. A predileção por esses ambientes se dá porque eles estimulam a concepção de lugares ideais.

A praia possuiria, além da beleza estética, uma união agradável de areia, sol e água. O mar fornece alimento ininterrupto, possibilidade de lazer e de cura para quem acredita que "a água do mar e o banho de mar contribuem para a saúde" (TUAN, 1980, p. 133), como foi crença no século XVIII. Por sua vez o vale atrai por possuir um ecossistema diversificado, como solos férteis e porque, simbolicamente, é identificado com o útero, o que daria uma noção de refúgio. Já a ilha, apesar de não "reivindicar abundância biológica" (IBID., p. 135), reside no imaginário, porque "simboliza um estado de inocência religiosa e de beatitude, isolado dos infortúnios do continente pelo mar" (IBID., p. 135).

1.2.3 Do Cosmo à Paisagem

Os exemplos anteriores ajudam a explicar a mudança ocorrida na forma de perceber o mundo, que passou da representação do cosmo vertical para "um segmento plano, estático, da natureza, denominado paisagem" (TUAN, 1980, p. 148). A verticalidade cosmológica tem forte afinidade com a noção de transcendência e com uma ideia especial de tempo, de modo que tanto nas sociedades simples dos bosquímanos do deserto de Calaari quanto entre os agricultores de subsistência de latitudes baixas, o cosmo e seus elementos regulam a existência humana. "A vida na terra depende dos acontecimentos no céu. O desaparecimento do sol e das estrelas, abaixo do horizonte, sugere a existência de um inferno, oposto do céu" (TUAN, 1980, p. 151).

A transformação na visão de mundo, evidenciada na ciência física, na literatura e na pintura paisagística, pode ser analisada a partir da mudança de significados das palavras "natureza", "paisagem" e 'cenário". A primeira significava o todo, tinha dimensões de altura e profundidade e características mais homéricas; com o surgimento das outras duas, que remetem a um controle maior do meio ambiente, "ganhou qualidades menos pretensiosas de charme e de beleza natural" (IBID., p. 152). Nesse sentido, progressivamente, a natureza vai ocupando espaço na cena cotidiana através dos jardins paisagísticos, desempenhando diversificadas funções como a de contemplação e recolhimento, caso dos claustros e mosteiros; a de refúgio da vida pública, para os romanos; de possibilidade de contato mais direto com a natureza, a exemplo dos habitantes de grandes cidades.

No instante da passagem do cosmo para a paisagem, perdem-se os simbolismos e adquire-se um caráter mais cientificista. O mundo tradicional, antes rico de "linguagem ordinária e ritual", torna-se um mundo moderno que "aspira a ser transparente e literal" (IBID.,

p. 162), pobre de emoção. Não é por acaso que nas sociedades pré-científicas existia uma forte correlação entre "a interpretação simbólica e a atribuição do sagrado a lugares e às paisagens" (IBID., p. 162), advindo, por exemplo, da crença de que por representarem "o centro, o eixo ou o umbigo do mundo" herdaram o caráter sagrado do "ato primordial da criação" (IBID., p. 168).

1.2.4 Cidade Ideal, Transcendência e Vida Urbana

Passando para a análise da percepção do ambiente no âmbito urbano, a cidade surge como um ideal humano e ambiental, na medida em que "libera os seus cidadãos da necessidade de trabalhar incessantemente para manter seus corpos e do sentimento de impotência diante dos caprichos da natureza" (TUAN, 1980, p. 172). Para tanto, ao ser encarada "como um símbolo do cosmo (...) adota uma forma geométrica regular, do círculo, do quadrado, do retângulo ou de qualquer outro polígono" (IBID., p. 175), estando em muitos casos, cercadas por muralhas concêntricas e possuindo no centro do desenho as construções mais importantes, seja o palácio, o templo ou a capital. O efeito cosmológico interferia ainda na configuração social, a ponto dos artesãos e comerciantes ocuparem posições inferiores na hierarquia social, porque diferentemente dos agricultores, seu trabalho não dependia dos ciclos da natureza.

As cidades, na busca de se ligarem ao cosmo, "realiza(m) algum gesto público buscando o transcendental, exibindo um monumento ou uma fonte, uma praça ou um bulevar que é mais espaçoso do que as necessidades do tráfego mundano" (IBID., p. 199). Esses símbolos, enquanto lugares, exercem influência sobre as atividades de um povo e moldam seus estilos de vida. Partindo de um elemento urbano mais simples, a rua, Tuan observa que as pessoas têm experiências bastante desconexas. O transeunte observa a vida de um ponto de vista diferente dos que se encontram encerrados em veículos motorizados privativos, acessíveis aos mais ricos. Assim, os meios de locomoção produziram uma separação tanto espacial quanto social, como é aparente em Los Angeles.

A cidade estadunidense, conhecida como metrópole do automóvel, caracteriza-se pela quantidade de vias expressas que como consequência exigem o uso de propagandas gigantescas e excessivas, além de uma arquitetura monumental para chamar a atenção dos motoristas em alta velocidade. A presença de carros gerou a criação de compridas e retas ruas comerciais, do aumento no número de "estacionamentos, postos de gasolina, oficinas mecânicas, lojas de auto peças [sic], (...) motéis e diferentes tipos de lugares para comer" (IBID., p. 220) e da ausência quase total de pedestres circulando pelas calçadas.

As horas do dia também moldam a percepção e avaliação dos logradouros públicos. Antes da existência de iluminação artificial, o acesso à rua e o "ritmo da vida cotidiana era ditado pelo sol" (IBID., p. 201); após, passou a ser possível vivenciá-la mesmo durante a noite. É curioso notar que em "um evidente contraste, agora a imaginação popular considera vida noturna como vida urbana. O turbilhão social, nas cidades modernas, aumenta após o escurecer" (IBID., p. 202).

Tuan detém-se na análise de cidades estadunidenses para esmiuçar as questões: "o que as pessoas vêem [sic] nos seus meios ambientes urbanos, como respondem a ele" (IBID., p. 222). Nesse sentido, uma das primeiras noções estabelecidas é a de que, por mais que em grandes metrópoles seja impossível "conhecer bem, senão um pequeno fragmento da cena urbana total", as pessoas têm uma "necessidade psicológica de possuir uma imagem da totalidade do meio ambiente" (IBID., p. 222) para se localizar. Assim importam tanto um senso do macro - grandes abstrações, a exemplo da cidade - como do micro - respostas específicas, como a rua.

Diferentemente da crença na cidade como alternativa ao problemático meio rural que precisa conviver com as intransigências da natureza, apresentado pelas civilizações antigas, o mito que povoou a mentalidade estadunidense foi o agrário. Desse modo, para "os americanos tornou-se um reflexo irracional ver a cidade como o agricultor e o intelectual a vêem [sic]: um antro babilônico de iniqüidade [sic], ateísta e anti-americana, impessoal e destrutiva" (IBID., p. 223) ao passo que se tornou comum a vida urbana vir junto à tendência dicotômica de combinar as facilidades e possibilidades da cidade com a tranquilidade do campo.

Contudo, há que se destacar que, no que tange aos centros urbanos, estes são acompanhados por uma série de símbolos específicos, como a cidade-monumento, onde os atributos físicos, geometrias e formas são "meios arquitetônicos para expressar um ideal do cosmo e da sociedade" (IBID., p. 228);os cognomes e epítetos dados à cidade de modo a evidenciar o orgulho cívico e a evidência econômica, a exemplo de Nova Iorque ou Grande Maçã, ou ainda Capital do mundo; os emblemas visuais associados à urbe, numa tentativa de "criar uma imagem favorável e [que] pouco respeita a complexidade da verdade" (IBID., p. 236), como o *skyline* de Manhattan para representar toda Nova Iorque.

Esses pontos são importantes para demonstrar como as percepções dentro de um mesmo ambiente podem ser bem diferentes de acordo com o tipo de experiência que se tem com o lugar e da classe social à qual se pertence. Nesse diapasão, o autor trata da questão do bairro urbano. De acordo com ele, este meio é marcado por fronteiras bem distintas; é isolado por fatores

econômicos, sociais e culturais; permite a convivência em um mesmo espaço de ricos e pobres, de regiões habitadas pela classe alta com favelas, guetos e subúrbios; e ainda assim,

> [...] os residentes dessas áreas não reconhecem com a mesma intensidade a sua própria singularidade. Os muito ricos conhecem bem os limites do seu mundo. 'Nós nos mantemos separados'. Os suburbanos da classe média podem ser ainda mais sensíveis de sua integridade territorial, porque seu mundo, em comparação com o do rico tradicional, é mais vulnerável à invasão de 'arrogantes' de fora. Os negros residentes nos guetos são obrigados a desenvolver uma consciência de seu território porque fora dele deparam com uma hostilidade inequívoca. Por outro lado, os moradores das favelas e os brancos residentes em guetos (por exemplo, os bairros de imigrantes europeus recém chegados pouco valorizam o fato de que ocupam distritos com qualquer característica especial dentro de limites definíveis (TUAN, 1980, p. 243).

Diferenças de classe, familiaridade, expectativas e interesses também atuam na forma de resistir a um processo de despejo como ficou visível no caso de West End, em Boston. Originariamente um distrito operário ítalo-americano, West End possuía um caráter multifacetado. Apesar dos limites bem definidos, não havia um verdadeiro sentimento de unidade, tanto que seus habitantes não se referiam a ele como "bairro" e seus comentários "geralmente careciam de emoção" (IBID., p. 247). Somente com a iminência de desapropriação, graças a um projeto de renovação da área, seus moradores tomaram "consciência da existência de West End como uma unidade espacial e cultural, porém poucos protestaram contra sua destruição. Alguns se sentiram seguros até o final, pois acreditavam que West End seria derrubado, mas sua rua não seria atingida" (IBID., p. 247).

Através desse caso emblemático, é possível explicar o posicionamento daqueles que de fato protestaram contra a remoção: alguns poucos artistas e intelectuais. Enquanto o "proprietário de classe média tem uma experiência íntima de sua casa" e um interesse "em seu bairro como um pedaço de terra cuja qualidade diretamente afeta o valor comercial de sua casa" e por isso o defende, o artista ou intelectual, que possivelmente não possui nenhuma propriedade, o faz por "razões estéticas e sentimentais" (IBID., p. 247). O exemplo de West End igualmente torna viável a compreensão dos graus de satisfação e afeição que as pessoas sentem pelos seus bairros. Conforme afirma Tuan (1980, 249), "em grande parte as pessoas estão satisfeitas com sua área residencial". Esse fato verifica-se mais entre moradores mais antigos e/ou de classes mais abastadas, já que "a familiaridade engendra aceitação e até afeição", enquanto as pessoas de renda alta "estão onde estão, por sua própria escolha e dispõem de meios para melhorar a qualidade do seu bairro" (IBID., p. 249).

Tendo o bairro como unidade capaz de levar à compreensão de aspectos da vida urbana e das relações do homem com o lugar, Tuan (1980, p. 259) chega às seguintes generalizações:

> (1) Bairro é uma idéia [sic] difícil de apreender. O espaço íntimo é sempre restrito, ainda que talvez mais amplo para as pessoas da classe operária do que para os

> habitantes ricos dos subúrbios. Para os primeiros o espaço íntimo é um segmento da rua, uma esquina ou pátio: este é o bairro sentido. Para o suburbano da classe média o espaço íntimo pode não ultrapassar sua casa e gramado. Como conceito, no entanto, bairro cobre uma área muito mais ampla na mente dos executivos "colarinhos brancos" do que na mente da classe operária pobre. (2) As pessoas, independentemente da classe econômica e cultura, tendem a julgar a qualidade de seu meio ambiente mais pelo que percebem ser um bom vizinho do que pela condição física do bairro. (3) A imaginabilidade de uma cidade, no sentido de quão nítidas e quantas imagens são percebidas e retidas na mente, necessariamente não melhoram muito com a experiência. (4) Uma cidade grande é frequentemente *(sic)* conhecida em dois níveis: um de grande abstração e outro de experiência específica. Em um extremo, a cidade é um símbolo ou uma imagem (expressa em um cartão postal ou um lema) pela qual podemos nos orientar; no outro, é o bairro intimamente experienciado.

1.3 **A "Sociologia do Espaço"**

1.3.1 O estudo do espaço na sociologia

Em 1903, o sociólogo alemão Georg Simmel debruça-se sobre o estudo do espaço, na esperança de que esse tema contribua "para a análise da existência social independentemente do fato de se reconhecer ou rechaçar esse programa como pertinente à sociologia" (SIMMEL, 2013, p. 1).

Ao iniciar seu argumento sobre o espaço, compara-o com o tempo e a análise comumente feita através das suas condições formais. Isso quer dizer que ambos são encarados como causas positivas de outros acontecimentos por suas formas, esquecendo-se que seus conteúdos interferem e "experienciam a particularidade de seus destinos apenas através de outros *conteúdos*" (IBID., p. 75, grifo do autor). A nível de exemplificação, demonstra que um império pensado como tal não leva em consideração apenas o perímetro, ainda que este não possa ser qualquer um, mas, também e principalmente, a influência de "forças psicológicas que mantêm os habitantes de tal região politicamente coesos a partir de um ponto central dominante" (IBID., p. 75).

O mesmo ocorre com ideias de proximidade ou distância espacial para a determinação de conceitos de vizinhança ou estranheza. Nesse último caso, importa sobremaneira os "*conteúdos* anímicos", fato evidente quando se compreende que "o espaço em geral é apenas uma atividade da alma, apenas a maneira humana de unir estímulos sensoriais em si desconexos em visões unitárias" (IBID., p. 76). Nesse sentido, lembrando Kant e sua definição de "espaço como a possibilidade de se estar junto" (IBID., p. 76), Simmel levanta a questão para outras

possibilidades, como modos de interação ou de sociação. Contudo, há situações em que ambas sofrem ação da forma espacial, momento em que se tornam relevantes para a sociologia.

> Assim, no interesse de perscrutar as formas de sociação, inquirimos o significado que as condições espaciais de uma sociação possuem, em perspectiva sociológica, para a sua determinação e desenvolvimentos restantes (SIMMEL, 2013, p. 76).

1.3.2 Qualidades fundamentais da forma espacial

A primeira delas chama-se exclusividade do espaço. Partindo do pressuposto de que o espaço geral é único e originário de outros menores e individuais, o sociólogo chama a atenção para a sua singularidade, de modo a ser um completo contrassenso "pensar no plural uma parte espacial localizada de maneira determinada" (SIMMEL, 2013, p. 76). Essa unicidade marca igualmente as formações sociais fundidas ou *solidárias* a uma determinada extensão de terra, originando duas espécies de associações paradigmáticas: o Estado e a comuna.

Neste, a sociedade inserida dentro do perímetro geográfico não dá margem para que surja uma segunda ocupando o mesmo lugar. Isso significa que o tipo de conexão formada entre os sujeitos está de tal forma vinculado ao território que um outro Estado é impraticável. Naquele, uma outra configuração social é possível, visto que "já que elas não possuem nenhuma relação interna com o espaço, também não podem entrar em colisões espaciais" (IBID., p. 77). Exemplo disso foram as inúmeras corporações de ofício de mesma composição sociológica coexistentes em uma cidade. Ao invés de identificarem-se espacialmente, elas definiam-se em termos de lugar e apesar de ocuparem uma mesma região e apresentarem semelhantes configurações, não se chocavam. Daí, tem-se que:

> Em relação a seu conteúdo, elas possuíam a exclusividade de preencher a extensão espacial, na medida em que, para cada ofício específico, existia justamente uma só corporação na cidade, e não havia espaço para uma segunda. Em relação à sua forma, inúmeras formações dessa espécie podiam preencher sem contradições o mesmo espaço (IBID., p. 78).

No que tange à espacialidade, é cabível fazer um paralelo com a oposição entre eterno e atemporal. Quando são ausentes noções de tempo, como agora, antes ou depois, as circunstâncias são acessíveis em qualquer momento, de modo contrário, o eterno inclui um sentido temporal de infinito e ininterrupto. Analogamente ao primeiro caso, as formações supraespaciais "não possuem relação nenhuma com o espaço (...), por isso, nutrem uma relação uniforme com cada ponto desse mesmo espaço" (IBID., p. 79), a exemplo da Igreja. Em simetria com o segundo, tem-se as formações que compartilham uma conexão constante e uniforme

“com todos os pontos espaciais em termos de uma solidariedade com o espaço que é real e fundamental em qualquer parte”, como ocorre com o Estado (IBID., p. 79).

A importância dessa compreensão objetiva “lançar uma luz especial sobre a essência formal de formações sociais variegadas” (IBID., p. 79), que se apresentam caracterizadas por uma fixação territorial total, acompanhadas por um senso de exclusividade devido à sua relação com o espaço ou por uma supraespacialidade completa, permitindo o surgimento de “condomínio de várias formações da mesma espécie por sobre o mesmo segmento espacial” (IBID., p. 79), já que não há vínculo com o território.

A segunda qualidade corresponde à delimitação do espaço. A partir da moldura, compreendida como “limite definido de uma formação por retroceder sobre si mesma” (IBID., p. 79), que ao mesmo tempo isola o meio do seu entorno e encerra-o em si mesmo, surge a noção de espaço enquanto unidade. Nesse contexto, uma sociedade contida em uma área com divisas bem definidas compartilha de uma sensação de coesão interna e vice-versa.

É nesse sentido que se observa o quão ligada está a questão da extensibilidade do espaço e a intensidade dos vínculos sociais, na medida em que a imposição de limites, arbitrados psicologicamente seguindo muitas vezes fronteiras políticas e não naturais, frequentemente, faz matizar as relações das pessoas entre si e com os de fora. Como exemplo Simmel discorre sobre os habitantes das montanhas e como as características desse meio e as dificuldades para transacionar com o mundo exterior garantiram como atributos uma “unidade peculiar de senso libertário e conservadorismo, de aspereza do comportamento recíproco e apego passional ao solo”, além de “um vínculo extraordinariamente forte entre eles” (IBID., p. 80).

De acordo com o sociólogo, além do limite espacial, existe o sociológico, o qual ocorre quando dois elementos exercem efeitos um sobre o outro, “mas o conteúdo desse efeito é justamente a determinação de *não* querer ou *não* poder operar para além desse limite; ou seja, sobre o outro” (IBID., p. 81), resultando em uma consciência de si, uma coerência interna e uma relação dinâmica com o centro que justamente é o que faz estabelecer o limite espacial de cada um.

Funcionando como uma divisão entre ambientes e pessoas e isolando-os dos outros e do que lhe é externo, a demarcação psicológica pode permitir a coexistência de dois elementos em um mesmo meio quando há uma linha limítrofe no seu interior que permita saber mais do seu vizinho do que o que lhe é revelado. No entanto, há um limite para esse conhecimento e nesse sentido, “limite é um acontecimento anímico, mais especificamente: sociológico” (IBID., p. 82), cuja importância reflete-se na estrutura da vida social uma vez que em tempos primitivos

e caracterizados pela indiferenciação o anseio pela imposição de limites psicológicos é menor do que nos tempos atuais marcados pelo individualismo.

A delimitação evidencia ainda a influência de forças de tensão presentes na estrutura interna de uma coletividade. Tendo em vista que "a estreiteza e amplitude da moldura de modo algum coincidem sempre com a pequeneza ou grandeza do grupo" (IBID., p. 83), ele será maior quanto menos campo essas forças têm para se chocarem com as fronteiras impostas. Contrariamente, quando as forças de tensão são intensas e tentam a todo momento ultrapassar a demarcação estabelecida, mesmo que se trate de um número reduzido de pessoas, o que se nota é a sua estreiteza.

A largura do contorno interfere também nos atributos psicológicos e sociais de uma multidão, na medida em que

> [...] sua impulsividade, seu entusiasmo, sua facilidade para o arrebatamento – se deve com certeza em parte também ao fato de que ou ela se encontra ao ar livre ou, ao menos, em uma localidade muito grande – em comparação com outros espaços de permanência. O grande espaço ao ar livre dá ao ser humano um sentimento de liberdade de movimento, de poder alcançar o indefinido, de estabelecer de modo indefinido metas amplas – algo que em quartos estreitos fica decisivamente dificultado, em termos sensoriais (IBID., p. 83).

Como consequência, espaços estreitos fazem aumentar um sentimento de coletividade fundindo cada sujeito em uma unidade que ultrapassa sua própria individualidade.

A fixação possibilitada pelo espaço constitui a terceira qualidade a agir sobre as interações pessoais. Sem considerar os significados de estabilidade e mobilidade a ela comumente associados, é introduzido o conceito de 'ponto de rotação' para justificar que "a fixidez espacial de um objeto de interesse provoca determinadas formas de relação que se agrupam em torno dele" (IBID., p. 85).

Esse ponto passa a adquirir relevância sociológica quando somente nele é possível o contato de elementos independentes. Assim, as cidades funcionam como pontos de rotação de toda espécie de transações, que por sua vez revelam as variadas formas de vida em seu interior. Desta feita,

> Se relações espirituais e sociáveis possuem um centro fixo em torno do qual circulam interesses e conversas, ou se simplesmente fluem seguindo a forma linear do tempo (...) isso condiciona visivelmente as maiores diferenças entre os esquemas de vida e determina, por meio de lutas e misturas constantes dessas vivacidades opostas, o curso real de nossas existências (IBID., p. 87).

O sentido de ponto fixado remete a outra significação sociológica designada individualização do lugar e a um sentimento de pertencimento. A ideia de estar instalado

permanentemente em um ambiente gera a vontade de individualizá-lo, de modo a torná-lo determinado e diferenciado dos demais.

Nesse diapasão, a "casa designada por meio do nome próprio deve dar àquelas pessoas uma sensação de individualidade espacial, de pertencimento a um ponto espacial *qualitativamente* fixado" (IBID., p. 88, grifo do autor). Por isso, a relutância de moradores do subúrbio de Saint Antoine em Paris em abandonar os nomes próprios dado às suas residências e aderir à numeração já existente.

Em resumo,

> O ser humano individualista, com sua fixidez qualitativa e a inconfundibilidade de seus conteúdos de vida, escapa, precisamente por isso, ao alinhamento em uma ordem vigente para todos, na qual teria uma posição perfeitamente calculável conforme um princípio invariável. Onde, inversamente, a organização da totalidade regula o desempenho de cada um conforme um sistema que é exterior a ele mesmo. O que lhe determina essa posição não é a norma interna ou ideal, mas a sua relação com o todo, e, por isso, o modo mais apropriado de determinar tal posição é recorrer a uma ordem numérica (IBID, p. 88).

Por último, tem-se proximidade ou distância sensoriais como as últimas qualidades. A partir da questão de qual o grau tolerado ou exigido destas nas formas de sociação, Simmel levanta a hipótese de ser possível ordenar a totalidade das interações em uma escala.

Para tanto, insere dois termos novos: capacidade de tensão espacial e capacidade de abstração. A relação entre eles é direta e mostra que "quanto mais primitiva a consciência, mais incapaz ela será de imaginar o mútuo pertencimento do espacialmente separado ou o não pertencimento mútuo do espacialmente próximo" (IBID., p. 91). Depreende-se então, que mentalidades menos complexas possuem mais facilidade para estabelecer com o lugar no qual estão inseridos um sentimento de pertencimento, uma vez que não há diferenciação entre o próprio sujeito e o seu entorno.

Nesse contexto, o homem procura apropriar-se de tudo o que seja alcançável em termos sensoriais, mostrando a ligação íntima entre proximidade sensorial e 'consciência de mútuo-pertencer', este último traduz-se na inexistência de indiferença ao ambiente. Assim,

> Em geral, contudo, na consciência primitiva apenas os contatos exteriores são os suportes daqueles internos – não importa quão diferentes eles sejam em seu caráter -; a imaginação indiferenciada não sabe bem distinguir os dois: como aliás, ainda hoje, no atraso das condições das cidades pequenas, a relação com o vizinho de casa e o interesse por este desempenham um papel bem diverso do que na cidade grande; nesta, pela complicação e confusão da imagem externa da vida, é-se acostumado a abstrações constantes, à indiferença em relação ao espacialmente mais próximo e ao vínculo estreito com o espacialmente mais distante (IBID., p.92).

Justamente por causa do baixo nível de abstração e de indiferença espacial, onde *self* e entorno/ interior e exterior fundem-se, as tensões sociológicas são consideráveis,

diferentemente do que ocorre nas consciências mais avançadas, onde a intelectualidade além de reduzir os extremos emocionais, estabelece uma distância entre as pessoas.

> Frente ao espacialmente próximo [...] costuma haver apenas sensações determinadas, de modo que essa proximidade pode ser o fundamento tanto da felicidade mais transbordante como da coerção mais insuportável. É uma experiência muito antiga o fato de que moradores de uma mesma casa podem estar apenas em pé de amizade ou de hostilidade. As exceções a essa regra confirmam o seu fundamento: por um lado, em casos de um nível educacional muito alto, por outro, na cidade grande moderna, podem ocorrer a completa indiferença e exclusão de qualquer reação emocional recíproca, quando a vizinhança [...] é absolutamente próxima. No primeiro caso, porque a intelectualidade predominante diminui as reações impulsivas aos [...] estímulos de contato; no segundo, porque os contatos incessantes [...] geram [...] a indiferença em relação ao espacialmente próximo [sendo este] um dispositivo de proteção sem o qual seria inevitável desgastar-se e rebentar animicamente, na cidade grande (IBID., p. 93).

Simmel relaciona ainda essas qualidades com os sentidos e observa que uma proximidade corporal quando acompanhada de uma possibilidade de fala ou conversa geram uma consciência de unidade maior do que quando o relacionamento se estabelece apenas pela visão. Tem-se assim, que a "proximidade conversacional gera uma relação muito mais individual do que a proximidade visual" já que "a lembrança do dito é infinitamente mais rica e sólida, e, na verdade, estabelece por si só a imagem da personalidade como totalmente única e pessoal" (IBID., p. 94). De igual importância é o olfato quando este determina nos contatos entre humanos e com o ambiente sensações de prazer e de desprazer que por sua vez definem um senso de ligação ou repulsa.

Esta última pode ocorrer mesmo em situações de proximidade corporal, quando a defesa contra intimidades inconvenientes exige um certo distanciamento espacial. O mesmo efeito, e o seu reverso, é observado na análise de grupos grandes e suas minorias mantidas coesas por interesses comuns. No momento em que elas estão em um estado defensivo frente à maioria e suas forças são parcas, a maneira de saírem vitoriosas é se dispersando pelo território; do contrário, ao perceberem a potencialidade de suas forças, a melhor estratégia é manterem-se unidas o máximo possível, "assim a coabitação estreita de minorias expostas proporciona uma probabilidade maior de resistência bem-sucedida, de ajuda mútua, de uma consciência mais eficaz do mútuo pertencimento" (IBID., p. 96).

Essas mesmas minorias, quando representam um poder central dentro de um grupo abrangente e coeso, favorecem o exercício de um "governo individualizante, cedente da autonomia das partes" (IBID., p. 97) oposto do que ocorre numa estrutura difusa, onde o domínio é o mais pessoal e poderoso possível, o que leva a seguinte conclusão: "A distância

local dos membros os remete a um poder central, a sua compacidade os afasta dele" (IBID., p. 97).

Porém, essa premissa não é observável quando se refere à totalidade do grupo. Nesse caso, uma comunidade cujos sujeitos encontram-se dispersos não tendem a recorrer a uma força central, mas a desenvolver tendências autonomistas, o que permite constatar que "o fator espacial da proximidade ou distância define a forma sociológica grupal de modo decisivo ou, ao menos, codecisivo" (IBID., p. 99).

2 O PERCURSO DAS LUTAS ATÉ OS DIAS ATUAIS

Eu sei que as demandas são grandes,
mas têm lutas coletivas que são muito maiores,
o enfrentamento é muito grande[3].
Guilherme

Os significados de movimento social, sociedade civil, ação política, ativismo, ação coletiva, associativismo, mobilização, entre outros, mudam. As teorizações sobre resistências feitas por grupos de pessoas com vistas a conseguir estabelecer uma nova ordem, que não seja necessariamente política, dão conta dessas discrepâncias, de modo que tais termos não sejam tratados como sinônimos. Suas trajetórias, bem como suas origens e características apresentam elementos que não se repetem fielmente nos outros. No entanto, em grande parte pelo fato deste trabalho não tratar sobre nenhum dos conceitos especificamente, proponho o emprego deles como sinônimos, na medida em que os considero contidos em uma concepção maior: a de luta.

Tendo em vista que o principal objetivo deste capítulo é entender que componentes fazem parte dessas lutas, sua configuração e sua situação no contexto atual, a não discussão sobre as distâncias epistemológicas e pragmáticas entre os termos, ajuda a encaminharmos para a compreensão central da pesquisa. Isso quer dizer que ao tratar sobre a luta e suas características, conseguimos compreender como se constituem seus integrantes para em seguida tratarmos das emoções envolvidas na insurgência. Para tanto, inicio, fazendo um levantamento histórico das disputas sociais a fim de mostrar como foram se moldando ao longo do tempo até chegar à configuração atual. Em seguida, relaciono alguns componentes relevantes para se entender o grupo formado em Vargem Grande, a saber: pluralidade de atores, internet, formação em rede e identidade coletiva. Por fim, apresento um recente[4] tipo de luta – "lutas ontológicas" - que vem ganhando a atenção de acadêmicos latino-americanos, com a finalidade de mostrar que, apesar de presentes em sociedade tradicionais suas demandas podem relacionar-se com as de sociedades modernas.

[3] Transcrição de uma passagem da fala de um morador de Vargem Grande em entrevista concedida à autora.

[4] Gostaria de esclarecer que a escolha do termo "recente" diz respeito ao ineditismo da luta nas análises acadêmicas somente, uma vez que sua ocorrência é antiga. Como ficará mais evidente na seção correspondente elas remontam ao início da industrialização, mas só passaram a ser estudadas nos anos 1990.

2.1 **Histórico das lutas**

2.1.1 No mundo

A historiografia das mobilizações coletivas começa no século XVIII[5]. Na transição do governo do rei George II para o da rainha Vitória, entre 1750 e 1840, a Inglaterra vivenciou o surgimento de uma série de transformações políticas que tornaram possível uma democracia parlamentar em larga escala (TILLY; SCHWEITZER, 1982). Esse é o período que marca o aparecimento de John Wilkes e do "primeiro movimento social moderno" (JASPER, 2016, p. 36). Fazendo uso de um arsenal mobilizador, que incluía o envolvimento da mídia, do parlamento e do apoio popular, o parlamentar Wilkes conseguiu estimular grandes grupos de ingleses a protestarem a favor da liberdade de expressão e dos direitos de reunião e de associação. Em resumo, a ação política acabou sendo resultado de mudanças na capacidade de poder do Estado e na maneira das pessoas se mobilizarem.

A segunda metade do século XVIII, todo o XIX e o início do XX foram marcados, majoritariamente, por ***movimentos políticos***. A Inglaterra, berço das revoltas populares (HILL, 1987; TILLY, 1981), permaneceu experimentando uma série de mobilizações com viés reformador e revolucionário[6], que posteriormente se expandiu a outros países – Escócia, Irlanda, França, Bélgica e EUA. Graças a uma reestruturação parlamentar[7] inglesa que permitiu os primeiros passos na direção da democracia e da luta por direitos políticos, foram possíveis a realização de reivindicações feitas por um eleitorado não representado politicamente.

A ascensão do socialismo configurou um dos principais acontecimentos do século XIX e seus efeitos tiveram repercussão em todo o mundo, estimulando a expansão e

---

[5] Apesar dessa afirmação comum nos estudos sobre os movimentos sociais, o historiador Christopher Hill (1987) em sua obra "*O mundo de ponta cabeça*" mostra que as revoltas populares e primeiras agitações públicas inglesas remontam a séculos anteriores, tendo atingido o seu ápice no século XVII.

[6] Para ficar em um exemplo, temos na Inglaterra o surgimento dos movimentos por direitos políticos dos Protestantes (1828) e dos Católicos (1829); do movimento por reforma parlamentar, culminando no *Reform Act* (1832); do movimento abolicionista (1833); e do movimento cartista (surgido na década de 1830), cujas ações influenciaram a Revolução Francesa (1848); a luta pelo sufrágio universal; pelo direito de associação; pela reforma educacional, agrária e de propriedade.

[7] Norbert Elias fala de um "regime parlamentar multipolar", no qual o poder governamental não ficava concentrado nas mãos de um grupo particular. Havia ao contrário um equilíbrio de tensão entre vários grupos dirigentes vigorando "o acordo de não lutar por meio da violência por cargos governamentais e pelos seus poderosos recursos, mas apenas de acordo com regras estabelecidas por mútuo consentimento, por meio de palavras, votos e dinheiro" (ELIAS, 1992, p. 252).

internacionalização das ações políticas[8]. A Revolução Russa, em 1905, gerou o movimento proletário e um regime comunista forte o suficiente para incentivar lutas trabalhistas ao mesmo tempo em que nas colônias da América Latina ocorriam mobilizações anticoloniais. Por isso dizer que até 1968, os movimentos buscavam o poder para os trabalhadores e para outras categorias exploradas (TILLY, 2004). Essas disputas somadas aos protestos em favor do feminismo, dos direitos dos homossexuais, dos indígenas, das drogas psicodélicas, do meio ambiente e do movimento antiguerra inauguraram a era dos ***movimentos sociais***.

As insurreições resultantes de tensões sociais colocavam em disputa as relações de poder e a pretensão de fundar um novo *establishment*. No entanto, os movimentos populares (GOHN, 2006, p. 24) não eram considerados capazes de levar às mudanças necessárias no sistema político. Assim, durante a primeira metade do século XX, a ação coletiva viveu um período de verdadeiro descrédito enquanto força mobilizadora, tanto que alguns teóricos chegaram a elaborar teorias sobre a desmobilização política. Nessas, os movimentos não teriam a capacidade de produzir efeitos positivos, uma vez que deles faziam parte pessoas individualistas e narcísicas preocupadas com a autossatisfação (ALONSO, 2009). Porém, a partir dos anos 1960, o foco mudou e as manifestações desinteressadas do poder do Estado passaram a lutar por reconhecimento, sendo guiadas por grupos de indivíduos solidários, ordenados, pacíficos e fortalecidos pelos vínculos comunitários.

Se a década de 1960 marcou o nascimento dos ***movimentos sociais propriamente ditos***, a de 1970 e a virada para a década de 1980 ficaram famosas pelo aparecimento de 3 teorias norteadoras sobre o tema: a da mobilização de recursos (TMR), a do processo político (TPP) e a dos novos movimentos sociais (TNMS). A TMR apresentou uma perspectiva baseada na escolha racional e na mobilização de recursos (McADAM; TARROW; TILLY, 2007), de modo que os ativistas se mobilizavam movidos por interesses pessoais; a TPP introduziu um modelo que situava a mobilização no momento em que grupos excluídos do processo político encontravam possibilidades de fazer parte dele (CARLOS, 2011), tornando crucial a relação binária entre oportunidade e mobilização; e a TNMS anunciava uma abordagem construtivista que num primeiro momento relacionou-se com a 'identidade coletiva' e num segundo, com a cultura.

A cultura adquiriu importância nos estudos trazendo o conceito de identidade como um importante elemento de análise. A percepção de que ela não apenas estava oculta nos modelos

[8] Tilly (2004) afirma que, entre 1917 e 1939, lutas revolucionárias imediatamente após a 2ª Guerra Mundial e progressivas mobilizações ocorreram no Japão, Coreia, México, Indonésia, Irã, Turquia, Uruguai, Mongólia Egito, Hong Kong, Síria, Filipinas e outro países.

mais estruturais, mas era responsável por moldar os seres sociais, seus anseios, sentimentos, atitudes e maneiras de estar no mundo (JASPER, 2016) levaram ao desenvolvimento da **teoria dos novos movimentos sociais (TNMS)**. Formulada principalmente por Alan Touraine, Jürgen Habermas e Alberto Melucci, os novos movimentos foram entendidos mais como grupos e minorias do que como coletivos (ALONSO, 2009). Contudo a sua capacidade de replicação atingia um nível global que em alguma medida era resultado de um processo de 'empobrecimento interacional' causado pela padronização e racionalização das mais variadas formas de vida.

De acordo com essa teoria, a ***identidade coletiva*** era não apenas a chave para entender as recentes mobilizações, mas a razão para seus participantes se manterem unidos já que através dela produziam, negociavam e comunicavam significados. Esses novos ativistas lutavam para se libertar do poder e não para adquiri-lo (TILLY, 2004), de modo que incluíram em suas bandeiras a defesa do feminismo, dos direitos dos homossexuais, dos indígenas, do meio ambiente, dentre outros. Todas essas pautas ampliaram a discussão no caminho do respeito à diferença e da recusa à permanência nos lugares definidos social e culturalmente marcando assim o nascimento dos novos movimentos sociais ou dos "***movimentos culturais"*** (GOLDMAN, 2007) a partir dos anos de 1990 até os dias atuais.

2.1.2 No Brasil

De acordo com Gohn (2010), as mobilizações nas décadas de 1970 e parte de 1980 eram em sua maioria articuladas por grupos contrários ao regime político militar. Havia uma ênfase na externalidade e confrontação, devendo os movimentos sociais se organizarem fora das instituições políticas e terem como objetivo a tomada do poder do Estado e a sua destruição. A razão desse pensamento advinha em parte do fato de o governo ser tido como aliado da burguesia e/ou controlado por ela (BARCELOS; PEREIRA; SILVA, 2017).

Em decorrência do desaparecimento do principal alvo a ser combatido, isto é, a ditadura militar, na passagem da década de 1980 e para a de 1990 as ações políticas diminuíram, dando margem à uma parcela dos teóricos afirmarem que elas tinham cessado (GOHN, 2010). Mas a verdade é que esse período vivenciou uma série de conquistas sociais importantes através da promulgação da Constituição de 1988, o que fez desaparecer a necessidade de novas reinvindicações. Na compreensão de Szwako, Dowbor e Carlos (2017) houve uma perda do potencial reivindicatório dos movimentos sociais em consequência do processo de redemocratização que dentre outras coisas tornou real a implantação de políticas públicas.

As lutas que ocorreram a partir de 1990 passaram por mudanças importantes. Uma delas diz respeito à maior demanda por transformações sociais. Seguindo uma tendência latino-americana[9], o Brasil viu-se imerso em manifestações a favor das mulheres, dos homossexuais, dos negros, dos indígenas e do meio ambiente. Paralelamente, nessa época houve tanto ações coletivas que surgiram como respostas ou reações à crise socioeconômica, como grupos de pressão, os quais por não contarem com uma certa continuidade de seus atos não constituíram movimentos sociais propriamente ditos (GOHN, 2010).

Uma outra alteração correspondeu ao surgimento de novos agentes sociais que ao mesmo tempo passaram a vivenciar uma maior participação social nas tomadas de decisão das instituições políticas através de mecanismos como os Orçamentos participativos, Conselhos de políticas públicas, Comitês gestores, dentre outros (BARCELOS; PEREIRA; SILVA, 2017). Esses indivíduos não mais correspondiam apenas a sujeitos políticos, incluíam agora moradores de periferia, que passaram a integrar e comandar a resistência quando antes esta não extrapolava o âmbito da fábrica (GOHN, 2010) ou do partido político (GOLDMAN, 2007). Hoje os movimentos estruturam-se em redes tendo como características: "a) articulação entre atores e movimentos sociais e culturais; b) transnacionalidade; c) pluralismo organizacional e ideológico e d) atuação nos campos cultural e político" (SCHRER-WARREN apud SOUSA JUNIOR, 2015, p. 39).

Em alguma medida essas características têm herança no processo de institucionalização que experimentaram os grupos ativistas, mostrando que

> Embora alguns movimentos se identifiquem como revolucionários claramente *outsiders* e opositores às instituições estabelecidas, muitos outros mantêm relações ativas com atores políticos e institucionais, em diferentes contextos históricos e em processos dinâmicos de coconstituição. Os movimentos sociais, assim, não estão fixados por princípio a uma forma de ação determinada (Raschke, 1994), podendo desenvolver, circunstancialmente, diferentes PACs [padrões de ação coletiva[10]] e combiná-los de forma muito multivariada – protestos públicos, ações formais e alianças com políticos, partidos e agências do Estado (CARLOS, 2011, p. 320-321, grifo da autora).

A institucionalização dos coletivos desbancou uma antiga visão dicotomizada que situava sociedade civil e Estado em polos opostos (SZWAKO; DOWBOR; CARLOS, 2017). Nesse diapasão, Carlos (2011), herdando um conceito de Peter Evans, chegou a falar de

---

[9] Sousa Junior (2015) destaca como exemplos o movimento zapatista no México, o movimento dos piqueteros – desempregados na Argentina, os movimentos indígenas na Bolívia e Equador e o movimento de vizinhos na Venezuela que se somou em 1990 aos círculos bolivarianos.

[10] Nas palavras da autora (2011, p. 316) o PAC "corresponde a modalidades de ações organizacionais, relacionais e discursivas, as quais orientam o comportamento dos movimentos como atores políticos face às instituições e ao Estado em geral".

‘movimentos institucionalmente inseridos’ frutos da relação dinâmica e contingente de mútua constituição entre o corpo social e o poder estatal. Porém, o entrelaçamento entre esses dois atores não tem sido totalmente pacífico. Vivendo uma espécie de paradoxo, os movimentos ao mesmo tempo em que se vêm ainda institucionalizados, desenvolvem uma crescente ojeriza ao poder público. De modo que na realidade brasileira passam a conviver, na opinião de alguns teóricos, numa relação de interdependência do Estado - e de outras entidades - e de repulsa a partidos e instituições políticas, em grande parte após a ocorrência dos protestos de 2013 (SZWAKO; DOWBOR; CARLOS, 2017).

Uma outra consequência é o estado de permanente tensão que os movimentos sociais vêm experimentando em decorrência de seus integrantes dividirem-se “entre participar com e através do Estado para a formulação e a implementação de políticas públicas ou em ser um agente de pressão autônoma da sociedade civil” (SCHERER-WARREN, 2006, p. 114), gerando ativistas com “múltipla filiação” (TATAGIBA; TEIXEIRA apud BARCELOS; PEREIRA; SILVA, 2017). Como resultado, sociedade civil e Estado muitas vezes vivenciam relações de ação e reação, ainda que presenciem o trânsito de agentes entre seus espaços e que compartilhem as mesmas táticas institucionais e ideológicas (BARCELOS; PEREIRA; SILVA, 2017).

Esse último ponto leva a crer que, apesar de nem sempre harmônica, a relação traz importantes benefícios para a ação coletiva, em especial para o engajamento na causa. Carlos (2011, p. 345) mostra que a reconfiguração dos movimentos sociais adquirida através da institucionalização “combina o aumento da especialização da estrutura funcional e da formalização das estratégias de ação à manutenção de dinâmicas participativas que garantem a mobilização dos militantes no processo decisório”. Assim, apesar do enfoque organizacional, a autora acredita como importante considerar os incentivos gerados pela participação e, nesse sentido, o trabalho de Gaxie (2005) sobre a recompensa na ação coletiva é bastante esclarecedor. Segundo esse autor, o militante emprega recursos (tempo, esforços, sacrifícios) na esperança de que seja retribuído, afastando assim o pensamento e a certeza de que o envolvimento na luta é movido apenas pelo altruísmo e pelo desinteresse[11].

2.2 **Novos componentes na luta**

[11] A discussão sobre engajamento será mais bem explorada no capítulo 3, na seção 3.3. deste trabalho.

2.2.1 Pluralidade de atores

O período de redemocratização pelo qual o Brasil passou após o regime militar trouxe transformações sociais com reflexos nos movimentos sociais. A inclusão de novos e diversos atores, a partir da entrada de instituições, de entidades e de outros movimentos, foi uma delas. Dentre essas instituições a academia tornou-se uma importante aliada adquirindo relevância não apenas pela produção de conhecimento, mas pelo compartilhamento desse conhecimento e, em alguns casos, pela viabilização da própria ação coletiva. O conhecimento teórico produzido através de debates em eventos e grupos de pesquisa a partir de 1970 (GOHN, 2010) gerou pesquisadores e militantes que passaram a integrar os movimentos e a contribuir para a sua formação, coordenação e articulação.

Levando em consideração sua dimensão política e social, a universidade contribuiu para fomentar uma "crítica ao conservadorismo, à dominação, à exclusão social, na busca da inclusão participativa, do reconhecimento de direitos e de sua efetivação" (FALEIROS, 2015, p. 15), funcionando como reação ao que Sousa Junior (2015) chamou de "comodificação do conhecimento". Argumentando que as desigualdades na distribuição de recursos sociais e econômicos e das condições de desenvolvimento humano resultaram em negociações por meio de *commodities* fictícias, o autor elencou as quatro que teriam ensejado a eclosão dos movimentos sociais no país, a saber: força de trabalho, dinheiro, terra e conhecimento.

Requerido e cooptado pelo mercado para que configurasse uma *commodity* isenta, neutra e baseada no cientificismo (SOUSA JUNIOR, 2015), o conhecimento acadêmico viu com essa aproximação a perda de sua autonomia e o distanciamento da sua função social. Em resposta, os estudiosos assumiram posição, deixaram o ambiente universitário e foram à luta, mostrando que

> [...] a implicação do intelectual na luta, da implicação das lutas na sua dimensão intelectual, a relação entre teoria e prática se torna viva, se torna vida no movimento social emancipatório, pois abre a perspectiva da transformação real não somente da orientação estratégica dos movimentos sociais, como de suas táticas e operações num contexto de forças acuradamente analisado, e ao mesmo tempo, da teoria (FALEIROS, 2015, p. 15).

Dessa forma, tal qual a academia, os movimentos sociais são fontes de inovação e de saberes, sendo esses últimos frutos tanto da relação dos grupos sociais com as instituições de ensino quanto dentro do próprio movimento, que em alguma medida resulta das experiências e vivências dos seus integrantes.

Outro ator importante para a mobilização foi a internet. Encarada como o quarto integrante da esfera pública, ao lado do sistema político, da sociedade civil e dos meios de comunicação (MARTUCCELLI, 2015), a internet tratou de dois problemas enfrentados pelos movimentos sociais. O primeiro deles dizia respeito ao fato de não serem escutados pelas instituições públicas, o segundo, de não serem visíveis à grande mídia. Em outras palavras, a rede mundial de computadores possibilitou às mobilizações publicidade e ressonância até então inéditas. Além disso, proporcionou o surgimento de uma militância cibernética[12] que, se não atuava disseminando informação e obtendo apoio, recrutava novos integrantes e propunha ações (SORJ, 2015). A facilidade com que se deu o recrutamento teve a ver com o baixo ou, às vezes, inexistente custo de adesão que tornou o ingresso na esfera pública imediato.

A internet permitiu revelar como pensava e agia a opinião pública fazendo diminuir a sensação de opacidade e de imprevisibilidade características das sociedades (MARTUCCELLI, 2015). Nesse ponto, também foi possível uma certa dose de manipulação a partir de maior interação com os não militantes, a qual incluía a divulgação de informações e de eventos e com os próprios ativistas, garantindo que estes se mantivessem engajados mesmo que o grupo estivesse passando por um momento de inatividade.

2.2.2 A luta em rede

A pluralidade de atores, incluindo aí a internet, não se completa sem a consideração das redes. Os grupos sociais passaram a adotar uma disposição em tramas, de maneira que atualmente nenhum ator consegue impor sua vontade unilateralmente (MARTUCCELLI, 2015). Há, portanto, uma constante negociação entre as instituições políticas, entidades sociais, meios de comunicação e internet diante da tensão entre ‘poder de ação’ e ‘poder de enunciação’. O primeiro relaciona-se com a capacidade de atuar decisivamente, exigindo uma certa legitimidade para estimular os indivíduos a, através de ato isolado ou não, causar alguma mudança real. Já o segundo diz respeito à capacidade de representar e analisar, delegando aos atores o poder de falar pelos indivíduos e transmitir suas demandas.

Essa nova distribuição alterou a estrutura organizacional dos movimentos sociais tornando-a mais complexa e diversificada. Tendo em vista que pensar relacionalmente é assumir que as ações e consequências coletivas são diferentes das individuais, seguindo o

[12] Martuccelli (2015) refere-se a essa militância cibernética por ‘ativistas internautas’, os quais são indivíduos que desenvolvem um olhar militante pelo uso da internet.

pensamento de autores como Norbert Elias, Pierre Bourdieu e Bruno Latour, Barcelos, Pereira e Silva (2017) afirmam que é preciso analisar a configuração das relações entre os atores para explicar os processos sociais. Entre os indivíduos e coletivos há uma situação de 'coderminação', em que de um lado os atributos dos agentes e entidades definem o que podem ou não fazer, de outro são as interações entre os agentes e entidades que as determinam. Assim, a configuração em rede permite a formação de objetivos, estratégias e identidades de maneira dinâmica a partir de sua relação com as instituições políticas formais, adversários e aliados. Paralelamente, constrói ações coletivas que não apenas combatem a exclusão, mas propõem a inclusão, tornando a militância um possível garantidor de um sentimento de inserção social ao sujeito que não se vê incorporado seja no ambiente familiar ou no profissional (GAXIE, 2005) ou em qualquer outro.

Ela ainda possibilita o livre trânsito de ativistas que podem gerar a troca de preferências táticas e de conhecimento, além da difusão de repertórios, de modo que "vitórias de movimentos sociais emitem 'sinais' para outros movimentos, sugerindo que determinadas táticas podem ser efetivas, influenciando-os a adotá-las, mesmo quando elas já podem ter deixado de ser efetivas" (BARCELOS; PEREIRA; SILVA, 2017, p. 18). Esses mesmos sinais compõem os simbolismos que fazem as redes serem percebidas como transmissoras de significado cultural (JASPER, 2016), o qual permite que os movimentos sociais se mantenham ativos mesmo quando não se encontram envolvidos em campanhas e mobilizações. Essa condição ocorre através do trabalho cultural feito por seus integrantes, que envolve o fluxo de informações e de sentimentos (DIANI, 1992).

Por meio da interação informal entre indivíduos e grupos engajados em questões políticas ou culturais e portadoras de uma identificação coletiva (DIANI, 1992), as redes desempenham seu papel revolucionário ao transformar crenças e opiniões em ação, isto é, em mobilização. Esse processo exige a circulação de quatro tipos de recursos a que chamei de financeiros, cognitivos, políticos e simbólicos. Esses recursos não são exaustivos e contribuem para as seguintes finalidades respectivamente: a) viabilização através de dinheiro das ações e das ideias do movimento, b) divulgação e circulação das ideias e informações no meio acadêmico e midiático, c) acesso aos contatos políticos possibilidade influenciar esses agentes, d) criação de estímulos, sentimentos, compromissos e visões de mundo.

As organizações em rede permitem uma articulação mais variada em vista da heterogeneidade dos grupos que a compõem ainda que seja imprescindível que estes compartilhem de valores, objetivos e projetos. Isso quer dizer que o movimento social corresponde a um complexo de sujeitos que "se constitui em torno de uma identidade ou

identificação, da definição de adversários ou opositores e de um projeto ou utopia, num contínuo processo em construção e resulta das múltiplas articulações acima mencionadas" (SCHRER-WARREN, 2006, p. 113). De modo que para o atingimento dos seus objetivos os agentes sociais percebem cada vez mais a necessidade de se articularem em redes a fim de ganharem visibilidade, produzirem impacto na esfera pública e obterem conquistas para a cidadania. Em outras palavras

> Em suas interações, agentes criam e recriam suas identidades, interpretam mudanças contextuais como oportunidades ou ameaças, se apropriam de redes para mobilizar pessoas, negociam enquadramentos interpretativos que definem problemas e soluções e constroem uma linguagem para compreensão e definição do próprio confronto (BARCELOS; PEREIRA; SILVA, 2017, p. 19).

2.2.3 A identidade coletiva na luta

O conceito de identidade coletiva, desenvolvido por Alberto Melucci e aplicado aos movimentos sociais, teve como paradigma a visão destes como 'sistemas de ação', isto é, como conjunto de relações internas e externas que constituem a ação. Assim, ao invés de 'coisa', eles passariam a ser compreendidos como interações envolvendo oportunidades e coerções, além de abrangerem fatores meramente objetivos e orientações subjetivas, onde seus integrantes estariam em busca de solidariedade e identidade (MELUCCI, 1989). Ainda que questões econômicas, como cálculos de custos e benefícios, constituíssem motivos para a ação política, não poderiam mais ser considerados como únicos e definitivos. A explicação para isso foi dada pelo próprio Melucci (1989) quando mencionou os protestos ocorridos após a década de 1980, os quais tinha como demanda a **autorrealização** de seus integrantes ou a busca por **reconhecimento**, segundo Polletta e Jasper (2001).

A identidade coletiva não se refere a um objeto autônomo ou a uma propriedade inerente aos atores sociais. Corresponde a um processo no qual os indivíduos se reconhecem e são reconhecidos como parte de um grupo e em decorrência disso compartilham afetos. Tampouco é homogênea (JASPER, 2016; DELLA PORTA; DIANI, 2006; MELUCCI, 1989). Ao contrário, é formada por uma multiplicidade de identidades que se mantêm num estado permanente de (re)negociação "por meio de redes sociais[13], que conferem certa estabilidade às identidades de indivíduos e grupos em sistemas sociais fragmentados em diferentes filiações, papéis e tempos de experiência social" (SOUSA JUNIOR, 2015, p. 35).

[13] Trata-se aqui do sentido lato, sem necessariamente dizer respeito às mídias digitais.

Na visão de Polleta e Jasper (2001), essa pluralidade torna a identidade uma conexão cognitiva, moral e emocional pertencente a uma comunidade, categoria, prática ou instituição mais ampla e, embora indispensável para a mobilização, pode gerar consequências paradoxais. A primeira delas diz respeito ao fator inclusivo/exclusivo. Por meio do compartilhamento de orientações, valores, atitudes, visões de mundo e estilos de vida, bem como de experiências (DELLA PORTA; DIANI, 2006), a identidade coletiva convida ao ingresso indivíduos antes dispersos e desorganizados, fazendo surgir um sentimento de 'pertencimento social' (GOHN, 2010). Ao mesmo tempo, essa função agregadora segrega todos aqueles que pensam diferente, levando-os a definir e redefinir projetos individuais e possiblidades de ação (DELLA PORTA; DIANI, 2006).

A segunda tem a ver com a sua origem. A identidade pode ser preexistente, e nesse sentido uma impulsionadora da formação de um grupo, ou pode ser criada conforme os indivíduos vão se somando a uma causa. No caso de já estar lá, não há a necessidade de ser produzida uma nova, bastando ser reinterpretada. Mas na situação de ser construída, pode "basear-se no corpo organizacional ou na adesão a táticas, ou ainda na solidariedade que nasce do senso inspirador de uma luta nacional ou internacional" (JASPER, 2016, p. 140). Contudo, de alguma forma ela é sempre inventada, já que sua imprescindibilidade repousa no fato de ser uma 'ficção necessária', já que sua existência permite recrutar integrantes e mantê-los engajados, criando e mantendo o movimento social, ao mesmo tempo, em que camufla as diferenças existentes no grupo, assumindo assim um caráter ficcional.

A motivação proporcionada pela identidade coletiva tem uma relevância para a ação política, porque mantém os ativistas envolvidos mesmo quando há a ausência de recompensas (POLLETTA; JASPER, 2001). Esse comprometimento demonstra que a lealdade a uma causa faz referência "aos valores e aos vínculos de solidariedade compartilhados dentro do grupo, ao invés de motivações de tipo material" (DELLA PORTA; DIANI, 2006, p. 101). Nesse contexto, a solidariedade conecta pessoas que não costumam interagir entre si, reforçando experiências comuns que se encontram deslocadas no tempo e no espaço e permitindo a continuidade dos esforços de seus agentes.

Em um outro sentido a continuidade possibilita que os movimentos sociais alternem entre fases de 'visibilidade' e de 'latência' (MELUCCI apud DELLA PORTA; DIANI, 2006) sem que seus integrantes se dispersem e isso leve ao seu fim. Isso quer dizer que, nos períodos de inatividade, o senso de pertencimento a uma causa e de solidariedade podem ser mantidos. Também é contribuição da continuidade a facilidade que os ativistas têm de se manterem

sempre engajados ou de se envolverem com novas causas quando comparados com aqueles que nunca militaram (JASPER, 2016; DELLA PORTA; DIANI, 2006).

Por outro lado, as identidades coletivas conduzem à ação e através dela podem reforçar ou enfraquecer alguns sentidos de pertencimento. Criam o 'nós' e o 'eles' indispensáveis para o estabelecimento dos sujeitos - atores e dos inimigos contra os quais mobilizar-se (DELLA PORTA; DIANI, 2006). Além disso, Polletta e Jasper (2001) chama a atenção para o fato de as identidades descreverem os antagonistas como os responsáveis pela tomada de decisão por parte dos manifestantes. De outro modo, a situação de crise poderia ser justificada pela presença de forças excepcionais que não envolveriam nenhum agente, o que dificultaria a criação do sentimento de revolta e o impulso de agir. A nível de exemplificação, Losekann (2017) mostra que apenas quando os atingidos pelo rompimento da barragem em Mariana se convenceram da não acidentalidade do desastre e estabeleceram os culpados foi possível a mobilização.

Atualmente, os manifestantes se ligam através de uma **identidade porosa**[14], a qual não exige uma paridade ou um marcador de igualdade, como eram os grupos sociais de trabalhadores, de mulheres, de gays ou de favelados. A identificação está mais relacionada a uma condição, no sentido de situação ou estado, a qual desobriga a localização em um mesmo lugar, seja mesma classe social ou mesmo local de moradia ou de trabalho, de modo a existir a necessidade de uma redefinição dos movimentos sociais e de suas formas de ação, como alerta Melucci (1989). Para o autor, os conflitos das 'sociedades complexas' envolvem o controle dos significados dados às coisas e às ações, afetando inclusive a vida cotidiana. Nesse sentido,

> Os atores nos conflitos são cada vez mais *temporários* e sua função é *revelar os projetos*, anunciar para a sociedade que existe um problema fundamental numa dada área. Eles têm uma crescente função simbólica, pode-se talvez falar de uma *função profética*. [...] Eles não lutam meramente por bens materiais ou para aumentar sua participação no sistema. Eles lutam por projetos simbólicos e culturais, por um significado e uma orientação diferentes da ação social. Eles tentam mudar as vidas das pessoas, acreditam que a gente pode mudar a nossa vida cotidiana quando lutamos por mudanças mais gerais na sociedade (MELUCCI, 1989, p. 59, grifos do autor).

[14] O sentido de poroso empregado por mim é em parte inspirado em Walter Benjamin e Asja Lacis (1987) ao tratar a cidade de Nápoles como porosa, isto é, como lugar marcado pela interpenetração e onde coexistem contrastes. Em relação à identidade, o ativista absorve o propósito da luta sem deixar de carregar todos os marcadores sociais que o diferenciam dos demais manifestantes. Assim, entender a associação de acadêmicos com o movimento social parte de assimilar que a compreensão e o compromisso com os moradores de dado local em conflito tornam aqueles legitimados para a luta sem os obrigarem a compartilhar da mesma identidade destes.

2.3 **“Lutas ontológicas”**

A modernidade trouxe consigo uma forma diferente da humanidade lidar com a natureza. Capitalismo, urbanização, propriedade privada, especulação imobiliária, entre outros, criaram “cidades divididas, fragmentadas e propensas a conflitos” (HARVEY, 2014, p. 47) e, por extensão, o espaço – construído, mas também natural - tornou-se uma mercadoria valiosa pela qual vale a pena negociar. Na contramão da lógica capitalista, que transforma tudo o que consegue em produto, algumas sociedades vêm se envolvendo na defesa de outros tipos de vida que não obedecem aos dualismos inventados e amplamente aceitos pelo mundo moderno - humano x não-humano; cultura x natureza; razão x emoção; indivíduo x sociedade; “nós” x “eles”, etc (ESCOBAR, 2015).

Os personagens desses “novos” modos de vida são pertencentes das comunidades indígenas, camponesas e afrodescendentes (ESCOBAR, 2015; BLASER, 2013; GONÇALVES, 2002) e batalham em defesa de seus territórios e de suas culturas. Através destas últimas é possível compreender que existem

> [...] *outros* modos de agir, pensar e sentir, seja na América Latina, na África, na Ásia, entre segmentos sociais não-ocidentais nos Estados Unidos, no Canadá e até mesmo na Europa, com diversas populações indígenas e de afrodescendentes, que clamam por se afirmar diante de um mundo que se acreditou superior porque baseado num conhecimento científico universal (imperial) que colonizou o pensamento científico em todo o mundo desqualificando outras formas de conhecimento (GONÇALVES, 2002, p. 220, grifo do autor).

Para tanto, esses sujeitos partem da compreensão de que não há ‘Um Mundo’, mas muitos mundos. Existe um ‘pluriverso’ e nele, uma “densa rede de interrelações e materialidade” (ESCOBAR, 2015, p. 93) que conectam pessoas, coisas e natureza, estando incluso nesta última o lugar. Nesse contexto, humanos e não-humanos, sujeitos e objetos, pessoas e lugares definem-se uns aos outros, afetam-se e incorporam-se, tornando possível existir tudo o que há. Pelo direito de existir esse tudo o que há, sendo ele material ou vivo, povos tradicionais veem empreendendo ‘lutas ontológicas’.

> A perspectiva das comunidades e movimentos de base étnico-territorial envolvem resistência, oposição, defesa e afirmação dos territórios, mas com frequência pode ser descrita de forma mais radical como ontológica. Igualmente, ainda que ocupação de territórios coletivos usualmente envolva aspectos armados, econômicos, territoriais, tecnológicos, culturais e ecológicos, sua dimensão mais importante é a ontológica. Neste sentido, o que ‘ocupa’ é o projeto moderno de Um Mundo que busca converter os muitos mundos existentes em um único (o mundo do indivíduo e do mercado); o que persevera es a afirmação de uma multiplicidade de mundos. Ao interromper o projeto globalizante neoliberal de construir Um Mundo, muitas comunidades indígenas, afrodescendentes e camponesas podem ser vistas como liderando lutas ontológicas (ESCOBAR, 2015, p. 92-93).

Essas disputas pregam a defesa dos diversos tipos de vida, mas também a ‘mundificação’, isto é, a liberdade para experienciar o mundo de diferentes maneiras e com isso torná-lo familiar. Portanto, a ontologia é um meio de ‘mundificar’ (ESCOBAR, 2015), é uma forma de retratar a realidade quando esta representa um fato, isto é, quando ela articula uma ‘alegação fundacional sem fundação’ (BLASER, 2013), uma verdade possível, mas sobre a qual não há precedente. Nesse contexto, Blaser (2013) esclarece que a realidade em questão não considera os dualismos sujeito/objeto, mas sim, as relações dinâmicas entre eles, uma vez que os humanos estão envolvidos em realidades sobre as quais não têm total controle. Essa perspectiva vai de encontro ao pensamento de Miller (2013) quando este defende que os objetos têm agência[15]. Ao mesmo tempo, entender o real envolve aceitar que a presença de outras formas de existência e a luta para mantê-las é plausível. A plausibilidade, portanto, corresponde a uma das formas “de se referir ao ambiente real que foi trazido à existência a partir das possibilidades infinitas do pluriverso” (BLASER, 2013, p. 554). E nesse sentido, crer e defender a existência de um único mundo é implausível.

As lutas ontológicas preocupam-se com a construção da realidade, e não com uma suposta realidade externa e autônoma (BLASER, 2013), permitindo perceber que os agentes estão em interação entre si, com as coisas e com os lugares, logo nada é dado como certo e definitivo. Tampouco preocupam-se com a precisão em mostrar o pluriverso como uma representação fiel da “realidade, mas sim, com a eficácia em retratar as diferentes interações e suas influências nas vidas das pessoas, das coisas e dos lugares. A atenção está voltada para as práticas, performances, representações de um grupo e não para seus integrantes. Assim, as lutas não podem ser definidas como inerentes a sociedades tradicionais e ausentes em sociedades modernas, uma vez que a definição do que é moderno ou não se relaciona com as práticas empregadas e não com a especificidade do grupo.

A origem das lutas ontológicas em alguma medida esteve e está ligada a um endurecimento por parte do governo e de seus aliados – como proprietários de terras, capitalistas, grileiros – com as investidas de indígenas, afrodescendente e camponeses no tocante à defesa do território, que não inclui apenas a terra[16]. A diferenciação entre os dois termos - que afora a perspectiva ontológica aqui empregada e qualquer outra que envolva

[15] A agência dos objetos e por extensão dos lugares será mais bem explorada no capítulo 5, na seção 1. deste trabalho.

[16] Escobar (2015), a partir de Carlos Walter Porto Gonçalves, afirma que no final da década de 1980 e começo da década de 1990 surgiu o debate sobre “território” na América Latina, estando associado ao tema “não queremos terra, queremos território”.

relação de poder, pode ser utilizada em outras abordagens sem qualquer prejuízo – está relacionada com uma dimensão total[17] presente em um e ausente no outro. O território pleiteado pelos povos tradicionais abarca tudo: desde o que há de mais concreto - a terra nua - até o mais abstrato – as cosmovisões -, passando pelas relações sociais e com a natureza, pelas práticas culturais e pelos vínculos com o lugar. Nesse contexto, o território é mais concreto do que o lugar, porém mais abstrato do que a terra. É uma área delimitada em disputa "que pressupõe um espaço geográfico que é apropriado e esse processo de apropriação –territorialização– enseja identidades –territorialidades" (GONÇALVES, 2002, p. 230) e que "é definido como um espaço coletivo, composto por todo o lugar necessário e indispensável, onde homens e mulheres, jovens e adultos, criam e recriam suas vidas" (ESCOBAR, 2015, p. 96).

Essa re(criação), no entanto, não ocorre de forma pacífica. A violência gerada pode envolver mortes nos casos mais extremos. Contudo, chama a atenção como as comunidades seguem mobilizadas fazendo denúncias e desejando retornar às suas antigas terras (ESCOBAR, 2015). A esse respeito é interessante notar a obstinação com a qual resistem não só por seus territórios, mas por um modo de vida que inclua uma relação harmônica com a natureza. Blaser (2013) conta que na América Latina dos anos 1990, a defesa do multiculturalismo esteve envolvida com a criação da imagem do '*indio permitido'.* Este correspondia ao Outro – oposto ao "nós" – mas também se opunha a um Outro diferente: o indígena desobediente e indesejado, aquele que protestava e não se contentava com o lugar destinado pelo multiculturalismo. O '*indio permitido*' foi o contraponto não apenas ao indígena disfuncional, mas ao '*indio aborrecido'*, o qual desafiava a lógica corrente de que o conflito se dava por uma mera disputa por recursos. No Equador e na Bolívia, o autor fala sobre um movimento indígena que reivindicava o reconhecimento da *pachamama*[18] como um sujeito dotado de direitos.

Nesse quesito, as lutas ontológicas mostram que sua razão de ser diz respeito a um propósito mais pragmático do que liberal de compreender a todos (BLASER, 2013), a partir de uma visão que coloca os agentes da ação como um conjunto composto por humanos e não-humanos em constante relação na busca de formas de existirem e reexistirem.

> Explicitemos uma tese central que até aqui está subjacente: os paradigmas não caem do céu. Os paradigmas são instituídos por sujeitos social, histórica e geograficamente situados e, deste modo, a crise desse paradigma é, também, a crise da sociedade e dos sujeitos que o instituíram (Gonçalves, 2001b). Não nos surpreendamos, portanto, quando vemos emergir novos paradigmas e junto com eles novos sujeitos que reivindicam um lugar no mundo. Ou, dito de outra forma, esses sujeitos que muitos

[17] A inspiração para o termo vem em parte do fato social total de Mauss (1974), quando ele diz que nas sociedades tudo se mistura gerando os fatos sociais implicações nas esferas econômicas, jurídicas, políticas e religiosas.

[18] Blaser (2013) afirma que numa tradução grosseira seria o correspondente a "mãe natureza".

> chamam novos, embora não o sejam tanto4, põem em debate outras questões, outras relações, ele(a)s que tiveram que se forjar em situações assimétricas de poder mas que nem por isso se anularam e, mais do que resistir, R-Existiram [sic], se reinventaram na sua diferença, assim como o europeu é, também, uma invenção na diferença embora na condição de polo dominante no 'sistema-mundo'(GONÇALVES, 2002, p. 220).

3 NA PRESENÇA DAS EMOÇÕES

Em tua curta ocasião que teve,
essa vozinha me deu aviso.
Ah, um recanto tem, miúdos remansos,
aonde o demônio não consegue espaço de entrar,
então, em meus grandes palácios.
No coração da gente, é o que estou figurando.
Meu sertão, meu regozijo![19]
Guimarães Rosa

As emoções são complexas no nível das lutas. As diversas denominações ora se confundem, ora apresentam significados bem particulares, de acordo com a vasta bibliografia que inclui abordagens filosóficas, biológicas, psicológicas, sociológicas e antropológicas. Porém, por mais que alguns intelectuais insistam em diferenciar emoção de sentimento, afeto, paixão ou impulso, propondo inclusive uma aproximação entre emoção e conhecimento (ROSALDO, 1984), proponho mais uma vez colocar todos os termos e compreensões que dizem respeito à afetividade sob o conceito de emoção. A escolha metodológica para tal categorização baseia-se na pretensão de com este capítulo discorrer sobre como a subjetividade tem sido encarada pelos estudos acadêmicos e como aquela atua especificamente nos movimentos sociais, de modo a interferir nas escolhas em engajar-se ou não.

3.1 **Emoções**

3.1.1 O relativismo das emoções

O início do estudo acadêmico sobre as emoções e seus efeitos nos seres humanos esteve inicialmente sob responsabilidade das análises psicológicas, a partir de sua associação com o eu interior. À época eram consideradas frutos do inconsciente e, portanto, incontroláveis (ROSALDO, 1984), além de diametralmente opostas ao pensamento e à racionalidade. O pensar em nada se confundia com o sentir até a virada cultural dos anos 1980, que influenciou as ciências sociais e, em especial, a antropologia. O advento da cultura mostrou que pensamentos e sentimentos podiam se misturar, uma vez que ambos não passavam de criações

[19] Transcrição de uma passagem da fala de Riobaldo, personagem do livro Grande Sertão: Veredas de João Guimarães Rosa.

particulares de seres políticos. Como comprovação de tal tese, Rosaldo (1984, p. 142) pesquisou o povo filipino *Ilongots*, os quais falavam "de corações que pensam e sentem sem distinguir pensamento de afeto".

Nesse estudo, a autora percebeu que as emoções nem sempre eram concebidas como algo que precisava ser sentido e exteriorizado; pelo contrário, elas podiam ser "pagas" ou esquecidas sem que isso significasse reprimi-las. Para os Ilongots funcionava a lógica de que desde que "Eu não posso matar a minha esposa, eu simplesmente decido esquecer minha raiva" (ROSALDO, 1988, p. 145) mostrando que os afetos e as ações estavam vinculados. Essa forma de vivenciar experiências emocionais guardaria relação com a existência de um eu-social (*me*) sempre presente e um eu-particular (*I*) quase inexistente, no qual o primeiro corresponderia a uma forma de se mostrar ao mundo e o segundo, de estar no mundo.

Nessa sociedade, a individualidade ou o eu-particular correspondente ao *self* ocidental praticamente não existiria. Como resultado, não haveria uma separação entre o indivíduo e o grupo e, consequentemente, os sentimentos, tal como as ações, ao invés de pessoais, seriam coletivos e funcionariam como formas de cooperação e de integração social. A forte coesão que os caracteriza é fundada em uma atmosfera de parentesco e identidade, os quais são constantemente negociados (ROSALDO, 1984), ao mesmo tempo em que, de acordo com Mauss, intensificam a vivência emocional (COELHO; REZENDE, 2011).

O caráter negociado e a associação com a cognição não foram as únicas contribuições trazidas quando o estudo dos sentimentos passou ao interesse das ciências sociais. Em um outro trabalho igualmente importante para o surgimento da antropologia das emoções, Lutz (1988) atacou a falsa ideia de universalidade ao mostrar que, no mundo ao qual se refere como "euroamericano", os afetos podem ser vistos e expressos de formas diferentes. Para validar seu ponto, a autora estabelece duas situações dicotômicas, onde em cada uma o aspecto emocional ora é valorizado, ora desvalorizado.

A primeira delas corresponde à oposição emoção x pensamento e vem do fato daquela ser amplamente vista como sinônimo de irracionalidade. Agir de forma irracional para muitas pessoas significa agir sob efeito de fortes paixões, como se estas significassem a completa impossibilidade de se fazer uma boa avaliação e de levar a julgamentos sensatos. Isso em parte ocorre porque o sentimento é visto como disruptivo e gerador de uma sensação de caos, de maneira que "emoção [é] simplesmente excesso, e como o excesso de qualquer coisa pode ser desordenado, emoção [é] desordem" (HILLMAN apud LUTZ, 1988, p. 61).

No entanto, existem situações em que a racionalidade é preterida e a presença de afetos adquire tons de cuidado, solidariedade, empatia e garra. Assim, a passionalidade torna-se uma

importante ferramenta para combater as ameaças feitas contra os grupos mais comumente reprimidos[20], na medida em que representam o "impulso deles para a liberdade" (LUTZ, 1988, p. 62). Enquanto sentimento capaz de aproximar os diferentes e os envolvê-los, as emoções quando ausentes podem significar alienação ou desengajamento revelando um distanciamento indesejado. Nesse tipo de situação a oposição emoção x estranhamento concede àquela um valor positivo.

As emoções, portanto, não podem mais ser encaradas como biologicamente determinadas e universais. O fato de constituírem "construções sociais, culturais e políticas" (FLAM, 2005, p. 19) as coloca como parte integrante da vida social e impulsionadora da ação, já que "são pensamentos sentidos em impulsos; através dos 'movimentos' de nossas vidas, corpos, corações" (ROSALDO, 1984, p 143).

3.1.2 Emoções na luta

Constituindo um trabalho seminal e ainda referência para pensar o papel das emoções nas ações políticas, a obra *Passionate politics* (2001), editada por Jeff Goodwin, James Jasper e Francesca Polletta, teve como papel mostrar como os afetos foram se desenvolvendo dentro da teoria sociológica até serem incorporados pelos estudos sobre movimentos sociais. De início a presença dos sentimentos nas mobilizações foi tida mais como um defeito do que uma qualidade, uma vez que significavam paixões violentas, as quais estariam presentes entre os ativistas, funcionando inclusive como arma de manipulação. Jasper (2016) comenta que o temor dos protestos das classes trabalhadores, fez com que a elite intelectual visse os efeitos negativos daqueles, como raiva, medo e violência, e desconsiderasse o entusiasmo e a solidariedade também presentes.

Por estarem impregnados por sentimentos e por se acreditar serem estes opostos à razão, os movimentos sociais nos anos de 1960 continuaram não despertando a simpatia das ciências sociais e humanas. Tal desinteresse resultava da crença de que os protestos eram feitos por jovens imaturos guiados por paixões irresponsáveis e uma vez que, como afirma Lutz (1988), as pessoas passionais são vistas como fora de controle e incapazes de se responsabilizarem por suas ações, são tratadas como ameaças aos seres racionais.

---

[20] Lutz inclui nesses grupos: "bebês, crianças, adolescentes, pessoas com problemas mentais, povos primitivos, camponeses, imigrantes, negros, favelados, massas urbanas, multidões, e acima de tudo, mulheres" (SCHUDSON apud LUTZ, 1988, p. 62).

Nesse sentido, as emoções foram vistas como instrumentos de criação e de propagação de uma consciência coletiva capaz até mesmo de fazer “lavagem cerebral” entre seus militantes. De modo que o surgimento das teorizações psicológicas agregadas aos estudos sociológicos levaram à redução do aspecto político das emoções, assimilando-as à imaturidade de seus possuidores diante da tentativa de preencherem as necessidades que não podiam ser satisfeitas na vida pessoal (GOODWIN; JASPER; POLLETTA, 2001). Como consequência, os autores de *Passionate politcs* concordaram que o estudo das emoções associadas à ação política falhara, por um lado, por aquelas estarem associadas somente às multidões desconsiderando os indivíduos isoladamente, e, por outro, por serem vistas como resultados de conflitos pessoais e assim adquirirem um caráter sempre negativo e turbulento.

Na década de 1970, a academia começou a se mostrar mais receptiva aos movimentos sociais justamente porque acreditava-se haver uma ausência dos sentimentos. Ao contrário dos anos anteriores, os insurgentes eram entendidos como atores racionais destituídos de emoção que atuavam seguindo uma orientação estrutural e racional, cujo intuito consistia em perseguir os próprios interesses e os do grupo. Porém, a chegada da virada cultural na década de 1980 imprimiu um novo caráter à mobilização política através do enfoque em conceitos como meio ambiente, solidariedade e identidade coletiva. Assim, começou a ser reconhecida a importância do ambiente no qual se dava o protesto e a presença de um senso de apoio mútuo e identificação coletiva como fator de motivação para a disputa por demandas coletivas. Nesse contexto, a atenção dada ao lugar no qual a atividade se desenvolvia passou a focar na existência de solidariedade coletiva como fator relevante para a militância. Da parte da academia, os estudiosos começaram a reconhecer a importância dos afetos na política (GOODWIN; JASPER; POLLETTA, 2001).

3.1.3 Por que as emoções importam?

Realizado o apanhado histórico da relevância das emoções nos estudos acadêmicos chegando até os tempos atuais em que sua inserção nas ciências sociais é entendida, como necessária, parece razoável afirmar que elas importam porque existem e estão presentes nos agentes, particulares ou não, e nas suas ações. De forma mais detalhada, pode-se dizer que essa presença permite que os seres humanos se conectem uns aos outros e ao próprio mundo no qual estão inseridos, na medida em que as experiências vividas podem ser compartilhadas através de “situações familiares e narrativas” (GOODWIN; JASPER; POLLETTA, 2001, p. 10), bem como pelo senso de identificação e de solidariedade.

As emoções estão nas origens da composição dos papeis desempenhados que, de acordo com o antropólogo Ulf Hannerz, agora precisam ser caracterizados pela indeterminação e pela fluidez (COELHO; DURÃO, 2012). Esses mesmos papeis ou 'carreiras sociais', para usar a expressão empregada por Hannerz, implicam atitudes adquiridas, disposições corporais e sentimentos (Ibid.), haja visto estarem ligados a uma moral construída pelo próprio grupo. Assim, os afetos podem ser interpretados como uma qualidade da ação ou da identidade do sujeito ou do grupo, como fica patente na associação emotividade/feminino, discutida em LUTZ (1988). Portanto, ao constituírem aspectos de ação e das relações sociais, acompanham atos racionais e irracionais, experiências positivas e negativas e "tal qual os significados cognitivos e os princípios morais (...) são moldados por expectativas sociais tanto quanto são emanações de personalidades individuais" (GOODWIN, JASPER, POLLETTA, 2001, p. 9).

Reconhecer a importância das paixões no que diz respeito às lutas coletivas permite aprofundar a compreensão de suas dinâmicas internas e externas, que vão desde o recrutamento até a permanência na luta. Além disso, elas podem ter uma relevância estratégica por parte dos ativistas ao servirem como base do pensamento estratégico e ao estruturarem e manterem os movimentos sociais (FLAM, 2005). Com base nessas considerações, pode-se afirmar que somente por meio do estudo dos afetos é possível entender, dentre outras, as motivações para o engajamento, mesmo quando o sucesso não importa mais ou quando a derrota é previsível.

3.2 **Da emoção à ação**

3.2.1 A emoção pelo lugar

Há lugares que despertam emoções em algumas pessoas. O sentimento não é universal, nem a capacidade de senti-lo. É necessário um contato mais intenso do que a apreciação visual (TUAN, 1980); é preciso tocar para sentir, mas também experienciar e viver o lugar. Essa interação permite a construção de poderosas conexões e desconexões entre as pessoas e o seu mundo, as quais correspondem aos afetos. Estes compõem o cosmos de tal forma que sem eles sobrevivemos em um espaço que parece vazio, neutro, apolítico (SMITH *et al*, 2009) e sem sentido. Nesse mundo, chamado de 'espaço abstrato' por Lefebvre, tudo o que existe é visto como matéria-prima indispensável para a reprodução humana, retirando-lhe todas as significações e abstraindo-lhe as emoções (SMITH *et al*, 2009). Por extensão, os lugares tornam-se abstratos e desprovidos de afetividade, ao mesmo tempo em que, segundo os mesmos autores, permitem tratar os seres humanos como abstrações.

Ainda que a industrialização e a urbanização do século passado tenham levado à tendência de tornar pessoas e locais genéricos (LEFEBVRE, 2001) e de erradicar a experiência autêntica de se sentir parte de um lugar (JONES; EVANS, 2012), Smith *et al* (2009) argumentam que essa desatenção é mais aparente do que real. Isso decorre do fato de que não há sujeito sem ambiente, e essa situação permite que os indivíduos se localizem, se encontrem, se conheçam, se relacionem e sintam, tendo em vista que "a verdade não habita apenas o homem interior, ou mais precisamente não há homem interior, o homem está no mundo, e só no mundo ele se conhece" (MERLEAU-PONTY apud SMITH *et al*, 2009, p. 11).

Esse autoconhecimento proporcionado pela condição de estar no mundo não ocorre em sua completude através das palavras. Por estarem em movimento, "elas nos permitem refletir no mundo, situar nosso conhecimento dentro de vários contextos, mas não capturam a essência do mundo" (SMITH *et al*, 2009, p. 6). Tampouco são plenamente eficientes em transmitir a terceiros os afetos sentidos se não houver algum tipo de afetação. É nesse contexto que se torna possível compreender a intensidade da relação das pessoas com o lugar, como aconteceu com a comunidade pesquisada por Losekann (2017).

O rompimento da barragem do Fundão, localizado na cidade de Mariana, ocorrido em 2015, atingiu cidades em Minas Gerais e no Espírito Santo, levando a uma intensa mobilização que envolveu moradores, organizações não-governamentais, entidades religiosas, instituições de ensino e sociedade civil. Na tentativa de entender o papel dos afetos na ação coletiva e nas reivindicações das vítimas, Losekann (2017) observou que se tratava de um processo complexo, no qual era necessário estabelecer noções morais de certo e errado, além de ter as informações organizadas cognitivamente pelos atingidos e pelos atores externos. Na medida em que foi ficando claro que a organização dos valores culturais assumidos pela coletividade envolviam representações morais, cognitivas e emotivas, foi possível compreender que estas não eram suficientes para dar origem à insurgência, pois dependiam da experiência de viver o local.

A emoção pelo lugar contagia e mobiliza; mobiliza e contagia, haja visto ocorrer um 'contágio emocional' (JASPER, 2016). Em sua pesquisa, Losekann (2017) lembra de uma situação em que, após uma visita à casa de um pescador, o mesmo convidou-a junto com outros pesquisadores para um passeio no rio. A experiência, segundo ele, seria um presente dado ao grupo. O convite permitiu não apenas viver o ambiente, mas sentir e entender o que seus habitantes algumas vezes tentaram transmitir em palavras, de modo que "ao refletir sobre essa experiência, percebemos a importância da dimensão do lugar para a dinâmica emocional" (LOSEKANN, 2017, p. 114). De modo análogo à percepção de Losekann, Jones e Evans (2012, p. 7), ao falarem sobre a relevância dos afetos para a geografia, notaram que "a transmissão de

afetos não é diretamente entre indivíduo e indivíduo, mas sim 'que a transmissão é uma propriedade de espaços particulares saturados de um afeto ou uma combinação deles até o ponto onde espaço e afeto tornam-se coincidentes'". Assim, os moradores, dada a vivência na região, resolveram lutar por ela, e ao compartilharem parte dessa realidade, afetaram e estimularam os atores externos a se mobilizarem.

A experiência emocional construída através do contato com o espaço permite entender o significado deste e, portanto, não deve ser menosprezada. Essa conexão corresponde a "um fenômeno intensamente particular e visceral. A utilidade do afeto como um conceito diz respeito ao modo como essas intensidades não estão confinadas ao corpo do indivíduo, mas à capacidade de serem compartilhadas e ampliadas" (JONES; EVANS, 2012, p. 7). Por isso dizer que o lugar é uma extensão do corpo, mas que com ele não se confunde. Ambos são elementos de uma relação e estão continuamente se envolvendo e se revelando, de maneira que

> Há, portanto, um forte componente temporal, com relações afetivas criando uma série de conexões emocionais em desenvolvimento; o corpo e a paisagem ficam emaranhados com a memória do indivíduo de compromissos físicos contínuos com o lugar. Em suma, as conexões para o local se acumulam com o tempo (JONES; EVANS, 2012, p. 7).

3.2.2 Choque moral e narrativas emocionais

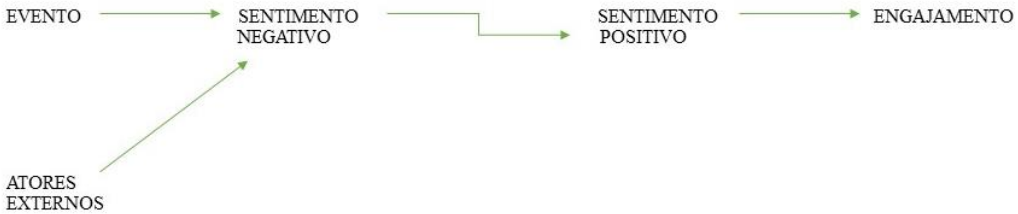
As paixões sentidas constituem um dos passos para a insurgência, porém não o único e nem o determinante, haja visto existirem emoções que motivam, mas também que desmotivam (FLAM, 2005; JASPER, 2016; LOSEKANN, 2017), retraem ou paralisam. Para a ação ter início é importante que a realidade seja entendida como perturbadora e incômoda o suficiente para que o indivíduo se sinta estimulado a transformá-la. Essa tomada de consciência inaugural, seguindo a abordagem cultural proposta por Goodwin, Jasper e Polletta (2001), envolve cognição e moral. A primeira diz respeito ao que entendemos por visão de mundo, as crenças e os ideários estabelecidos, as narrativas criadas e até mesmo as táticas utilizadas para vencer uma batalha. Já a segunda compreende os princípios socialmente elaborados, aceitos e seguidos por toda a sociedade e as intuições capazes de indicar quando algo está errado e é convidativo para a mobilização.

A perturbação, ou 'choque moral', "surge quando acontece alguma coisa que lhe mostra que o mundo não é como você pensava, que alguém é mais repulsivo, que um problema é mais grave do que você tinha imaginado" (JASPER, 2016, p. 125). É o momento da primeira

aparição dos afetos na luta, de modo que a ocorrência de um acontecimento no âmbito pessoal, ultrajante e moralmente violador, gera uma gama de emoções que podem levar à ação.

O dilema entre agir ou retrair ainda é perpassado por uma segunda tomada de consciência que depende da transformação do que chamei de sentimento negativo – paralisante - em sentimento positivo – impulsionador, sendo os primeiros individuais e os segundos coletivos, conforme Losekann (2017). Apenas quando medo, vergonha, tristeza, melancolia são convertidos em 'contra-emoções subversivas' (FLAM, 2005) como raiva, orgulho, esperança, indignação é que o indivíduo passa a se perceber como uma pessoa afetada e decide envolver-se com a causa (LOSEKANN, 2017). No entanto, os estudos de caso analisados para este trabalho mostraram que a conversão desses sentimentos ocorrem a partir da interferência de atores externos atuando através de narrativas emocionais (KANE, 2001), conforme esquematizado na Figura 1.

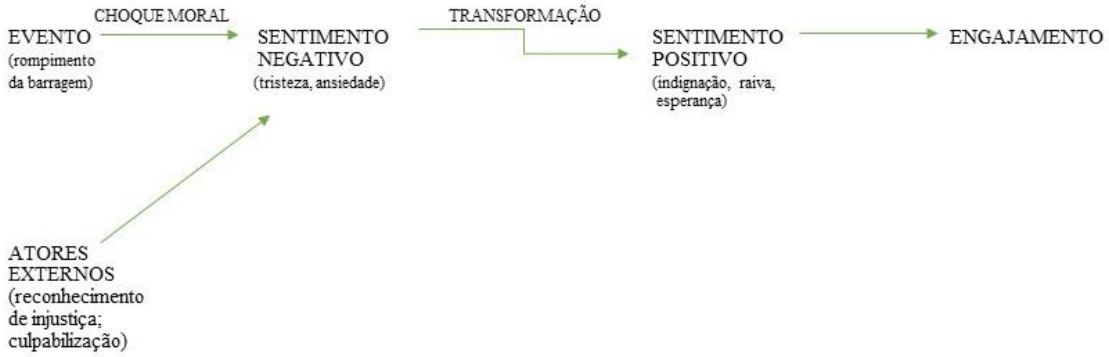
Figura 1. Esquema da transformação das emoções em ação desde a ocorrência do evento perturbador.



Fonte: O autor, 2019.

O conhecimento transmitido através dos discursos empreendidos pelas entidades envolvidas com os atingidos pelo rompimento da barragem em Mariana também transmutaram sentimentos paralisantes em impulsionadores levando as vítimas à resistência. Através de trabalho iniciado logo após o desastre, Losekann (2017) identificou que os primeiros afetos que surgiram, como ansiedade, tristeza e sentimento de perda, apesar de compartilhados, não foram mobilizadores. A entrada de atores externos compostos por universidade, ONGs, sociedade civil, entidade religiosa e movimentos socais tiveram um relevante papel informativo e transformador ao desnaturalizar o evento trágico. De acordo com a autora, os moradores da região encontravam-se resignados diante das informações de que o rompimento da barragem havia sido uma fatalidade sem responsáveis. O processo de culpabilização seguido pela construção de um 'retrato de injustiça' impulsionou a transformação de sofrimento em indignação, raiva e esperança (Figura 2).

Figura 2. Esquema da transformação das emoções em ação aplicado ao evento analisado por Losekann (2017).



Fonte: O autor, 2019.

Ao analisar um movimento irlandês de luta pela terra, Kane (2001) observou que, a despeito da heterogeneidade de sujeitos e de demandas, o grupo insurgente desenvolveu um senso de solidariedade a partir das narrativas compartilhadas. Entre os militantes havia camponeses, líderes locais de causas nacionalistas e agrárias, fazendeiros arrendatários e clérigos, que frequentemente se reuniram em encontros 'ritualísticos'. Nessas ocasiões, emocionalmente carregadas, ocorreu a construção simbólica e de sentido através de discursos que em grande medida tomavam a forma de narrativas. O compartilhamento de memórias, experiências, histórias e aspirações foram fundamentais para transformar os sentimentos de vergonha, medo, tristeza, humilhação e desgosto presentes nas falas em ódio, raiva, indignação e assim, aproximar os diferentes irlandeses.

Em trabalho sobre o Grupo Cultural AfroReggae (GCAR), Coelho e Durão (2012) observaram como as narrativas elaboravam uma imagem do grupo capaz de representar seus líderes como arquétipos de superação e de exemplo a ser seguido. As exposições abrangiam códigos de conduta a serem seguidos no trato com os demais parceiros de modo a estimular um senso de companheirismo e de identificação. A importância das 'fábulas' criadas apareceu na transformação de sentimentos de injustiça e ódio em solidariedade, responsabilidade, tolerância e esperança, na mesma medida em que possibilitou a criação de discursos com efeito moralizante, os quais garantiram a legitimação do próprio movimento.

Em duas pesquisas diferentes com ativistas ligados aos direitos sexuais, Zilli (2017) e Valle (2017) demonstraram como as narrativas foram importantes para a divulgação e compartilhamento de informação que deu origem à entrada no movimento social. No primeiro caso, os militantes não eram portadores do vírus HIV, mas a partir do contato com soropositivos e da conquista de conhecimento sobre a doença a inquietude e indignação diante de atitudes 'machistas' e da maneira como as teorias lidavam com problemas sociais deram lugar à

compaixão. Já no segundo caso, os ativistas eram as pessoas com Aids e suas lutas objetivavam alcançar direitos específicos, garantir a dignidade e combater o estigma que as acompanhava. Nesse sentido, a tristeza, o medo, a vergonha e a culpa de quem se descobria infectado se converteram em orgulho, amor, esperança, compaixão, raiva e solidariedade. Essas transformações emotivas davam-se nas reuniões de recepção e aconselhamento organizadas pelas ONGs, nas quais se desenvolvia

> [...] um espaço de transição e de incorporação preliminar da *informação* correta, cujo sentido era o de orientar as emoções da pessoa de uma suposta situação de descontrole para um nível de autocontrole, tanto estimulado pela presença da pessoa na recepção, ao ser orientada pelo coordenador da atividade, como depois pela integração do visitante ao GPV [Grupo Pela Vida] (VALLE, 2017, p. 89-90, grifo do autor).

Em resumo, as emoções aparecem como primeira consequência de um acontecimento traumático e dolorido e podem inibir ou estimular a tomada de atitude. No caso de ocorrer a segunda hipótese, a entrada no movimento social acontece após a vivência de um choque moral cujos sentimentos a este associado canalizam a experiência vivida para o campo da ação coletiva (LOSEKANN, 2017). Nesse momento o sujeito percebe que algo está errado e que precisa agir, no entanto para que o engajamento se concretize outros estímulos e afetos aparecem e somam-se aos já existentes.

3.2.3 Motivação

Em ensaio iniciado em 1978 e intitulado “De consumidor a cidadão” (1983), Albert Hirschman procura decifrar os motivos pelos quais os cidadãos voltam-se aos interesses coletivos em detrimento dos seus próprios e, num movimento inverso, por que abandonam a vida pública e retornam à privada. Para tanto, o autor busca “realçar o papel das avaliações críticas das pessoas de suas próprias experiências e escolhas como importantes determinantes de novas e diferentes preferências” (HIRSCHMAN, 1983, p. 11).

Essa tentativa evidencia a importância de conceitos abstratos como ‘percepção, autopercepção e interpretação humanas’ ao mesmo tempo em que afasta da tomada de decisão a racionalidade como única variável. Sensações resultantes de um choque moral como *decepções* e *arrependimentos* seriam responsáveis por mudanças de comportamentos que justificariam uma transição no sentido privado-público. Dessa maneira, o não atingimento das expectativas particulares, aliado a outros sentimentos, estimularia o engajamento em questões coletivas.

O primeiro desses sentimentos discutidos por Hirschman (1983) seria a *satisfação* própria de quem luta por um ideal comum. Na militância, o simples ato de fazer parte ativamente de um acontecimento transformador e compartilhado já é percebido como algo tão ou mais prazeroso que a própria conquista. De maneira que

> [...] lutar pela felicidade pública (em algum aspecto concreto) e conquistá-la não podem ser vistos como coisas estanques. Na verdade, o próprio ato da busca da felicidade pública é a *segunda melhor coisa do processo*; a melhor é *ter* tal felicidade – embora às vezes não seja nem a segunda melhor coisa, mas precisamente a *melhor* de todo o processo, em vista das decepções em relação aos resultados da ação voltadas para a esfera pública (HIRSCHMAN, 1983, p. 92, grifos do autor).

Portanto, a resistência, antes de significar o custo ou o trabalho dispendido para o alcance de um interesse, tem o valor de uma recompensa, a qual não está diretamente ligada ao bom êxito da empreitada. Isso significa que, antes mesmo de se ver vitorioso, o ativista se regozija com a simples busca da felicidade pública, já que "o benefício de uma ação coletiva para um indivíduo não é a diferença entre o resultado esperado e o esforço dedicado por ele ou ela, mas a *soma* dessas duas 'importâncias'" (HIRSCHMAN, 1983, p. 94, grifo do autor).

O segundo sentimento envolvido é a *epifania*[21] diante da possibilidade de poder causar uma melhora real na sociedade. O ser humano desenvolve uma visão de mundo na qual mudanças sociais e políticas são praticamente impossíveis de acontecerem, mas o contato com a vida pública demonstra o oposto. Por mais que essas transformações sejam difíceis e demandem sacrifícios, a ação política mostra que elas são viáveis e que resultam de "uma mudança cognitiva radical, semelhante a uma revelação" (HIRSCHMAN, 1983, p. 97). Assim, a consciência de que é possível juntar-se a outras pessoas, que pensam de forma parecida, para empreender um mesmo objetivo é, nas palavras do autor (Ibid., p. 97), "por si só agradável e até mesmo inebriante".

O envolvimento em uma ação ainda engendra um terceiro sentimento representado pelo *prazer* de sentir que o investimento empregado na conquista de um bem comum contribui para o desenvolvimento e a transformação pessoal (HIRSCHMAN, 1983). Essa visão aproxima-se da compreensão de que o ativismo não envolve apenas o puro apego à causa da luta (GAXIE, 2005). Pelo contrário, há um interesse individual associado a um senso de realização, que tornam a militância "uma ocasião de afirmação e de valorização de si" (Ibid., 2005, p. 163).

---

[21] A expressão aqui utilizada, diferentemente de "satisfação" e "prazer", não foi empregada por Hirschman no seu trabalho. Trata-se de uma denominação criada a partir de uma escolha pessoal de um vocábulo que compreendesse a ideia trazida pelo autor. Importante frisar que a "epifania" aqui utilizada deve ser entendida pelo ponto de vista filosófico, que a vê como uma sensação profunda de realização, nada tendo a ver com o sentido religioso.

As motivações para a resistência abrangem ainda o poder de mostrar o potencial das pessoas diante de situações adversas; de gerar espaços de contato e experiências não facilmente acessíveis no dia a dia; de cultivar a possibilidade de representar seus interesses; de transformar sua vida sem um forte compromisso com uma bandeira política, como demandaria a entrada na vida político-partidária (DELLA PORTA; DIANI, 2006). Além disso, abarcam as emoções que levam ao comprometimento com algo ou com alguém, de maneira a afastar o estado de alienação reforçado pelo "sentimento de que se é uma pequena parte de uma totalidade enorme" (JASPER, 2016, p. 139).

3.2.4 Permanência

Muitas das razões que incentivam o ingresso no ativismo são as mesmas que mantêm os insurgentes no movimento. A criação de um grupo é tão importante quanto a sua permanência, porém uma singularidade as diferencia. Enquanto a primeira situação enseja uma perspectiva vitoriosa, ainda que a longo prazo, a segunda pode ocorrer sem que haja qualquer garantia de sucesso e sem que sejam desconsiderados os infortúnios da luta. A resposta para a incongruência de perpetuar uma batalha sem expectativa de vencê-la perpassa o comprometimento com a causa, com as pessoas envolvidas e com o próprio lugar.

A esse primeiro compromisso estão associadas as 'apostas paralelas' feitas pelos militantes. De acordo com Becker (1960), a impossibilidade de renúncia envolve acordos e investimentos feitos durante a conquista do objetivo principal. Essas apostas paralelas podem gerar obrigações assumidas ao longo do tempo e cujo abandono resultaria em prejuízos, como a perda de reputação diante dos demais companheiros. Para outras pessoas essas apostas acabam tornando-se tão valiosas que o fracasso do intento inicialmente perseguido deixa de ser motivo suficiente para o abandono da luta. Essa lógica serve para demostrar que os ativistas podem seguir linhas de ação que são estranhas aos objetivos da atividade em si (BECKER, 1960).

Já o comprometimento com as pessoas tangencia o sentimento de lealdade e o senso de solidariedade ou de comunidade. Saber que se reivindica pelos outros, e não apenas por si, e que os esforços e incentivos dispensados fazem diferença muda o significado da disputa. No bojo do prosseguimento na ação coletiva, Flam (2005) observa que em um trabalho de Della Porta, os movimentos que se disseram generosos, solidários, preocupados com os outros eram marcados por absoluta lealdade e responsabilidade, de modo que seus participantes não conseguiam deixar o movimento. Desistir era visto como traição. Nesse sentido, solidariedade e amor ao movimento constituíam regras de sentimentos obrigatórios.

Por fim, o compromisso com o lugar parte da consideração de que este corresponde a uma “série de ambientes condicionados que prepara e ‘cozinha’ os afetos” (THRIFT, 2009, p. 88), já que mais do que representações, o espaço, assim como as coisas (THRIFT, 2009; MILLER, 2013), desempenha papeis. Esses papeis, quando relacionados com o território, dizem respeito quer ao fornecimento de um abrigo seguro e reconfortante para se viver e trabalhar, quer a um local onde se guarda memórias e histórias (LOSEKANN, 2017) ou onde se cria um senso de identidade responsável por produzir um amor pelo lugar.

3.3 **A ação como dádiva**

A satisfação, a epifania e o prazer surgidos durante o envolvimento na ação política podem resultar em um regozijo que só pode ser galgado através de uma convivência pública desenvolvida muitas vezes entre estranhos que se doam a uma ação ou a uma ideia sem esperar uma retribuição que seja feita em forma de objetos ou serviços (GODBOUT, 1999). Nesse contexto, o ato de lutar é uma doação advindo de uma vontade pessoal e, muitas vezes, inegociável.

Essa doação aproxima a categorização do engajamento em um movimento social dentro da perspectiva da dádiva moderna, a qual é concedida unilateral, gratuita e espontaneamente, não implicando um retorno, ainda que ele sempre ocorra e que muitas vezes seja superior à própria oferenda (GODBOUT, 1999). Nesse sentido, militância e dádiva, ao ocorrerem entre desconhecidos, passam a estabelecer um vínculo social ao mesmo tempo em que criam um senso de identidade e solidariedade, deixando o interesse individual relegado a um segundo plano.

> Pois, se devemos ir em direção ao outro sinceramente, isso significa que não o fazemos só *para* obter alguma coisa, mas porque o estamos ‘sentindo’, através de um ‘movimento’ em direção ao outro. Encontramos essa ideia em todo o universo da dádiva. Perder para ganhar (GODBOUT, 1999, p. 119, grifo do autor).

Seja porque o sujeito sente-se bem dando algo de forma desinteressada ou porque acha que tem uma dívida com a sociedade, falas como “Você sabe, eu realmente recebo mais do que dou”, “Quero dar um pouco daquilo que me deram na vida. Já recebi muito” (GODBOUT, 1999, p. 14-15), populares entre os que presenteiam, soam normais entre os ativistas para justificar suas escolhas pela militância.

4 REGIÃO DAS VARGENS: HISTÓRIA, CONFLITO E RESISTÊNCIA

Para o levantamento das informações utilizadas nesta parte foi utilizada uma variedade de documentos, abrangendo tanto dados governamentais quanto análises elaboradas por instituições de ensino como a PUC e a UFRJ, sendo esta última em parceria com os moradores locais.

Os itens que seguem empregam dados oficiais obtidos junto a órgãos públicos como o Instituto Pereira Passos (IPP), o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e a Prefeitura do Rio de Janeiro, mas também não oficiais, produzidos por pessoas que atuam e/ou vivem na região analisada, como é o caso dos Amigos do Parque – Parque Estadual da Pedra Branca e da Articulação do Plano Popular (APP). Este último grupo possui fundamental importância, pois além de gerar um plano alternativo à proposta da prefeitura que enumera questões relevantes para a comunidade e o meio ambiente, garante um ponto de vista

4.1 Informações sobre o local: da região das Vargens a Vargem Grande

A chamada região das Vargens, localizada na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, é composta pelos bairros de Vargem Grande, Vargem Pequena e Camorim, os quais juntamente com parte do Recreio e um pequeno trecho da Barra da Tijuca e de Jacarepaguá correspondem aos territórios envolvidos no Projeto de Estruturação das Vargens – PEU das Vargens/ Vargens Maravilha e representam cerca de 24% da área total do município (MOURA; BAPTISTA, 2016).

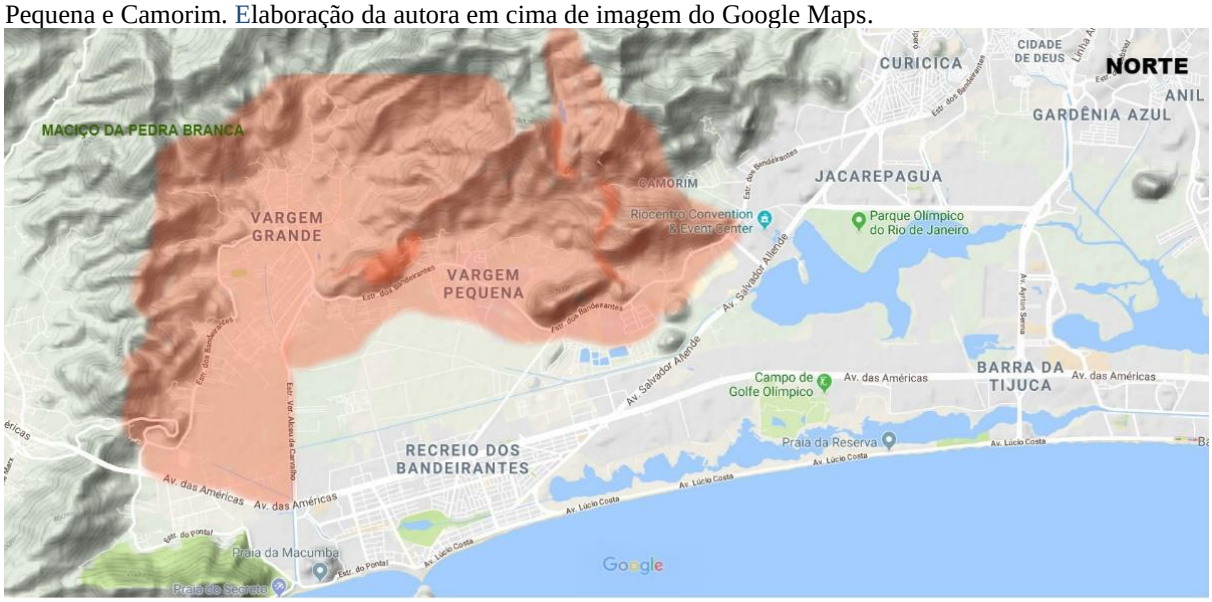
Pertencentes à região administrativa da Barra da Tijuca e contornados pelo Maciço da Pedra Branca (Figura 3),

> [...] considerado um dos maiores parques urbanos do mundo e a maior floresta urbana do país, ocupando cerca de 10% da área total do município do Rio de Janeiro, o Parque Estadual da Pedra Branca possui cerca de 12.500 hectares de área coberta por vegetação típica da Mata Atlântica, como cedros, jacarandás, jequitibás e ipês, além de uma variada fauna, composta por jaguatiricas, preguiças-de-coleira, tamanduás-mirins, pacas, tatus e cotias (MACIÇO DA PEDRA BRANCA, 2018),

Vargem Grande, Vargem Pequena e Camorim destacam-se dos demais bairros não só pelas características ambientais, mas também, territoriais, populacionais, sociais e urbanísticas. Apresentando em 2015, respectivamente, uma área territorial de 3.938,04ha, 1.443,83ha e 885,99ha, pondo as duas primeiras entre as maiores extensões de terra da capital, figuram em

contrapartida entre as menores com área urbanizada. Enquanto Vargem Pequena tinha em 2016 32,84%, Camorim possuía 18,69% e Vargem Grande, 15,56% de sua extensão total (IPP, 2018).

Figura 3. Recorte da baixada de Jacarepaguá destacados em vermelho os bairros de Vargem Grande, Vargem Pequena e Camorim. Elaboração da autora em cima de imagem do Google Maps.



Fonte: O autor, 2018.

Essas taxas combinadas com os baixos números de domicílios, que somados não chegam a 20.000 (10.559 em Vargem Pequena, 5.925 em Vargem Grande e 1.224 em Camorim), e de população, que totalizam 43.259 pessoas (IPP, 2018), mostram a necessidade de se atentar a elas de modo a ter um melhor entendimento sobre as peculiaridades que marcam a região. A nível de comparação, e tomando por base informações de 2010, tem-se em Vargem Grande uma densidade demográfica 100 vezes inferior à de Copacabana, considerada um dos bairros mais densos do Rio de Janeiro, contando este com aproximadamente 356,97 hab/ha contra 3,56 hab/ha daquele.

Os pontos anteriormente levantados demonstram que mais da metade de suas superfícies não se destaca por apresentar "características tipicamente urbanas, como a presença de proximidade entre as edificações, loteamento, padrões de arruamento característico de áreas urbanizadas e uma intensa ocupação urbana" (IBGE, 2018), evidenciando o seu caráter predominantemente rural e parcamente povoado.

No que diz respeito aos parâmetros sociais, os três bairros mostram-se deficientes. Apresentando índices de desenvolvimento social que os fazem figurar entre os dez menores do município, possuem taxas de analfabetismo elevadas, ficando Camorim em 40º lugar, Vargem Pequena em 13º e Vargem Grande em 11º segundo dados de 2010 (IPP, 2018).

Já no que tange aos aspectos urbanísticos, ainda que Vargem Pequena e Vargem Grande destaquem-se de forma positiva pelo fato de quase 80% e 75% dos domicílios, respectivamente, possuírem abastecimento de água, energia elétrica e coleta de lixo, enquanto essa porcentagem é de 54% em Camorim, no que se refere a opções de cultura, esporte e lazer as três áreas não apresentavam, até 2017, nenhum equipamento municipal para tais finalidades (IPP, 2018).

Em meio a uma exuberante vegetação típica de Mata Atlântica, que proporcionam um clima agradável e ares de cidade do interior, vem desenvolvendo-se nas Vargens, mais notadamente desde 2009, "um tipo de conflito urbano diferenciado, em que a defesa do meio ambiente mascara uma ação contínua de grilagem e especulação imobiliária" (PROCEAS, 2009, p. 5).

Para tanto, antes de iniciar a análise de tal projeto que ensejou na formação do grupo de resistência objeto deste estudo, torna-se necessária uma caracterização mais abrangente de Vargem Grande por ser este não apenas o local de surgimento do tal grupo, mas por apresentar elementos importantes para entendimento da relação do homem com o lugar.

Grande parte desse bairro é abrangido pelo Parque Estadual da Pedra Branca, cuja importância justifica-se não apenas pela riqueza de sua fauna e flora, como já observado, mas pelo valor arquitetônico e cultural de suas construções (antigo aqueduto, represas e ruínas de fazendas antigas), paisagístico e geográfico.

No que concerne ao último ponto, o parque abriga uma rede hidrográfica responsável pelo abastecimento de água da região circunvizinha, a qual ainda alimenta as três macrobacias do município, sendo elas da Baía de Guanabara, Baía de Sepetiba e Lagoas Costeiras (MACIÇO DA PEDRA BRANCA, 2018).

A presença do Maciço da Pedra Branca ainda contribuiu para a transformação de Vargem Grande em um polo de ecoturismo, contando com passeios a cavalo, aluguel de sítios, criação de plantas ornamentais e trilhas rústicas, o que somado às suas qualidades cênicas e climatológicas permitiu o surgimento de um polo gastronômico, a construção de um grandioso parque aquático (ARMAZENZINHO, 2018) e de um pequeno número de hotéis.

Apesar do desenvolvimento turístico, a economia em grande medida baseia-se na agroecologia e na agricultura familiar através da produção de alimentos e de plantas medicinais para consumo próprio e/ou comercialização, além da criação de animais, sendo realizadas nos quilombos, nos assentamentos de pequenos produtores e em moradias com quintais produtivos (ARTICULAÇÃO PLANO POPULAR DAS VARGENS, 2017).

Nesse sentido, a questão agrícola vem sendo cada vez mais discutida e na tentativa de ver resguardada essa prática, bem como de estimulá-la por meio do empoderamento de seus

praticantes, têm surgido na área feiras livres orgânicas e relevantes “redes sociotécnicas e de participação política que envolvem os sistemas agroalimentares” (SERTÃO CARIOCA, 2018), como é o caso da Rede Carioca de Agricultura Urbana (RedeCAU), da Associação dos Agricultores Orgânicos de Vargem Grande (AGROVARGEM) e da Coletiva Hortelã.

Paralelamente aspectos urbanísticos ligados à regularização fundiária, infraestrutura urbana, espaços públicos e mobilidade permanecem ignorados pelo poder público. Caracterizado pelo “avanço de condomínios irregulares sobre áreas de preservação ambiental” (ARTICULAÇÃO PLANO POPULAR DAS VARGENS, 2017, p. 13) e por um crescimento de 7,9% da área ocupada por favelas entre 2008 e 2011, sendo portanto o maior percentual dentre os 160 bairros pesquisados (LOPES; AMORIM; CAVALLIERI, 2012), Vargem Grande sofre com o aumento da violência e da militarização proposta por grupos de milicianos; ausência de saneamento ambiental, pavimentação adequada e iluminação pública, bem como com a carência de espaços de lazer comunitários, centros de cultura, escolas de nível médio e técnico e bibliotecas públicas (ARTICULAÇÃO PLANO POPULAR DAS VARGENS, 2017).

Além disso, são atualmente insuficientes as quantidades de creches e escolas de educação infantil, de clínicas da família e unidades básicas de saúde, assim como as ofertas de transporte público (ARTICULAÇÃO PLANO POPULAR DAS VARGENS, 2017).

4.2 **A origem do conflito: histórico e análise dos PEUs das Vargens**

Vargem Grande desde a elaboração do primeiro código de obras da capital do Estado da Guanabara (Decreto 6.000/37), é inserida na zona rural ou agrícola, o que obriga a que todas as edificações ali construídas sejam destinadas a fins habitacionais e agrícolas. Em 1969, com as atenções voltadas para a Baixada de Jacarepaguá, o arquiteto e urbanista Lúcio Costa traça um projeto urbanístico prevendo que as terras de Vargem Grande, Vargem Pequena e os campos de Sernambetiba sejam caracterizadas como áreas de cultivo reservadas a sítios, granjas e chácaras (FERNANDES, 2013), resguardo que permanece com o Decreto 3.046/81 ao definir toda a área de Vargem Grande e Vargem Pequena como de interesse agrícola para fins de proteção (ARTICULAÇÃO PLANO POPULAR DAS VARGENS, 2017).

Desde então, graças ao esgotamento do potencial construtivo da zona sul e centro e a consequente expansão urbana para a zona oeste, como já previsto por Lucio Costa (2010), a partir de 2000 tem início a elaboração de novos PEUs visando a ocupação também da zona norte (NAME, CARDEMAN, 2014). É justamente nessa década, que os primeiros projetos tendendo ao adensamento da região das Vargens têm início.

Concebido para ser “um conjunto de regras norteadas por políticas e ações definidas para orientar o desenvolvimento físico-urbanístico de um conjunto de bairros vizinhos com características semelhantes” (PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO, 2010), o Plano de Estruturação Urbana (PEU) é um instituto exclusivo da legislação da cidade do Rio de Janeiro e, em outras palavras, “objetiva detalhar os condicionantes de ocupação territorial na escala de um bairro ou de um conjunto de bairros” (CARDEMAN, 2014).

Em 2004 é elaborada a primeira proposta de PEU para as Vargens (Lei complementar 72/04) de autoria do Poder Executivo, à época a cargo do prefeito Cesar Maia. Nesta são previstos novos índices construtivos atrelados à cobrança de uma contrapartida financeira, denominada “outorga onerosa do direito de construir”. Em outras palavras, isso quer dizer que com o pagamento de um valor estabelecido em lei é possível construir além do permitido para aquele que não faz jus à contrapartida.

Após votação e aprovação da Câmara dos Vereadores, onde os mesmos retiraram do texto a obrigatoriedade de pagamento da outorga onerosa, o novo plano de estruturação (Lei complementar 79/06) é então suspenso judicialmente após ação de Cesar Maia, voltando a valer até 2009 o Decreto 3.046/81(ARTICULAÇÃO PLANO POPULAR DAS VARGENS, 2017).

Após cinco anos desde o encaminhamento para análise do poder legislativo local, em 2009 um terceiro PEU (Lei complementar 104/09) é aprovado tendo em vista as mudanças urbanísticas necessárias para a região em decorrência da Copa do Mundo de 2014 e das Olimpíadas de 2016 (CADERMAN, 2014). Esse novo projeto, ausente de debates com a população e de estudos de viabilidade (NAME, 2010), estabelece parâmetros desproporcionais para a capacidade de absorção populacional da área.

Dentre os indicadores urbanísticos mais importantes capazes de permitir uma compreensão mínima da proporção das mudanças sofridas, podem ser mencionados a diminuição da área mínima do lote para parcelamento[22], o aumento do gabarito[23], do índice de

[22] Esse parâmetro indica qual o tamanho mínimo que um lote deve possuir para que possa ser dividido em lotes menores. A exigência de uma área mínima para parcelamento baixa representa a possiblidade de um adensamento elevado, tendo em vista existir um número muito maior de terrenos pequenos do que grandes.

[23] Corresponde à altura máxima da edificação. Um aumento no gabarito representa um acréscimo no número de andares e de unidades habitacionais, levando a uma maior quantidade de moradores.

aproveitamento do terreno[24] e da taxa de ocupação[25] (Tabela 2), os quais tornam-se ainda mais avantajados com o pagamento de outorga onerosa.

Tabela 2. Comparativo entre os parâmetros urbanísticos presentes no Dec. 3046/81 e na LC 104/09 para a área A-24 e o setor E, ambos inseridos em Vargem Grande.

	DECRETO 3.046/81			LEI 104/09 (PEU das Vargens)	
	A-24			SETOR E**	
	LOTE A	LOTE B		SEM CONTRAPARTIDA	COM CONTRAPARTIDA
Uso	ZRU / ZC	ZRU/ZMU	ZC	ZRU E – ZUM 1 E – ZUM 2 E – ZUM 3 E	
Área mínima do lote (m²)	10.00	10.000	10.000	600	600
Gabarito	2 pavimentos	2 pavimentos	2 pavimentos	4 pisos	6 pisos
IAT	0,75	0,2	0,75	2,25	2,50
Taxa de ocupação	30%	10%	30%	60%	60%
** O setor E e a A-24 não possuem uma correspondência integral, uma vez que esta corresponde a toda a área de Vargem Grande e aquele a uma parcela do bairro, havendo assim outros setores com outros parâmetros urbanísticos dentro do mesmo.					

Fonte: O autor, 2018.

Esses quatro critérios da forma como foram combinados incentivam e permitem um adensamento urbano com repercussões negativas nos âmbitos urbanístico, social, econômico, orçamentário e ambiental, já que uma maior demografia demanda mais investimentos públicos, o que por sua vez leva ao aumento do preço da terra abrindo caminho para a especulação imobiliária e a consequente expulsão das pessoas mais pobres para áreas periféricas e sem estrutura, além do próprio custo da implantação de infraestrutura urbana e da geração de riscos ao meio ambiente (NAME, 2010), para se ficar apenas entre os aspectos objetivos. Já que, como afirma Name (2010) e pretende-se analisar neste estudo, há a existência também de "fatores extremamente subjetivos e de difícil mensuração", dentre os quais encaixa-se a identificação com o lugar e os sentimentos decorrentes dessa perda.

Preocupado com as consequências reais desse plano o Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro (MPRJ), concomitante à sua aprovação, encomendou com o Núcleo Interdisciplinar do Meio Ambiente (NIMA) da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) um parecer sobre os cenários possíveis "visando a um delineamento da magnitude de impacto do modelo de ocupação" (NAME, 2010).

[24] Mostra quantas vezes a área total do terreno pode ser aplicada à área total da edificação. Um coeficiente alto está associado a um maior aproveitamento do terreno através de um número maior de andares, levando à mesma consequência da nota anterior.

[25] Representa o quanto do terreno pode ser ocupado. Esse parâmetro alto também leva ao adensamento, na medida em que quanto mais se ocupa a área total do solo, mais extensa pode ser a construção.

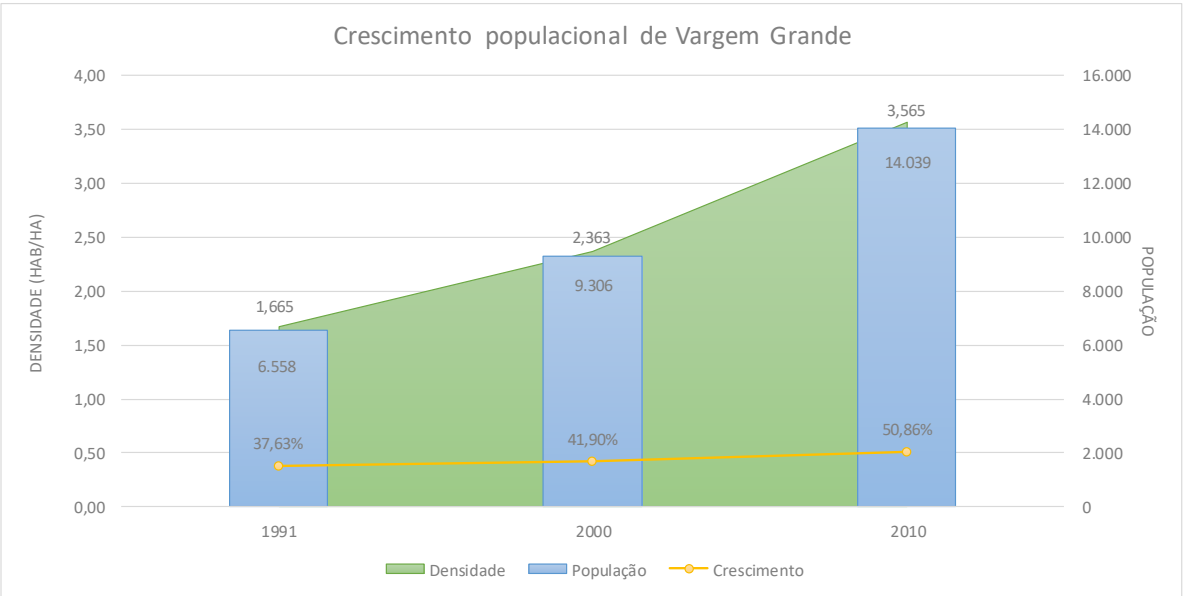
A conclusão mais alarmante dentre todas as encontradas é o avanço substancial da densidade demográfica, que não necessariamente vem acompanhada do devido investimentos na região (NAME, 2010). Isso porque os altos índices de aproveitamento do terreno e condições de parcelamento e de ocupação do solo estimulam o adensamento e a geração de lucros para seus empreiteiros sem que haja a necessidade de pagamento da outorga onerosa, que invariavelmente deveria ser revestida para o local.

Utilizando referências populacionais de 2000, que nesse período apontava para uma densidade inferior a 50hab/ha, chegou-se à conclusão de que no melhor dos cenários esse número passaria para 110hab/ha e no pior para 419,71hab/ha (NAME, 2010).

Ainda que o trabalho de NAME (2010) não conceda informações sobre a densidade exata utilizada nos seus cálculos, uma vez que a fonte oficial afirme apenas ser menor que 50hab/ha, e que os dados empregados tenham uma defasagem de ao menos 9 anos, sua pesquisa merece atenção uma vez que alerta para um aumento de habitantes por hectare que mais do que dobra numa perspectiva menos drástica.

Essa perspectiva torna-se ainda mais preocupante quando se considera o alto crescimento populacional por que vem passando Vargem Grande nas últimas décadas e sem os efeitos do PEU de maneira mais consistente, sendo 37,63% de 1980 a 1991, 49,9% de 1991 a 2000 e 50,8% de 2000 a 2010 (Gráfico 1).

Gráfico 1. Amostra do crescimento populacional do bairro de Vargem Grande no período de 1991 a 2010. Elaboração da autora a partir de dados colhidos em arquivos da Prefeitura do Rio de Janeiro, Prefeitura de Niterói e IBGE.



Fonte: O autor, 2018.

O plano de estruturação de 2009 vigora integralmente até 2013, momento em que parcela dele é suspensa por 180 dias pelo Decreto 37.958/13. Neste é criada a área de especial interesse ambiental (AEIA) para os bairros de Vargem Grande, Vargem Pequena, Camorim e parte de Jacarepaguá, Barra da Tijuca e Recreio dos Bandeirante, ficando excluídas tanto a área do Parque Olímpico quanto "todo e qualquer terreno, empreendimento, edificação, construção ou obra relacionada, direta ou indiretamente, aos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2016" (PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO, 2013). Além disso, tornam-se dispensadas de licenciamento[26] obras que visem qualquer tipo de alteração, seja demolição, construção ou aumento; parcelamento do solo ou abertura de logradouro na AEIA criada.

A partir daí outros decretos foram elaborados preservando a criação de AEIA e o prazo de suspensão de licenciamento, porém alterando os tipos de edificações excluídas dessa obrigatoriedade, de maneira que esta acaba sendo exigida sempre para os mais pobres que desejam construir[27].

Em 2015, é elaborada uma nova proposta de PEU, o Vargens Maravilha, com algumas modificações. A primeira delas é haver concomitante à criação do plano a instituição de operação urbana consorciada (OUC Vargens), cuja finalidade principal é permitir que as intervenções urbanísticas sejam financiadas através de investimentos privados concretizados por meio da venda de certificados de potencial adicional de construção (CEPAC).

De forma mais simplificada toda a negociação funciona da seguinte maneira: o interessado em edificar acima dos parâmetros máximos estabelecidos sem o pagamento de outorga onerosa pode adquirir o direito de assim proceder desde que dê uma contrapartida financeira através da compra de CEPACs. Esses certificados, então emitidos pela prefeitura, concedem ao seu comprador o direito de construir e ao seu vendedor um capital a ser aplicado na

> [...] realização de obras, serviços e melhorias nas áreas situadas dentro dos limites desta OUC, relativas à infraestrutura urbana, saneamento, equipamentos urbanos e

[26] Corresponde à análise e consequente aprovação pelos órgãos responsáveis do projeto de construção, demolição, modificação, parcelamento ou remembramento do terreno a que deve passar de modo a comprovar que não gera riscos ao meio ambiente, às pessoas e à cidade.

[27] Decreto 42.660/16 exclui licenciamento para construção de edifícios mistos e comerciais e para parcelamento de lote, mas mantém-no para unifamiliares e bifamiliares.
Decreto 43.374/17 exclui licenciamento para construção de edifícios unifamiliares e bifamiliares, mas mantém-no para os projetos em terrenos com IAT igual ou inferior a 1.
Decreto 44.203/18 exclui licenciamento para projetos em terrenos com IAT igual ou inferior a 1, mas mantém-no para os projetos de parcelamento de lotes iguais ou inferiores a 600m².
Decreto 44.207/18 exclui licenciamento para projetos de parcelamento de lotes iguais ou inferiores a 600m², mas mantém-no para os projetos de parcelamento de lotes cuja escolha se dê na modalidade sem outorga onerosa.
Decreto 44.704/18 exige licenciamento para projetos em terrenos com IAT igual ou inferior a 1, mas exclui-o para projetos de parcelamento de lotes cuja escolha se dê na modalidade sem outorga onerosa.

> comunitários, espaços públicos de lazer e áreas verdes, programas e projetos habitacionais de interesse social e regularização fundiária, transportes e circulação viária, cicloviária e de pedestres, na forma do art. 31 do Estatuto da Cidade - Lei Federal nº 10.257, de 2001 (PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO, 2015).

Tendo em vista que esses certificados são vendidos pela municipalidade e que quanto mais valorizada a área a que eles fazem jus, mais dinheiro aquela arrecada, a tendência é a de que a prefeitura "passe a zelar pelo aumento da valorização fundiária, atuando no sentido de elitizar o uso do solo e remover os obstáculos à valorização da terra (como, por exemplo, as favelas, loteamentos irregulares e clandestinos de baixa renda)" (ARTICULAÇÃO PLANO POPULAR DAS VARGENS, 2017, p. 8).

Outra importante implicação de uma OUC é a de que sua implementação, conforme ocorreu com a Operação Urbana Porto Maravilha (ARTICULAÇÃO PLANO POPULAR DAS VARGENS, 2017), está vinculada à necessidade de realização, por parte do poder público, de uma série de benfeitorias capazes de indicar que a região é atrativa para o investimento privado e que gerará lucro.

A segunda mudança diz respeito à outorga onerosa. Diferentemente do projeto de estruturação de 2009, no qual não é exigido que a contrapartida seja reinvestida no mesmo local (NAME, 2010), a de 2015 impõe essa obrigação, mantendo isentos ou com redução no valor da CEPAC os empreendimentos habitacionais de interesse social[28], os que criam ou viabilizam a criação de Reserva Particular do Patrimônio da Natureza[29] (RPPN), dentre outros previstos no seu artigo 161.

Como resultado, os recursos obtidos com as CEPACs podem acabar concentrando-se apenas nos setores de interesse do capital imobiliário deixando de ser aplicados nas camadas sociais de menor renda (Articulação Plano Popular das Vargens, 2017) e nas instalações públicas que garantam uma vida mais digna. Como exemplo disso, o PEU de 2015 prevê o "estímulo ao setor de turismo e lazer através da valorização dos polos culturais, ecológicos e gastronômicos, incentivando as atividades correlatas ao setor" (PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO, 2017) como uma de suas diretrizes sem cogitar gastos para o aproveitamento da

---

[28] Correspondem a habitações destinadas a famílias que possuam renda mensal enquadrada na faixa de zero a três salários mínimos.

[29] A Reserva Particular do Patrimônio Natural constitui uma "unidade de conservação de domínio privado, com o objetivo de conservar a diversidade biológica, gravada com perpetuidade, por intermédio de Termo de Compromisso averbado à margem da inscrição no Registro Público de Imóveis" (BRASIL, 2006).

terra a fim de garantir e estimular a produção agroecológica, sendo essa uma demanda mais urgente de seus moradores. De modo que o projeto de lei complementar 140/15, apesar de alterar os parâmetros urbanísticos de modo a frustrar o adensamento permitido pela lei complementar 104/09, ainda os mantêm muito altos em comparação com os estabelecidos no Decreto 3.046/81 se o construtor optar pela modalidade outorga onerosa (Tabela 3).

Tabela 3. Comparativo entre os parâmetros urbanísticos presentes na lei complementar 104/09 e no projeto de lei complementar 140/15 para o setor E pertencente a Vargem Grande.

	LEI 104/09 (PEU das Vargens)		P. LEI 140/15 (Vargens Maravilha)					
	SETOR E		SETOR E					
	sem contrapartida	com contrapartida	sem outorga onerosa			com outorga onerosa		
Uso	ZRU E – ZUM 1 E – ZUM 2 E – ZUM 3 E		ZRU-3	ZRM-2	ZRM-3L / ZRM-4	ZRU-3	ZRM-2	ZRM-3L / ZRM-4
Área mínima do lote (m²)	600	600	600	600	600	600	600	600
Gabarito	4 pisos	6 pisos	2 pav.	3 pav.	3 pav.	3 pav.	5 pav.	5 pav.
Iat	2,25	2,50	0,20	0,20	0,40	0,60	0,75	1,00
Taxa de ocupação	60%	60%	40%	40%	40%	40%	40%	40%

Fonte: O autor, 2018.

Atualmente, o projeto de lei complementar 140/15 encontra-se na Câmara de Vereadores, tendo sido distribuído para diversas comissões, como Comissão de Assuntos Urbanos, Comissão de Meio Ambiente, Comissão de Obras Públicas e Infraestrutura, Comissão de Educação e Comissão de Cultura, mas sem nenhum parecer produzido. Em vista disso, vigorou o decreto 37.958 /13, responsável pela criação de AEIA, combinado com o decreto 44.704/18, que flexibiliza alguns pontos relativos ao licenciamento de construção e de parcelamento do solo, até o dia 05 de janeiro de 2019. Após essa data, voltou a prevalecer a lei complementar 104/09, que desagrada não apenas aos moradores, mas gera preocupação à Sub-secretaria de Meio Ambiente do município a ponto de propor um projeto na qual sejam criadas duas unidades de conservação (Figura 4). Em uma delas haveria mais restrição nos parâmetros construtivos de modo a “garantir a sobrevivência de espécies ameaçadas de extinção principalmente nos brejos”, enquanto na outra existiria uma flexibilidade maior “permitindo, aqui e acolá, alguns loteamentos” (ALENCAR, 2018).

Figura 4. Projeto da Sub-secretaria de Meio Ambiente para a região das Vargens.

Fonte: Emanuel Alencar.

4.3 A resistência: Articulação Plano Popular das Vargens (APP)

A partir de 2016 moradores da região das Vargens começam a se organizar em um grupo nomeado de Articulação Plano Popular das Vargens (APP) com o intuito de discutir e elaborar uma alternativa que corresponda a

> [...] um modelo de cidades que sirva à cultura local e não ao mercado, que sirva à cidadania e à gestão democrática da cidade. Que se coloque como plataforma para o Bem Viver (sic) não só dos moradores das Vargens, mas de todo o Rio de Janeiro, a partir de uma relação horizontal entre conhecimento local, movimentos sociais e pesquisa científica (ARTICULAÇÃO PLANO POPULAR DAS VARGENS, 2017).

Para tanto, moradores, lideranças populares, estudantes, pesquisadores e profissionais iniciam em primeiro de outubro de 2016 conjuntamente com o Núcleo Experimental de Planejamento Conflitual (NEPLAC) do Laboratório Estado, Trabalho, Território e Natureza (ETTERN) do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional (IPPUR) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) o curso de extensão “Formação de Planejadores Populares: Construindo o Plano Popular das Vargens”, o qual em agosto de 2017 apresenta uma primeira versão do plano popular.

O curso de formação, cujos objetivos consistem em levantar e debater as prioridades populares para as Vargens e apontar as ameaças geradas pelo projeto de lei complementar 140/15 (ARTICULAÇÃO PLANO POPULAR DAS VARGENS, 2017), resulta na elaboração

de um plano contendo princípios, propostas e ações e assentado em três eixos temáticos: 1) comunidades, regularização fundiária e planos locais; 2) morar, plantar e tradições: agroecologia e direito à cidade; 3) infraestrutura, espaços públicos e mobilidade urbana.

Para a elaboração do documento a APP reúne-se durante os meses de outubro e novembro de 2016, dentro dos quais ocorrem apresentações de especialistas, relatos de moradores e agricultores, trabalhos de campos, oficinas e vivências, seguindo um cronograma que envolve desde o reconhecimento da área através de sua história até o levantamento de demandas por parte da população (Tabela 4).

Tabela 1. Cronograma das atividades desempenhadas durante o curso de extensão "Formação de Planejadores Populares.

DATA	ATIVIDADE
01/10	Apresentação da Articulação Popular das Vargens e do curso
08/10	História e memória da região
22/10	A região na cidade: trabalho com dados
23/10	Visita: Feira da Roça, quintais produtivos e trilha no Quilombo Cafundá Astrogilda
29/10	Visita às áreas de planejamento
05/11	Caracterização da população e do território
12/11	Mapeamento das demandas e formulação de propostas, considerando políticas públicas existentes
22/11	Elaboração do Plano: propostas e ações
26/11	Consolidação de Planos Populares e planos de ação

Fonte: O autor, 2018.

Em relação à composição do grupo chama a atenção a sua abrangência tendo em vista a participação de moradores e pessoas que de alguma forma têm ligação com o lugar, mas também a de instituições públicas como o IPPUR e a UFRJ, conforme mencionado anteriormente, e o colégio estadual professor Teófilo Moreira da Costa (CEPTMC), de coletivos como a Rede CAU, Rede Ecológica, Coletivo de Mulheres da Zona Oeste, Quilombo Cafundá Astrogilda, Quilombo do Camorim, Coletiva Hortelã, Vila Autódromo, entre outros, além de associações como a Associação de Moradores e Amigos de Vargem Grande (AMAVAG) e a Associação dos Agricultores Orgânicos de Vargem Grande (AGROVARGEM). A presença desta última é de fundamental importância para a elaboração do plano popular uma vez que insere no escopo das demandas a necessidade de propostas visando a garantia da prática das atividades agrícolas e fitoterápicas no local, além da permanência e segurança de seus praticantes (proprietários de quintais produtivos, pequenos agricultores e comunidades quilombolas), fato este completamente ignorado no projeto de PEU de 2015.

5 **“SÓ EM VARGEM GRANDE, NÉ!”**

Viver – não é? – É muito perigoso. Porque ainda não se sabe.
Porque aprender-a-viver é que é o viver, mesmo.
O sertão me produz, depois me engoliu, depois me cuspiu do quente da boca...
O senhor crê minha narração[30]
Guimarães Rosa

5.1 **O contato com Vargem Grande**

A presença do lugar e das suas características naturais mostraram-se refletidas nas falas dos seis entrevistados, de modo que o bairro se encontra incorporado na vida das pessoas. A ideia de “predestinação” e “transcendentalidade” apareceu na fala de duas pessoas que não eram originárias da região. Uma delas é Graça, que se mudou em 1996 para Vargem Grande, vinda de Bonsucesso, bairro da zona norte da cidade. A mudança a princípio se deu pela disponibilidade de terrenos para comprar e construir sua casa e pela proximidade com o trabalho do marido. No entanto, após visitar o local, ela imediatamente se afeiçoou por ele e, ao contrário da sua expectativa, logo se adaptou, conforme conta:

> Me identifico... Me apaixonei por aqui. Parece que eu nasci aqui. Eu sinto como se morasse aqui desde criança, assim, entendeu: há mais tempo. [...] Eu achei que eu fosse levar uns 6 meses pra me adaptar aqui; em 2 meses eu já me sentia em casa.

A rápida adaptação parece estar relacionada com o acolhimento proporcionado pelos pequenos espaços, encarados como unidade (SIMMEL, 2013), nos quais os vínculos e os contatos interpessoais são maiores e as relações de confiança ainda fortes. *“Já conhecia todo..., os comerciantes principais. Já tinha conta na mercearia, coisa que..., coisa de roça, né. Tinha conta até no posto de gasolina, vê se pode.”* Em outra passagem, a entrevistada lembra:

> Eu tinha conta no açougue... Eu tinha conta em 4 lugares, no hortifruti, no posto de gasolina já não tinha, agora que me lembrei. Mas uma vez eu comprei gasolina fiado, porque eu tava sem dinheiro. Só em Vargem Grande, né. Naquela época.

O acolhimento inicial e a sensação de que “todo o mundo se conhecia” somaram-se à percepção de que há em Vargem Grande um grupo de pessoas preocupado com o lugar. Essas experiências foram em alguma medida importantes para a decisão de seguir o mesmo caminho

[30] Transcrição de uma passagem da fala de Riobaldo, personagem do livro Grande Sertão: Veredas de João Guimarães Rosa.

do grupo, tanto que o interesse pela aprovação de leis que permitam o surgimento de mais construções na área, de modo a fazer com que apareçam mais trabalhos, não existe.

> Porque é uma galera que tá na causa ambiental, que briga por aqui. Tem uma galera que briga pelo lugar, por preservar. Apesar de eu ser arquiteta, né. Eu podia tá do outro lado. No dia que invadir isso aqui... [Eu podia] trabalhar numa construtora e não é isso eu quero.

Assim, o afeto que emana através e por causa do bairro, mas também das pessoas e das relações estabelecidas nele, contribuíram para o desenvolvimento de um senso de identificação, que veio acompanhado por um sentimento de responsabilidade. Essa responsabilidade, que ao mesmo tempo é sentida como um dever, ao ser interpretada como resultante da aceitação proporcionada pelo local e por seus moradores, contribui para que Graça acredite que estava predestinada a viver em Vargem Grande.

> Eu não sei qual a sua religião, se tem foco isso para a sua pesquisa, mas eu sei que espiritualmente eu tinha que morar aqui justamente por causa disso, entendeu? De defender o meio ambiente daqui.

De igual forma, um outro entrevistado compartilha dessa ligação espiritual apresentado por Graça. Guilherme não é morador original do bairro e sua chegada ocorreu há mais de 25 anos por meio de um convite para viver na região e atuar na proteção da fauna e da flora do parque. Apesar das dificuldades iniciais marcadas pela rusticidade e falta de infraestrutura básica, como energia elétrica, e de alguns desafios ainda presentes como a distribuição de água, o lugar já está tão incorporado na vida de Guilherme que uma existência fora dele lhe parece impensável.

> A floresta é a nossa origem, né. As nossas origens são isso. E você quando está dentro das suas próprias, quando você faz esse retorno às suas próprias origens você não quer sair disso, né. Porque uma coisa que transcende o próprio material e vai pro nível da mais sutil, que é o nível espiritual, a espiritualidade da floresta. Entendeu? E todo esse relacionamento que você tem com a criação divina, que é o cosmos, que você olha pro céu, você vê as estrelas, você vê a lua, não tem luz, sabe. Então eu não consigo me ver morando em outro lugar de jeito nenhum. Nem que fosse outro lugar semelhante, mas Vargem Grande já faz parte de mim. E eu faço parte de Vargem Grande.

A fala acima deixa claro que a relação cultivada com o espaço também exige um contato físico capaz de gerar uma “consciência de mútuo-pertencer” (SIMMEL, 2013), na qual as existências humana e natural se entrelaçam. O deleite sensorial ativa um senso de pertencimento ao conectar o sujeito à natureza, ao mesmo tempo em que desperta lembranças e sentimentos (SMITH *et al*, 2009). Ao falar sobre os aspectos de Vargem Grande que lhe agradavam, Graça recorda de um cheiro que marcava a região e que a tornava única e diferente.

> Só sei que [...] [no quilombo], lá tem uma energia também assim, sabe. Sei lá... Por isso que eu tô te falando, não sei, eu sinto o lugar. E antigamente [...], não sei se foi depois, acho que foi depois da duplicação da Bandeirantes, quando a gente chegava, entre primavera e outono e inverno, no meio do ano, que era mais fresco, quando a gente vinha pela Rio Morto, que a gente fazia assim, que a gente virava na Bandeirantes pra fazer o retorno pra vim pra casa, tinha um cheiro diferente no ar, um cheiro de terra diferente. Que a gente falava "Ih, um cheiro de batata". Parecia cheiro de... Sabe quando a gente tira a batata da terra que fica aquele cheiro? Era um cheiro de tubérculo, com terra. Tinha esse cheiro característico aqui. Sumiu. Não sei porquê. [...] Foi depois da obra. Não sei se era ali, não sei tinha alguma coisa plantada ali, mas era um cheiro que ficava no bairro, sabe. Era uma coisa daqui, tem coisas que só acontecem aqui.

Um terceiro entrevistado nascido e criado em Vargem Grande fala sobre a importância de se sentir conectado com o lugar através da terra. Ao comentar sobre o que lhe agrada no bairro, Giovani aponta

> O barulho dos cachorros latindo, do galo cantando, isso... Nada disso me atrapalha. São coisas que me confortam, na verdade. Mexer na terra, a possiblidade de eu poder plantar o meu alimento e eu mexer, tocar aquela terra, também me deixa muito confortável.

E nesse contexto, a relação direta com a natureza é tão importante que em seu empreendimento comercial, ele procura proporcionar essa mesma experiência aos seus hóspedes

> Bom, além disso, eu também tenho o Beleza da Vargem [nome fictício], que é um espaço... É um cama e café que eu abri na minha casa pra receber pessoas e promover turismo com propósito, que é o turismo comunitário: é a pessoa chegar no lugar e viver o lugar. Então é essa experiencia que eu tenho de Vargem Grande, o que é viver em Vargem Grande. É esse contato com a natureza, é esse contato com os quilombos, com os sítios, com o haras, com o clube. Você passar isso pras pessoas, as pessoas poderem viver isso; contato com a agroecologia. Então a gente tem um quintal produtivo, um lugar que os hóspedes podem ir lá e colher seu próprio alimento, pode fazer sua comida com a couve, com o tempero, enfim, colocar a mão na massa mesmo.

5.2 **As transformações de Vargem Grande**

5.2.1 <u>As ruas e a Estrada dos Bandeirantes</u>

A paisagem corresponde a um espaço marcado pela beleza estética e pela sentimentalidade. Ela "não é a natureza, mas o mundo humano tal qual como ficou inscrito na natureza ao transformá-la. Um mundo misto, híbrido, nesse sentido, nem totalmente natural, nem totalmente humano" (BESSE, 2014, p. 34). Portanto, corresponde a um território marcado por interferências humanas que ao acrescentar, subtrair ou modificar elementos altera a maneira de se relacionar e vivenciar o lugar.

No caso de Vargem Grande, dentre as muitas transformações pelas quais a região passou ao longo dos anos, uma que apareceu muito marcadamente foi a evolução do sistema viário e da maneira de percebê-lo. Iara lembra que antigamente as ruas eram mais tranquilas e a ausência de tráfego tornava o bairro menos barulhento, permitindo que crianças brincassem sem perigo. Atualmente, o trânsito é tão intenso que "*Hoje é impossível pensar em ficar fazendo qualquer coisa no meio da rua. Aliás, tem-se dificuldade de atravessar as ruas, né. Não é uma prática da minha infância, né*".

Giovani fala da duplicação da Estrada dos Bandeirantes como o aspecto físico que mais descaracterizou o bairro. Correspondendo ao principal acesso e ligando toda a região das Vargens, a antiga via margeada por árvores compunha não apenas a paisagem, mas sinalizava a chegada ao bairro.

> Pra mim o que mais mudou, o que é mais impactante pra mim é a Estrada dos Bandeirantes. Tinha... É físico. A gente tinha uma estrada que ela era mão dupla, duas faixas só, com árvores que fechavam a estrada, toda a estrada. Quando você chegava em Vargem Pequena de ônibus ou de carro, o clima já mudava, a temperatura já mudava e eu explicava sempre pros meus amigos "Olha, quando você tiver dentro do ônibus e tiver, as árvores começarem a fechar o seu caminho, o clima começar a mudar, você tá chegando em Vargem Grande. Aí você me liga pra eu te buscar em algum lugar". E quanto alargou, né, devido o crescimento do bairro, fez um alargamento, a duplicação da pista, quem primeiro sofreu foram as árvores e as árvores foram cortadas e mudou a entrada do bairro, assim. Quando eu chegava no bairro já mudou essa sensação pra mim. "Nossa, cadê as árvores que estavam aqui?" E aí a gente já começou a reclamar. "Bom, vocês têm que fazer o replantio das árvores, vocês têm que fazer os plantios das árvores aqui". Isso deve ter uns 8 anos, 9 anos. "A gente quer aquela visão que a gente chegava no bairro".

De maneira semelhante aos comentários anteriores, Graça menciona a mesma Estrada dos Bandeirantes como principal elemento transformador das dinâmicas do bairro. Comentando sobre o relato feito por uma amiga nascida e criada em Vargem Grande, a entrevistada diz que antes do alargamento podia-se brincar na via uma vez que o tráfego de carros era muito baixo.

> Tinha acabado de inaugurar o posto de gasolina. Não tinha asfalto na minha rua. Não era muito diferente, não, mas era menos cheio. Muito menos carro. A Estrada dos Bandeirantes foi duplicada há uns oito anos atrás, eu acho. Os carros estacionavam na rua e tal. Era diferente. E eu já peguei uma época que tinha mais gente. [...] Quem mora, quem nasceu aqui... Tem uma amiga minha que ela nem é tão, tem 38 anos, eu acho. Ela disse que ficava brincando na Estrada dos Bandeirantes jogando queimado, uma coisa assim, e aí quando vinha um carro, que passava uma vez por semana, quando chegava aqui assim, ela tava lá na outra ponta "Olha o carro, tá vindo". Aquela Brasília velha, assim, aí eles se afastavam e a bandeira ficava ali no chão, no asfalto, entendeu.

As ruas e a nova Estrada dos Bandeirantes ao cumprirem "o papel de fontes documentais" podem ser pensadas como "marcadores espaciais" (CÁCERES, 2017, p. 283), mas também temporais. Sua presença nas memórias afetivas dos seus moradores remetem a um

lugar e uma época em que a vida era percebida como mais tranquila e o relacionamento com a natureza como mais harmônico. Enquanto possibilitadora de um melhor acesso ao bairro a estrada permitiu a chegada do "progresso" acompanhado por uma sensação incômoda de que em Vargem Grande tudo estaria em constante transformação.

> Aqui tudo se transforma muito rápido. Espaços que eram de mata ou de lavoura passam a ser de prédios e casas em dois, três meses mesmo com o congelamento do PEU. As obras não pararam. Obras maiores, de prédios maiores, de condomínios até... Eles só adquiriram os terrenos dos sitiantes endividados ou querendo dividir a herança por conta do IPTU caro, mas também pequenos condomínios feitos de qualquer jeito só pra vender mesmo até de forma irregular, sem saber de quem é o dono, sem ter muito controle do documento. Documento feito no cartório de qualquer jeito, promessa de compra e venda, tudo meio que irregular e obscuro. Então é conviver com transformações diárias e com a necessidade de que essas transformações diárias não tornem a região um caos. (Aquiles)

5.2.2 A propriedade

De acordo com Sack (1997, p. 7-8), nas sociedades mais simples a interação com o ambiente é mais profunda, uma vez que "o mundo é menor e os lugares são menos diferenciados". Isso faria com que fossem mais influenciados pelas dinâmicas naturais do que sociais. Nesse contexto, cada lugar está repleto de significados e isso acontece porque seus habitantes o conhecem intimamente e cada ação praticada ali não reverbera para além do nível local. Por outro lado, nas sociedades modernas, "indivíduos podem iniciar uma ação que pode ter repercussões em todo lugar" (SACK, 1997, p. 8). Esse tipo de situação ocorre porque os espaços são marcados por um maior entrelaçamento entre os aspectos naturais e culturais, de modo a requerer regras sobre o que pode ou não acontecer neles. "Essas regras sobre o lugar estruturam nossas vidas e organizam o significado que damos a ele" (SACK, 1997, p. 8)" e como consequência, levam à percepção de que o vínculo entre sujeito e natureza estariam diminuindo.

No caso de Vargem Grande essa percepção coincidiu com a chegada da urbanização, que teria introduzido a ideia de "propriedade". Segundo uma entrevistada:

> [...] Eu cresci essa infância pescando. [...] Tipo, sem comprar coisas: banana era quase que uma... algo socializado, não era um produto mercantil; coco [...], frutas, né. Os terrenos não tinham muita cerca, muro praticamente... Pouca gente tinha muro aqui em Vargem Grande. Os rios a gente mergulhava. [...] Eu tenho até um vídeo que eu falo isso [...] que foi quando eu me apercebi, foi que quando vem a urbanização, né, e que as pessoas... Inclusive isso aqui [Iara aponta para a cerca logo em frente], né, que eu acho... Muro, cerca... As pessoas davam um tiro quando a gente entrava... Tinha um sítio aqui que tinha caju, né, a gente parou de ir lá, porque quando a gente entrava pra pegar caju, a gente não era, sério... Eu me dei conta do que era propriedade...

> Porque o cara puxava uma espingarda e a gente tinha que sair com muita velocidade senão ele realmente ia atirar na gente. (Iara)

Com o aparecimento da propriedade, o livre acesso aos componentes naturais, como vegetação, rios, solos, tornou-se restrito. Parte da natureza transferiu-se para a posse particular daqueles que muravam os terrenos e a terra passou a ser negociada e não mais produtora de alimentos socializados entre os moradores.

A fragmentação do espaço, a criação de lotes, o cercamento das casas são atos que criaram o senso de propriedade até então ausente. A relação com o ambiente natural passou a ser controlada e sobre ela começou a se estabelecer um valor monetário. O solo transformou-se em mercadoria. A partir desse momento ela passou a ter dono e, paralelamente a isso, a forma de experienciar o lugar e as relações sociais foi modificada mostrando que "A segmentação dos lugares também segmenta nossas vidas e nossos *selves*" (SACK, 1997, p. 9)

A propriedade passou a existir tanto na parte formal do bairro, quanto na informal. Nas favelas, a superfície terrestre começou a ser comercializada e com o tempo foi perdendo sua função de moradia e se tornando um negócio. Em uma das favelas de Vargem Grande, Yuri, morador e removido de outra localidade, conta que essa comercialização ocorre através da grilagem de terras praticada por especuladores.

> Primeiro grupo que foi pra lá foi pessoas que realmente precisa de morar, não tinha aonde morar. E depois eles foram usados por especuladores pobres, pessoas que já tinham suas casas em outro lugar e que foram pra lá, entendeu, dizendo que não tinha. Mas tinha, porque tem lá algumas pessoas que têm 3, 4 terrenos, 3, 4 casas, hoje, alugada. Ou seja, [...] mais da metade dela [favela], disparado mais da metade, sei lá, 70 por cento dela é de especulador. E inclusive gente rica, tá? Tem muita rica lá, que chega lá de carrão, Corolla pra lá, zero.

Em outro trecho, Yuri condena a compra e venda de lotes em áreas carentes, uma vez que acredita que o acesso a eles deve ser facilitado àqueles que não têm onde morar. O solo corresponde a uma porção da natureza, cujo acesso deveria ser assegurado pela necessidade e não pelo dinheiro, como acontece com a casa. Portanto, a residência objetificada, que pode ser comprada, não compartilha do mesmo status da terra, imaterial.

> Primeiro, comunidade tinha que ser pra quem não tem onde morar, primeiro ponto. [...] Baseado nisso e baseado que o espaço de comunidade precisa ser pra morar, pra moradia, pra quem precisa morar, eu acho que não pode perder espaço nenhum, a não ser com creche, com uma pracinha, coisa que não tem lá nenhum dos dois .[...] Eu até admito que você entrou lá, fez o enfrentamento e amanhã não quer mais, quer ir embora, não quer mais ficar lá, vai embora pro seu lugar. Se achar alguém que te dá um dinheiro pra lá, [para compensar] o seu material que você gastou, eu admito, entendeu? Tudo bem. Agora botar a terra à venda, a associação botar a terra à venda, pelo amor de Deus.

5.2.3 A especulação imobiliária

A especulação imobiliária é um dos entraves enfrentados pelos moradores de Vargem Grande e uma das principais responsáveis pela transformação da paisagem. A facilidade do acesso através da duplicação da Estrada dos Bandeirantes somada às características naturais e à presença de grandes lotes chamou a atenção de muita gente de fora interessada em investir na região. O estímulo do poder público através da cobrança de IPTU e não mais ITR fez com que os proprietários vendessem suas terras para darem lugar a condomínios. Como consequência, pessoas que viviam do cultivo abandonaram essa atividade. Aquiles fala do pessimismo diante de um bairro descaracterizado e sem identidade.

> Eles vão transformar a região num bairro totalmente urbanizado, mas sem o reconhecimento do ser humano, das pessoas que tavam aqui, da natureza, então uma cidade nova, né, praticamente. Que a ideia é como se tivesse construindo no meio do nada, um deserto. Só com arranha-céu e estradas de rodagens. A gente já viu isso em outros bairros e viu que não dá muito certo. Deixa as pessoas isoladas umas das outras, em seus condomínios, o trânsito caótico, problema da água bem sério. [...] Então, não é um cenário muito favorável, não. Nenhuma autoridade se mostrou sensível; a Câmara de Vereadores muito menos, com poucas exceções. Então é praticamente tornar essa região um prolongamento da cidade do Rio que a gente sabe como que ela tá: violenta, de difícil locomoção, ninguém respeita a natureza e a população carente. [...] Tristeza, né, porque os impostos não são baratos. A gente sabe que a carga tributária é grande. O mapeamento para o IPTU passou a ser feito com fotos aéreas aqui na região e ele sofreu um acréscimo muito grande no último ano, praticamente, no ano de 2018. Pessoas que viviam da agricultura com um sítio de 1 hectare, um campo de futebol, passou a pagar 25, 30 mil de IPTU. Aí uma outra forma de acabar com a agricultura: endividando o agricultor e forçando ele a vender [pra que] o sítio vire condomínio. [...] IPTU daqui não é barato. Eles consideram a região próxima do mar, do Recreio, da Barra e é um IPTU bem salgado. E casas humildes que passaram [...] a pagar IPTU. [Os moradores das casas humildes] não pagavam e os [moradores dos] sítios pagavam a taxa rural, que era ITR. Só que antes da discussão do PEU foi feito uma votação pelo plano diretor deixando a região [das Vargens] como urbana também, não é mais rural. Então a cidade do Rio passa a não ter mais área rural, e isso fez com que todos passassem a pagar IPTU e não ITR, que era a taxa do imposto rural. E o IPTU de um sítio, de uma casa com quintal passa a ser um valor bem acima do que aquela população... que a gente pode pagar. E isso tá bem complicado. Muita gente se endividou, muitos não estão pagando, muitos. A família grande quer que venda a terra, então têm vários sítios sendo vendidos, vários mesmos. Muitas construtoras então aguardando o descongelamento do PEU pra poder voltar a construir nessas áreas, voltar a adquirir novas terras. Enfim, a legislação também não tá cooperando muito.

Ao mesmo tempo, os jovens têm se sentido menos identificados com o lugar. A angústia e ansiedade de não saberem quem são, porque não sabem mais o seu lugar no mundo, têm levado essa juventude ao suicídio.

> Então esse questionamento se eles vão poder continuar [em suas casas] ou não ficou muito presente no [...] dia a dia dos alunos, eles ficaram mais ansiosos. Aquela inocência que eles tinham de 20 anos atrás passou a deixar eles atualmente meio que nervosos sem saber o futuro. Eles não criaram identidade com a região, ficaram assim meio que perdidos. “Será que os condomínios atuais vão comprar a nossa área? A gente vai ser removido? E a gente continuando aqui, a gente passa a ser classe média,

> a gente é morador de condomínio; não é?" Eles ficaram meio que sem identidade. Não teve a coisa da agricultura, que na área da baixada praticamente deixou de existir, quase todos eles hoje trabalham no setor de comércio, de serviço. E realmente sem enraizamento, assim, uma questão cultural mesmo. Eles perderam o que os pais tinham, que era relação com o lugar, com a terra. Eles ficaram sem noção. Então hoje o público da escola, ele é um público bem diferente de 20 anos atrás. Inclusive, tivemos vários casos de suicídios aqui de jovens e a gente não entende o motivo principal, mas a questão da identidade com a região, com o pertencimento, tem um pouco a ver, né. (Aquiles)

Além do nervosismo e da tristeza, a terra transformada em mercadoria causa raiva diante da injustiça de ver pessoas originárias da região sendo removidas pela ação dos especuladores.

> Cara, eu não posso pensar nessa coisa, né, das comunidades de baixa renda, das favelas, da remoção, sabe, é tipo assim, o capital não tem o direito... e não é a terra de ninguém, só que essa é a que eu vivo, nessa é onde eu sinto mais [...] a força da especulação imobiliária querendo se apossar dos espaços, né. Isso pra mim... Cara, isso me dá raiva, entendeu. (Iara)

5.3 **Identidade e laços afetivos**

O isolamento imposto por um lugar matiza as relações com os de fora e fortalece os laços sociais internos (SIMMEL, 2013). Vargem Grande por muito tempo esteve isolada do resto da cidade e as peculiaridades do bairro representadas pela comunidade quilombola, pela proximidade e respeito pela natureza e pelo cultivo da terra fizeram com que seus moradores desenvolvessem uma identificação forte com o local. Aquiles conta que um trabalho de campo, no qual eram levados a conhecer o quilombo, estimulou o interesse dos alunos pela comunidade e pela história do bairro.

> Nesse trabalho de campo lá na região do maciço da Pedra Branca, onde é o Parque da Pedra Branca, passou a haver uma relação grande com os moradores de lá que eles descreviam a situação para os alunos. Começaram a narrar "Ah, aqui já foi isso, já foi aquilo... A minha avó tá aqui há mais de 100 anos, não sei quem tá com quase 90 anos e nasceu aqui e todos nós estamos aqui já há muito tempo e a gente era agricultor..." E os alunos foram se interessando por essa narrativa. Então não era só a minha presença dando a visão geográfica, eram os moradores passando para os alunos a história, a relação deles com a natureza, com a ecologia, com o que eles nem sabiam dessa relação que existia o nome agroecologia, que era a agricultura junto com a defesa da natureza, a agroflorestal que é a agricultura lá no meio de outras coisas lá no meio da floresta, com árvores, com a mata atlântica interagindo com alimentos. E muitos alimentos que ninguém nem conhecia, né, não sabia da existência [...]

Conhecer o lugar, mas também as pessoas que o habitam, fortalecem os laços sociais e afetivos. Na visão de Guilherme, mesmo com a chegada de gente de fora, esses laços ainda são bem firmes e constituem uma das características do bairro que mais lhe agrada.

> O aspecto que me agrada em Vargem Grande é a relação que ainda existe entre as pessoas, né, que de alguma forma a Vargem Grande como sendo uma família, né, ela

> aproxima muita as pessoas. E as pessoas, muitas pessoas, quando chegaram aqui em Vargem Grande tiveram essa constatação, esse impacto, essa outra cultura. As pessoas são mais carinhosas, as pessoas são mais famílias. Então houve tipo uma adaptação de um bom número de pessoas. Então todo mundo se conhece e isso é uma coisa que a gente conseguiu manter, né. (Guilherme)

O carinho presente em Vargem Grande relaciona-se com a proximidade e a cordialidade como que os residentes se tratam. Por outro lado, Giovani nota uma ruptura dos vínculos acompanhada por um estranhamento e um consequente afastamento antes inexistente.

> Todo o mundo sempre foi meu parente ou meu conhecido. Então eu andava na rua e as pessoas falavam "Olha, é o filho do Roberto [*nome fictício*]". Me falam bom dia, boa tarde, e com o bairro crescendo você começa a perder um pouco esse contato com as pessoas, começa a chegar gente nova que não te conhece, fatalmente, e você para de falar, as pessoas param de falar com você [e] você, consequentemente, para de falar com as pessoas. (Giovani)

Essa percepção está relacionada com o crescimento do bairro, mas também com o alargamento dos núcleos familiares e com a perda das práticas culturais que atuavam no estreitamento dos laços. Por isso, a comunidade tenta fazer um resgate através de um maior contato com o quilombo.

> Ontem eu fui na festa do quilombo e eles tavam... O Sérgio [nome fictício] que é meu primo, né, primo do meu pai, que faz parte do quilombo, ele tava falando de... a gente chamava todo o mundo de primo e hoje em dia a gente não chama todo o mundo de primo, porque a gente não vê as crianças crescendo, né, pra reconhecer eles como primos, mas eles também são primos. Então a gente faz atividades como essas festas infantis, a gente resgata festa de final de ano pra ter de novo esse contato e retomar essas características. (Giovani)

A paisagem é resultado da ação coletiva dos seres humanos, portanto é "um espaço social" (BESSE, 2014, p.31). Ela se forma a partir da interação com a natureza, mas acima de tudo através das trocas sociais. Nesse contexto, o quilombo ao aproximar as pessoas para a história de Vargem Grande e para o trato com a natureza, é visto como contribuindo para tornar todos "uma família".

5.4 **O lugar libertador**

Besse (2014) ao falar sobre a paisagem afirma que ela é desorientação; é vagar pelo espaço sem se fixar, porque ela é "não saber". Dessa condição agradável de estar perdido, a terra enseja no ser humano o sentimento de liberdade, de onde vem que "Habitar a Terra não é aninhar-se num Lugar, mas habitar um espaço que se abre entre um aqui e um ali, é percorrer o espaço em todos os sentidos" (Ibid., 2014, p. 93). A possibilidade de caminhar pelo mundo e de poder decidir quando e onde estar associa ao verbo "estar" o sentido de escolha e não de transitoriedade:

> Tem uma vontade de estar no lugar, acho que é isso. Estar, acho que estar é uma palavra muito boa, assim, é uma palavra que resume bastante coisa, porque... Assim, você pode ficar num bairro, você pode morar num bairro, você pode viver num bairro, mas você estar é você estar de corpo e alma. Você tá presente no lugar e pra mim isso é importante, eu gosto de estar em Vargem Grande, eu gosto de tá ali, de tocar no chão, de falar com as pessoas, olhar os meus pais, olhar para os meus avós e ver que todo daquele lugar ali tem alguma coisa de mim, sabe, aquela plantinha que eu plantei é minha, é minha, mas é sua, é de todo o mundo, mas tem o meu papel ali de contribuir praquele espaço, eu acho que é isso. (Giovani)

A partir dessa visão, habitar um local específico e estar nele é uma escolha. Uma escolha que se faz por comprometimento à terra, à história, à memória e aos vínculos sociais; que não prende, mas ao contrário, liberta, como afirma Giovani:

> "Eu sinto, eu viajo muito, então eu me sinto parte, eu me sinto cidadão do mundo, não me sinto preso a um lugar. Vargem Grande não me prende. Eu acho que Vargem Grande, na verdade, me liberta; ela me traz coisas que me deixa mais feliz".

E justamente por não ser uma prisão, o lugar libertador suscita a possiblidade do retorno; a confiança para voltar e ser aceito. "A liberdade humana sobre a Terra não é somente *controle*, ela é também *abandono*, ou melhor, *confiança*" (BESSE, 2014, p. 95, grifo do autor).

5.5 **Percepção sobre o lugar**

Vargem Grande é um bairro incomum por muitos aspectos. Um deles está relacionado com o que chamarei de distribuição socioespacial, a qual acaba interferindo na percepção sobre o lugar. Apesar de possuírem um senso de comunidade forte, os moradores apresentam uma vivência com o bairro que varia conforme a sua origem, tipo de trabalho e local de moradia. Há três regiões bem-marcadas divididas em: morro, área urbanizada e favela (Tabela 5).

Dentro do primeiro grupo encontram-se os quilombolas e algumas famílias que vivem na área de floresta sob responsabilidade do Parque Estadual da Pedra Branca (grupo 1). No segundo, terceiro e quarto estão os indivíduos que vivem na parte formal do bairro, morando em casas situadas em condomínios ou não, ou em apartamentos. Distribuem-se entre os descendentes de quilombolas por parentesco ou afinidade (grupo 2); os herdeiros de antigos proprietários de terra em Vargem Grande (grupo 3); e as pessoas vindas de outros bairros da cidade (grupo 4). No quinto localiza-se os moradores de favelas, que compõem um conjunto formado por removidos de outros lugares, descendentes de antigos trabalhadores rurais de Vargem Grande ou de áreas rurais de outros estados do país, como Minas Gerais e Espírito Santo (grupo 5).

Tabela 5. Distribuição socioespacial dos moradores de Vargem Grande em grupos.

GRUPO	LOCAL	ORIGEM	TIPO DE MORADOR	RELAÇÃO COM O BAIRRO
1	Morro	Quilombola	Morador da floresta e/ou quilombola	Vive da terra e/ou desenvolve atividades ligada à terra
2	Área urbanizada	Descendente de quilombola	Morador de casa e descendente de quilombo	Desenvolve atividades ligada à terra e ao lugar
3		Descendente de antigos moradores de Vargem Grande proprietários de terra	Morador de casa e descendentes de antigos moradores nascidos em Vargem Grande. Alguns têm suas casas em sítios	Aprecia as qualidades da região (beleza paisagística, tranquilidade, senso de comunidade)
4		Outros bairros do RJ	Morador de condomínio	Aprecia as qualidades da região (beleza paisagística, tranquilidade, senso de comunidade)
5	Favela	Descendentes de antigos trabalhadores rurais de Vargem Grande ou de outros estados do Brasil	Morador de favela	Desenvolve atividades ligada à terra e ao lugar

Fonte: O autor, 2019.

A partir das entrevistas foi possível notar que o local de moradia, a origem e o tipo de morador estão intimamente relacionados com a maneira de ver e tratar terra. Dentre os pertencentes dos grupos 1, 2 e 5 há uma maior interação com a natureza, a qual é encarada como provedora de alimentos e como habitat da vida animal, vegetal e social. Por isso a sua preservação está intimamente atrelada à manutenção da comunidade.

> O maior receio, né, justamente isso que é essa comunidade dentro do território se esvair, né, as pessoas serem expulsas de suas terras, né, esse talvez é o maior receio, né, realmente que a remoção consiga a sentença de passar por cima das comunidades, né. Eu acho que é isso, seguida de perto da questão ambiental, né, porque as duas coisas pra mim são coladas. Não consigo ver essa discussão descolada uma da outra (Iara).

Pelo fato de originariamente compartilharem a mesma tradição de cultivo do solo ou estarem próximos de pessoas com esse tipo de atividade, os grupos 1, 2 e 5 percebem a terra como se se tratasse de uma entidade, a qual precisa ser aceita e compreendida em todas as suas qualidades e defeitos. Para esses sujeitos importa a terra enquanto local de moradia e de construção de laços. Para eles, é Vargem Grande que “aceita” que seus moradores possam habitá-la, de modo a representar um presente dado pela natureza. Nesse sentido, o bairro é visto

a partir da sua totalidade, o que não inclui apenas a casa ou o aspecto paisagístico, mas toda a natureza existente, de onde decorre a diferença entre o “amor pela terra” e o “amor pelo lugar”.

> Então em Vargem Grande, Vargem Pequena existe esse gosto, são filhos, os pais já tão morrendo, já morreram, mas gostam de morar ali. Nem ligam muito dos prédios chegar, não, tá [sic]? [...] Não ligam muito, não. Não pensam que nem a gente que tem que preservar a natureza, que a gente tem muito amor à terra, eles têm amor ao lugar. [...] A diferença é que eles querem morar tranquilo, mais barato, entende? Mais barato, próximo da natureza, mais barato e tranquilo. É isso. A diferença nossa, o amor à terra é pela terra mesmo, do jeito que ela é, que tem de preservar a natureza, eles não ligam muito pra isso. (Yuri)

A diferenciação feita por Yuri deixa entrever que as preocupações dos grupos 3 e 4 estão mais relacionadas com a conservação das características positivas do bairro, o que não implica necessariamente a manutenção dos vínculos sociais e dos moradores de favela. Nesse contexto, o PEU de 2015, desastroso aos olhos da APP, é considerado benéfico em alguns pontos.

> Agora tem um lado que é bom, porque prevê 4 áreas verdes, 4 parques, não do jeito que a gente acha que é o ideal, que é não ter no miolo do jeito que deveria como a gente tava falando ali, mas tem assim, um planejamento de ciclovia em todas as ruas, de arborização em todas as ruas, tem um lado bom. Tem um projeto que diz que construir um piscinão de não sei quantos mil litros, tipo o piscinão da Praça da Bandeira, porque aqui é um lugar grande. Isso é legal, se isso for bem feito (Graça).

Os moradores de casa e descendentes de antigos moradores nascidos em Vargem Grande, bem como os residentes de condomínio (grupos 3 e 4) quando comparados com os indivíduos localizados nas comunidades quilombolas e nas favelas (grupos 1 e 5), principalmente, vivenciam experiências diferentes no que diz respeito à ideia de propriedade. Para os primeiros a terra é antes de tudo uma mercadoria sobre a qual se tem a posse e o direito de usufruto, de modo que Vargem Grande transforma-se no local escolhido dentre outras opções. Há nisso um sentimento de conquista sobre o terreno comprado, o qual necessita que o seu entorno permaneça inalterado ou com poucas transformações para que continue rentável. Nesse sentido, os anseios com a casa vêm intimamente associados à preocupação com o bairro.

> Eu falei “Cara, eu tenho o direito de regularizar a minha casa”. A minha casa tem fossa, tem filtro, tem sumidouro. Agora a galera que mora em comunidade, eles... tem uma comunidade no fundo da minha rua que eles estão no meio da rua, que é a comunidade Beira-Rio e ninguém faz nada. E eu que tô errada? Eu pago IPTU, mal ou bem eu pago IPTU do meu terreno, a gente paga IPTU do terreno. [...] O que a gente quer é regularizar pra poder pagar IPTU, a gente não quer ficar ilegal, não quer continuar ficando ilegal. E a prefeitura tá deixando de arrecadar também e aí, antes que me atirem milhões de pedras, as pessoas das comunidades não têm seus direitos, eles ficam também sujando o rio. Quando eles vêm brigar... Tem uma galera de comunidade que tem raiva de rico, você sabe disso. Tem uma coisa... Tem essa coisa aqui no Brasil, essa palhaçada. Eu não tenho culpa das [sic] pessoas terem menos dinheiro do que eu, eu trabalhei muito pra conquistar o que eu tenho, a gente ralou pra cacete. [...] É muito complexo isso, é muito complexo. [...] Eu tô quieta no meu canto lá, só quero regularizar a minha casa, sabe. (Graça)

Tuan (1980) comenta que num processo de remoção em West End os proprietários de classe média por estarem mais intimamente relacionados com suas residências, só se preocuparam com os acontecimentos no bairro quando perceberam que os eventos poderiam ter consequências no valor de suas casas. Por outro lado, artistas e intelectuais, possivelmente não proprietários, desde o princípio posicionaram-se contrariamente à remoção movidos por razões afetivas. Relacionando West End com Vargem Grande, o posicionamento dos proprietários seriam semelhantes aos dos integrantes dos grupos 3 e 4 e o dos artistas e intelectuais aos participantes dos grupos 1, 2 e 5.

A percepção da terra como investimento e não mais como uma "bênção" marca dois conjuntos de moradores que além de terem uma relação muito diferente com o bairro, vivem ameaças diferentes com a implantação do PEU. Enquanto pessoas dos grupos 1 e 5 vivem o medo da remoção e da frustração do seu modo de vida, os moradores do grupo 4 temem não terem suas moradias regularizadas, mostrando que a relação com o bairro perpassa muito mais a relação com a casa.

> Aí assim, voltando à sua pergunta inicial, eu não tenho medo de ser despejada. Já tive medo de passar trator na minha casa, mas eu tenho medo de não conseguir regularizar a minha casa. [...] É essa a nossa briga. Porque que essas casas que estão ali... Se você olhar, eu fui em trocentos condomínios, são casas de classe média mesmo, que tem fossa, que não joga lixo no rio, que não joga esgoto igual a comunidade. É isso que [é] a primeira coisa que eu falo. Que paga o IPTU do seu terreno. Por que que essas casas não podem ser legalizadas? [...] Ah, aí veio a lei e por que essa merda não anda lá dentro [na prefeitura]? Não entendo. Isso me desanima. Aí agora, né, porque quando eu construí a casa eu achei que fosse envelhecer nela, né. Mas agora eu não sei o que eu vou fazer da minha vida. Minha casa é muito grande, já era grande pra 3 pessoas, agora pra 2 então... (Graça).

5.6 **O sentimento por Vargem Grande**

Tuan (1980) afirma que as pessoas desenvolvem relações afetivas com o lugar, uma espécie de amor pelo lugar. Esse sentimento é resultante não apenas das características paisagísticas, mas das interações sociais. Nessa relação entrelaçam-se humano e não humano numa simbiose que torna o lugar parte da própria existência humana. Nesse sentido, o desejo de deixar o bairro não é sequer imaginado.

> Não, de forma nenhuma. Eu quero morrer lá dentro da floresta. Não quero morrer aqui embaixo, não quero morrer no hospital, porque a qualidade de vida que eu tenho, né, a minha relação com a floresta, né, é tipo assim, uma coisa folclórica. Posso até dizer que é uma coisa folclórica, né? Porque eu vou pra casa, eu tenho que caminhar dois quilômetros e meio e não tem luz. Então eu vou pela estrada sem luz, já completamente adaptado. Aí já paro no caminho, já bebo uma água e tem toda essa

> questão viva, sabe? Essa questão energética, que você... Que te alimenta, na verdade, né. (Guilherme)

A convivência com a floresta, tornou possível não apenas a adaptação, mas o aproveitamento de uma das contribuições mais importantes que ela tem para oferecer: a "energia"; o alimento que dá energia e revigora. Guilherme, no entanto, tem uma condição privilegiada. Como morador de um sítio localizado dentro do Parque Estadual da Pedra Branca, está protegido das transformações que atingem a parte da baixada. Porém, para outros entrevistados o desejo de deixar a região, até mesmo o país, começa a se desenhar. O aumento da violência com a chegada da milícia, ditando regras e infringindo direitos constitucionais, como o direito de ir e vir, tem aos poucos mudado a forma de interagir com o ambiente e com as pessoas, gerando um conflito constante entre gostar e não gostar do bairro.

> Então, é um conflito entre ora gostar, ora desgostar. Porque justamente é esse conflito que tá posto pra gente, né. Então tem coisa, muita coisa que eu gosto aqui, muita coisa. Eu gosto de ter essa coisa família, né. Como eu já te falei dessa que eu amo: biodiversidade, né. Eu não, eu não sou sem ter árvores perto de mim. Então eu gosto de viver aqui e odeio determinados aspectos que estão sendo impostos pra esse bairro, né. [...] Então eu dizer "Ah, não, eu gosto de tá aqui". Aí vivo esse conflito de gostar e não gostar, né. [...] Então eu não posso dizer que eu gosto totalmente de tá aqui, tanto que quando eu digo 'Eu vou sair', eu vou sair por causa dessas características ruins. Não é pelo lado que eu gosto, é pelo lado que eu não que cada vez tá mais gritante, que invade a vida pessoal, né. Nesse sentido, [...] o privado é público, né. Você é afetado. Onde se pode ir, onde você não pode ir, que horas vê pode, que horas você não pode, o que cê pode falar, o que você não pode gritar, o que você tem que esconder. Como você vai gostar? Não gosta, né. Mas gosto da cigarra cantando, passarinho que canta na minha casa, né, enfim, da praia que é relativamente perto... Eu gosto dessas coisas e não gosto de outras. (Iara).

Para outro incomoda a dificuldade no acesso a infraestrutura básica, como água. Além da falta de segurança que acomete não apenas Vargem Grande, mas a cidade como um todo.

> Às vezes passa pela cabeça de sair daqui sim. Por conta dessa avalanche aí de condomínios; de a possibilidade da falta de água, que já acontece no verão, quando alguns condomínios mais possantes conseguem puxar a água com mais força e aí não consegue ter um abastecimento nas áreas [mais pobres]. E aí tudo depende também dessa luta, né, dessa resistência; se vale a pena ou não. A questão da segurança também, que numa luta dessa desigual, os mais fracos sofrem muito. Então dá vontade de mudar sim, até por conta da conjuntura mesmo, da cidade, das pessoas que foram eleitas, os últimos acontecimentos de visão de cidade, de sociedade. Na verdade, dá vontade de mudar até de país, não só de bairro. (Aquiles)

Mas no final a influência exercida pelo local, somado às lembranças que ele evoca, é tão superior que não é possível se manter longe. Em alguma medida, a eventual saída de Vargem Grande pode ensejar um posterior retorno. As falas abaixo deixam claro a vontade de permanecer no bairro e, na impossibilidade de isso acontecer, que a mudança se dê para um outro que conserve as mesmas características naturais, uma vez que existe uma identificação com a região movida por vivências e afetos que são encontrados ali.

Penso em sair da casa, do bairro, não. Porque eu não consigo ficar longe desse lugar, eu não vejo um lugar melhor no Rio pra morar. Eu já tô vinculada emocionalmente aqui e já conversava isso com o meu marido, [...] mas a gente falava “Vamo morar onde?”. “Em Guaratiba”. “Ah, não”. Nosso vínculo emocional é aqui. Se eu sair de Vargem, eu vou pra algum lugar perto. Pra Guaratiba. Mas eu não me vejo, por exemplo, morando num apartamento na zona sul. Trabalhei 3 anos na Tijuca, estudei no Cefet, eu amava a Tijuca. Não me vejo morando na Tijuca. Já me via na época, não consigo mais me ver. Eu tenho que tá perto da mata, assim, entendeu. Por isso que eu acho que é espiritual. (Graça)

Bom, já morei em outros lugares, não tenho muita vontade de sair de Vargem Grande, porque é um lugar que eu me identifico. Então, o que tem em Vargem Grande me agrada, pro meu dia a dia, pro meu futuro... Eu consigo ver o meu futuro ali, mas se... Não sei, se a vida me levasse a morar numa ilha, num outro lugar que produza alimentos, que tenha essa relação com a agricultura, que tenha esse contato com as pessoas, que tenha essa relação de proximidade, enfim, talvez... Talvez, talvez por um tempo eu moraria, mas eu acho que eu sempre iria querer voltar pra Vargem Grande. Eu sou bem bicho do local mesmo. Chama de minhoca da terra, sou muito minhoca da terra. A pessoa que nasceu no lugar e fica naquele lugar, sabe, que gosta daquele lugar, está sempre... Constantemente, quer voltar pro lugar. (Giovani)

6 VARGEM GRANDE VALE A LUTA

E então a luta é muito maior do que o que vocês pensam.
Se vocês pensar [sic] que tem uma vitória,
nunca vai ter vitória, vitória.
Não tem comemoração.
Não existe isso.
Existe luta depois da luta, mais luta depois da luta[31].
Yuri

As emoções presentes na ação política estão intimamente relacionadas com os motivos que levam as pessoas a resistirem. No caso da luta pela terra, o vínculo forte com a natureza somado à defesa do território e da cultura local desempenham um papel determinante na construção dos afetos que justificam a militância. Um desses sentimentos é representado pela existência de um elo afetivo com o lugar, chamado por Tuan (1980) de *topofilia* (como visto na seção 1.2), o qual surge a partir do contato agradável com o meio ambiente natural.

No entanto, o amor ao lugar também resulta das construções sociais feitas a partir dos vínculos familiares e de amizade. Em Vargem Grande, o senso de comunidade e a rede de solidariedade tanto permitiram e permitem a aproximação dos moradores entre si e com o meio, quanto o fomento da batalha contra a remoção.

6.1 Choque moral

Como esquematizado nas figuras 3 e 4, o engajamento ocorre após a transformação de emoção negativa em positiva diante de um choque moral. Esse processo implica a interferência de atores externos, que por meio da troca de informações e do compartilhamento de ideais, são capazes de envolver os participantes e estimular a ação. Para Graça, a associação de moradores e depois a APP desempenharam esse papel de conscientização, a qual foi precedida por medo e pavor diante das propostas apresentadas no PEU.

> Quando eu comecei a estudar essa história do PEU já veio de 2015, aí que eu fui ler o de 2009. E é muito pior. É apavorante. [...] o PEU de 2009, eu já tava morando aqui. Aí, eu ouvi, um zum zum, mas não entendia muito bem. [...] Quando eu comecei a ler eu fiquei apavorada. [...] A gente já tava na briga da lei dos condomínios quando começaram a falar do PEU, aí a gente reestruturou e começou a brigar por isso também, foi quando vieram as audiências públicas e tal. Fiquei apavorada [...] uma coisa assim, de maluco. (Graça)

[31] Transcrição de uma passagem da fala de um morador de Vargem Grande em entrevista concedida à autora.

Nessa trajetória, que se iniciou com a discussão em torno da regularização dos condomínios e acabou englobando os debates sobre as transformações previstas para o bairro, a entrada no movimento contrário ao PEU aconteceu de forma natural, isto é, sem que Graça percebesse o quão envolvida já se encontrava. Dessa forma, o medo e o pavor foram dando lugar à satisfação e felicidade de fazer parte de um grupo diverso, muitas vezes, conflitante, mas solidário e comprometido.

> Foi tudo ao mesmo tempo, eu acho. Acabou acontecendo ao mesmo tempo. Nossa, eu ia a reunião... Quando eu me dei conta, metade do meu tempo útil era dedicado a ir em reuniões [...] Incluindo ficar no telefone, debatendo as coisas, articulando, sabe. Dá trabalho fazer isso. [...] Sim, eu me sinto bem fazendo isso. Me descobri uma política nata. [...] A APP apareceu por causa do PEU, tem 2 anos, né. Já tava na AMAVAG desde 2014. E eu gosto, eu não consigo me afastar. Eu gosto de trocar ideia com as pessoas, de ouvir as pessoas, adoro conversar com a Iara, com o Giovani, c a Lúcia. Adoro discordar deles. Adoro concordar com eles. Sabe... Acho que são pessoas incríveis. Nossa, eu fiz tantos amigos, política, amigos verdadeiros, assim, que me deram apoio com o negócio do Paulo quando ele morreu. Foi uma coisa assim, minha vida mudou completamente depois da minha militância política. (Graça)

Outros entrevistados partiram de emoções diferentes diante do anúncio do PEU. Giovani, como mencionado na seção 6.2 revela a frustração diante de outra proposta que cometia os mesmos erros da anterior: não respeitar o modo de vida local. Já Guilherme relata ter sentido tristeza, mas ao mesmo tempo, disposição para continuar na luta, mostrando que o contato com outros companheiros de resistência pode ser suficiente para provocar a inversão da emoção negativa em positiva.

> Então eu fiquei muito impactado e, assim, muito mais mobilizado pra poder me juntar com essas pessoas e a gente poder criar esse movimento de resistência pra tentar dar um freio nisso tudo. Mas fiquei muito triste em saber que os valores humanos hoje, eles estão muito mais ligado à ambição humana, né, à corrupção humana, à corrupção moral humana. E quando você vê isso, você só lamenta, né, e ao mesmo tempo você cria forças pra tentar lutar contra isso, né, se mobiliza, você se junta a grupos de pessoas que têm os mesmos princípios, que têm a mesma consciência [...] (Guilherme)

6.2 **Por que lutar?**

Gaxie (2005, p. 160) contesta a adesão desinteressada a uma causa como a principal e às vezes a única motivação para a ação coletiva. Em seu entendimento, essa justificativa permanece sendo dominante, porque a admissão de um interesse e ganho pessoal “conserva um caráter um tanto quanto escandaloso ou perturbador para muitos daqueles que estão inclinados a reverenciar a militância”. Permanecendo ou não uma questão controversa nos estudos sobre engajamento, em Vargem Grande a resistência se justifica pelo propósito de ver os vínculos sociais mantidos.

> Eu por enquanto estou seguro lá em cima, mas isso pra mim não basta, porque eu amo muito as pessoas aqui embaixo, eu me preocupo muito com elas. Porque na verdade fazem parte dessa família que é Vargem Grande. [...] Então existe ainda essa relação de família, né, e eu me preocupo muito com essas pessoas, com os descendentes, né. (Guilherme)

> O maior receio, né, justamente isso que é essa comunidade dentro do território se esvair, né, as pessoas serem expulsas de suas terras, né, esse talvez é o maior receio, né, realmente que a remoção consiga a sentença de passar por cima das comunidades, né. Eu acho que é isso, seguida de perto da questão ambiental, né, porque as duas coisas pra mim são coladas. Não consigo ver essa discussão descolada uma da outra. (Iara)

O senso de comunidade ou de familiaridade presente faz com que alguns moradores se sintam envolvidos em disputas que não os ameaçam diretamente, como conta Guilherme: *Eu tô lá em cima protegido dentro da floresta, mas existem pessoas que estão aqui embaixo que vão ser impactadas com esse PEU*. Nesse sentido, eles insurgem-se em prol de um benefício alheio. Essa forma de pensar e de agir, na qual o bem comum é apresentado como prevalecendo sobre as vantagens individuais, envolve a conservação da cultura local e do modo de relacionar-se com a terra, de maneira que a manutenção desses costumes são tão importantes que elevam a luta a uma questão de sobrevivência, "de vida ou morte".

> [...] Então é muito triste você ver a nossa cultura sendo substituída por uma subcultura altamente destrutiva, né, como a alimentação. [...] Eu lá em cima, por exemplo, eu planto muita coisa pro consumo, eu não preciso comprar no supermercado, né. Eu planto muita coisa. Então, uma qualidade do alimento não tem nem comparação, né. E se as pessoas pudessem ter isso em seus quintais novamente, sabe, e fazer, agricultar nos seus próprios quintais, seu próprio alimento, seria tudo diferente, né. Mas infelizmente, o mundo não gira mais assim. [...] As pessoas estão todas morrendo de câncer, porque a tendência é essa: todo o mundo morrer de câncer. Vai morrer de câncer por estresse, vai morrer de câncer pelo ar que respira, vai morrer de câncer pela qualidade da água que bebe, pelos alimentos que consome e é isso. O processo de autodestruição que a humanidade está caminhando. Por isso a luta de muita gente pra preservar os nossos costumes, proteger essa nossa relação com a terra, né. E é com essa força que eu trabalho, sabe. É com essa força que eu vivo, de não desistir nunca, de manter essa coisa até o fim, sabe, porque é uma questão de vida ou morte. (Guilherme)

Um outro exemplo dessa atitude acompanhada por uma preocupação com o outro é relatado por Yuri. Mesmo morador de outro bairro, ele já lutava contra a remoção de uma favela em Vargem Grande, na qual posteriormente viria a residir. Seu ativismo não se restringe à conservação de sua casa, pelo contrário, ele acontece mesmo quando sua residência não está ameaçada, porque parte da luta implica o desejo de ver mantido todo e qualquer lar. É isso que ele conta ao relatar uma conversa com um companheiro de luta quando pressionado por este para que se mudasse para Vargem Grande, já que na compreensão do amigo somente assim Yuri participaria ativamente da resistência.

> Você pode não ganhar, mas cê pode ganhar. E você tem que ir pra lá pensando que vai ganhar. [...] “Mas, Yuri, eu queria você lá”. “Mas eu tô com vocês. Eu não represento nada, não sou nada na vida. Eu sou apenas mais um, igual a você”. [...] “Mas, Yuri, se você não tiver alguma coisa lá você não vai brigar”. “Minha filha, a luta não é essa. Aprenda na sua vida que a luta não é a minha, ‘eu vou lutar pela minha casa”. [...] Na hora que você entrar lá e se você conseguir fincar seu pé lá, você tá lutando pela minha casa aqui. [...] Pra eu ficar aqui, eu tenho que lutar pela sua casa lá. É diferente. A luta é um conjunto de coisas. É muito maior do que o que você pensa. É um enfrentamento agora contra um sistema. E cada espaço que a gente conseguiu ocupar e ficar nele é uma vitória nossa e de todo o mundo. Né de quem tá morando lá”. E aí essas pessoas foram e têm casa lá até hoje. E falam mesmo comigo “Seu Yuri, foi a maior loucura que eu fiz e o senhor que me deu o conselho” (Yuri).

Os elos de solidariedade, além de compreenderem atitudes altruístas, dizem respeito ao compromisso firmado com outros militantes. O comprometimento, como observado por Becker (1960), é um dos motivos que leva à resistência, e no caso de Vargem Grande, resulta de um complexo de emoções que mistura o gosto e o prazer com a necessidade de participar da militância. Nesse caso, a necessidade, antes de corresponder a uma obrigação, representa o meio mais viável para se estar em contato com pessoas que compartilham um mesmo posicionamento ideológico. Ao mesmo tempo, estar junto significa ser solidário e sentir-se útil, gerando um sentimento de alegria e de realização pessoal.

> Eu gosto de participar, preciso participar, né? Preciso pra agradar as pessoas, preciso pra me agradar. Eu gosto daquilo ali. Mas não tô vendo jeito. [...] Porque você acredita numa linha de raciocínio e aquele pessoal que tá ali fazendo aquilo ele tá brigando por transformação de sociedade, então se você tá lá junto, é convidado, e tá lá junto, você tá fazendo parte daquela transformação que você acredita, então cê tá, como diz, seu ego tá agradado por aquilo. Duas vezes, primeiro porque as pessoas lembraram de você como um agente de transformação e segundo, porque você tá dando uma contribuição praquele momento, praquele espaço, entendeu? São duas coisas, juntas. Uma já é altamente alegre, traz uma felicidade danada, ainda mais duas, né? (Yuri)

Yuri fala em termos de convite quando se refere ao chamamento para ingressar em grupos que lutam por uma transformação que aos seus olhos é social. Esse chamado corresponde a uma contribuição que não precisa estar atrelada à produção de efeitos imediatos no tempo e no espaço. Existe, portanto, um envolvimento com uma causa que ultrapassa o âmbito local e que se concretiza através do desejo de conservar as diferentes formas de vida e de servir de exemplo para outras comunidades.

> Uma proteção do direito de morar e plantar. Você pode colocar no plano cultural mesmo, né. Porque [...] nesse morar e plantar, tem toda a questão do uso da terra, né, e a terra... e tem a ver com a água. Então eu quero, não só pra aqui, pra essa periferia, né, pra outras periferias mundo afora, eu também quero a mesma coisa, só que a gente tá é aqui. Vargem é aqui mesmo, né. Então eu quero isso [...] Eu acho que a gente tem como proteger terra e água pra morar e plantar. Eu quero é isso. (Iara)

A ação política em Vargem Grande é também movida por um sentimento de frustração por entender que seus direitos enquanto cidadãos estão sendo desrespeitados pela administração

pública. Vivendo um processo de remoção que remonta a 2004 e uma mobilização mais intensa a partir de 2016, Giovani relata que a participação na APP envolve a tentativa de se sentir visto e representado em um projeto que traga, além de melhorias ambientais e econômicas, ganhos sociais e culturais. Nesse contexto, a luta diz respeito à defesa da dignidade dos moradores de Vargem Grande, que veem suas maneiras de interação social e ambiental constantemente atacadas por projetos governamentais que não contemplam suas formas de vida.

> O que eu senti naquela época foi uma sensação de "De novo, de novo a gente ainda não conseguiu atingir a prefeitura pra que ela olhe pra gente, pra que ela olhe pra gente que está ali". Esse PEU [de 2015], ele... O anterior a esse [PEU de 2009], ele era muito ruim. O PEU [de 2009] que vai entrar em vigor agora em janeiro de novo se o Crivella não sancionar, não expandir o decreto da área de especial interesse ambiental, que a cada 6 meses ele tem que renovar, vai voltar a valer o de 2009, que era um PEU muito ruim. E aí, quando eles trouxeram o PEU novo, de 2015, a minha primeira sensação foi "Tá, vamo ver o que é que eles estão propondo de diferente". E na medida que eu comecei a ver que eles não tavam propondo nada de muito diferente, que beneficiasse as pessoas que estavam ali... Tinham algumas questões positivas, enfim, tinham alguns pontos que melhoravam a questão do meio ambiente, mas as pessoas em si foram esquecidas. Elas não estavam... Eu não estava presente no PEU, eu não estava sendo visto pela legislação que se proponha a ver as pessoas do lugar e melhorar a vida das pessoas que tão [sic] no lugar. Tudo bem que são as que vão vir também, mas prioritariamente uma legislação que tem que melhorar a vida dos que tão [sic] ali. Enfim, toda a infraestrutura para os que estão ali, e aí foi essa sensação de "Poxa, de novo não tão vendo a gente ainda. Então a gente vai precisar fazer alguma coisa pra mostrar que a gente tá aqui". Então a gente começou a criar a articulação do plano popular. [...] Por mim, eu continuo ali contribuindo e fazendo com que o bairro seja positivo pras pessoas. Eu acho que as pessoas têm que ter o direito de conhecer sua cultura, conhecer a cultura do seu bairro e tem o direito de escolher o tipo de vida que elas valorizam. Elas têm que ter escolha. Não é "Você tem que sair da sua casa, porque aqui vai ser construído um prédio". Quais são as opções pra que eu fique aqui, pra que se eu quiser sair, eu saia daqui, para que junto a gente pense numa nova solução, enfim, acho que é isso. (Giovani)

Como um todo, a resistência em Vargem Grande pode ser compreendida com base na visão de Besse (2014, p. 45) de que a paisagem "deve ser entendida como o ponto de encontro entre as decisões humanas e o conjunto das condições materiais (naturais, sociais, históricas, espaciais, etc.)". Assim a luta contempla a propositura de um espaço inclusivo e harmônico com as favelas e com o meio ambiente, de modo a servir de exemplo para o resto da cidade.

> O plano popular foi pra mostrar que é possível uma outra cidade. Não é uma cidade sem a população carente, sem a natureza como foi feita a expansão da Barra da Tijuca. Então a gente espera que os moradores da região como um todo e os moradores dos outros bairros sensibilizem porque é uma questão de todos, né. Uma região de fragilidade ambiental, de Mata Atlântica, de proximidade ao mar... A gente espera sempre mostrar que é uma luta de todos, toda a cidade do Rio de Janeiro. Com alimentos mais limpos, uma agricultura orgânica, familiar... Pra que não surjam novas comunidades com altos índices de violência, né. As comunidades aqui são comunidades pacatas. Comunidades de trabalhadores da construção civil, (...) de domésticas, de agricultores que se mudar o estilo de vida e o perfil do morador pode fazer com que as comunidades se tornem tão violentas como as outras que dominam a cidade do Rio de Janeiro. Então é uma ideia de integrar a natureza, o ser humano.

> Uma expansão humana mais humana, mais voltada pra integração mesmo e não pra discriminação, não pra segregação. (Aquiles)

6.3 **Vale a pena lutar**

Assim como as motivações para ação coletiva, o ato de resistir também desperta uma gama de sentimentos, os quais podem variar a depender, por exemplo, dos objetivos pretendidos. Apesar da incerteza dos resultados almejados, a "luta" valeria a pena pela contribuição que ela dá para o presente e para o futuro. Funcionando como um símbolo de esperança na construção de uma realidade mais inclusiva, a resistência gera alegria e empolgação.

> Olha, eu não posso te garantir que eu vá conquistar o que eu quero, né, que nós vamos conquistar esse direito de morar nessa terra feita cara pelo mercado, mas vale a pena pelo hoje, né. Então assim, você acorda animado, eu acho que é uma das melhores coisas que tem na vida, e assim, pro presente a gente sente que tá construindo uma coisa diferente. [...] Quando tem que juntar junta, quando não tem que juntar não junta, né. Mas isso... Isso pra mim é o resultado do que eu tenho hoje e isso vale a pena. [...] Acho que não tem um movimento sem esses laços de confiança, né. Eles são fundamentais pra ter um movimento, agora... eu não sei qual vai ser o futuro disso. Hoje eu tenho esperança. Eu acho que ela a única coisa duradoura que a gente pode deixar, né. Mas também admito a incerteza. Eu trago a incerteza pra essa minha visão de esperança. E se não fosse incerta, não seria esperança, seria fatos. (Iara)

A paisagem pode ser percebida como uma obra, cujos elementos naturais, como o solo, constituem as matérias-primas que manipuladas pelos seres humanos dão forma ao mundo. Assim, os indivíduos deixam sua marca no território tornando-o um "lugar de memória" (BESSE, 2014). Assim, lutar pelo espaço significa lutar pela história escrita ali, a qual inclui a vida cotidiana e todas as ações mais básicas e essenciais que tornam a existência possível. Aquiles chega a falar que o ativismo em Vargem Grande representa a forma viável de assegurar a sobrevivência e, portanto, é inevitável.

> Eu acho que lutar contra as injustiças vale a pena, porque passa a ser a sua história de vida, né, como você entende um grupo. Então é como se alimentar, como dormir... É resistir, não tem... é natural. Eu particularmente, entendo e assim, porque as questões são muito sérias: é a questão de moradia, questão de alimentação, questão de alimentos seguros, não são alimentos com veneno, com agrotóxico, então são questões básicas, né. E com questões básicas não tem como fugir. É sobrevivência mesmo. Não é nem questão de melhoria salarial, a ponto de enriquecer, questão de sobrevivência mesmo, questão de poder pagar as contas e não entrar no cheque especial, de poder se alimentar do alimento que não vai te dar uma infecção ou um câncer, poder morar sem correr o risco de um trator passar por cima, beber uma água sem tá contaminada, de ter a água também, né. [...] Então são todas as lutas básicas mesmo, do dia a dia, então não tem como fugir. (Aquiles)

A inevitabilidade da ação política faz com que ela ocorra mesmo diante de ameaças. De acordo com Jasper (2016) a sensação de ameaça indica uma situação de perigo, e é por isso que muitas vezes resulta em inação. No entanto, quando a mobilização tem o potencial de gerar respostas positivas, o indivíduo ameaçado pode optar por sair da paralisia inicial e adere a um movimento. Essa ação não acontece sozinha, ela depende da existência de uma rede de apoio disposta a fortalecer o grupo através de sentimentos como lealdade, entusiasmo e esperança, além de difundir informações, compartilhar táticas de mobilização e recrutar novos integrantes, dentre outras competências. Dessa forma, as instituições públicas e entidades privadas juntamente com a sociedade civil transformam o temor na convicção de que vale a pena continuar mobilizado.

> Agora, assusta, né, determinadas ações de determinados grupos. Eles intimidam e assustam mesmo. Mas só que é isso, questão de sobrevivência, né. Não tem como fugir e a gente quer tá... trabalhar em rede, né, os parceiros, as pessoas que tem certa afinidade de luta, as universidades ajudam muito, as outras instituições, outras comunidades, outras pessoas que passaram pela mesma situação, experiências de luta, de resistência, de entender o momento, entender se é hora de recuar, se não é, de construir documento, de elaborar petições, ofícios, projetos, planos. Porque toda a burocracia impede a luta também, né. São trâmites que dificultam bastante, então tem a questão da intimidação, tem a questão burocrática, tem a questão das dificuldades das leis, que são complicadas e aí não tem outro caminho a não ser resistir e ter parceiros. Parceiros que entendem da lei, parceiros que entendem da questão ambiental, parceiros que entendem do uso do solo e ir levando. (Aquiles)

Apesar do medo também compartilhado por Graça, o engajamento é percebido como valioso devido à sua capacidade de gerar satisfação nas menores ações. Ela conta que se sentiu orgulho ao protocolar na prefeitura um documento importante para a comunidade. Ao falar que se deslocou até o centro para dar entrada no referido documento, Graça revela a compreensão de que realizou um sacrifício para concretizar o ato. Ao mesmo tempo, esse sacrifício corresponde à forma de retribuir o investimento anteriormente feito pela sociedade, quando ela comenta que agir por Vargem Grande fazendo uso do que aprendeu em instituições públicas de ensino é a sua forma de devolver o conhecimento adquirido.

> Claro que sim, mesmo com medo, vale. Sempre vale a pena. Não tenho dúvida nenhuma disso. Eu consegui uma conquista já, que foi esse documento, que foi o oficio pedindo a criação da unidade de conservação. Fiquei muito orgulhosa, faltava 3 dias pra acabar minha gestão [...] e fui lá [na prefeitura] só pra fazer isso. [...] Claro que vale a pena. Não tenho dúvida nenhuma disso. [...] Então tô descobrindo o mundo. Você começa a entender como é que funciona a engrenagem do poder público. Claro que vale a pena. Faria tudo de novo, vou continuar fazendo. Não tenho pretensões de me candidatar, nada [...] Não preciso me candidatar pra fazer políticas. Já estou fazendo políticas. E outra coisa que esses dias eu tava falando, eu estudei em duas instituições públicas de ensino, eu estou devolvendo pra sociedade o conhecimento que eu adquiri. Me sinto muito bem fazendo isso, apesar de que hoje eu já cortei as idas ao centro, porque eu não tenho mais dinheiro [...] Mas vale a pena, sim. (Graça, 2019)

6.4 **A percepção sobre a luta**

A percepção sobre o sucesso ou fracasso da luta influencia a emoção sentida por seus participantes. A partir de vivências em outros enfrentamentos seus participantes desenvolvem olhares bem particulares e às vezes contrastantes. Em Vargem Grande, os entrevistados apontaram ora pontos positivos, ora negativos. Em alguns relatos, a APP é vista como um movimento bem-sucedido, em outros, não. Guilherme possui um ponto de vista positivo sobre a afetividade da articulação, na medida em que ela conseguiu impedir que algumas propostas do PEU fossem implementadas.

> E assim, eu acho que se as pessoas fossem assim, né, e dessem a sua postura de luta... Porque a gente, a gente consegue. Se todo o mundo se unir, a gente consegue barrar isso. Nós já conseguimos barrar várias coisas, várias propostas que foram colocadas, que seriam desastrosas, né, pra agricultura, por exemplo, né. E com certeza. Eu acredito muito que nós podemos modificar tudo isso. (Guilherme)

Esse mesmo otimismo é compartilhado por Giovani. Para ele, o fato de a APP encontrar-se momentaneamente desmobilizada não significa uma derrota. Para tanto recorda que a ameaça de remoção, motivo pelo qual a articulação foi criada em 2016, ocorre há bastante tempo e que o fato de nenhum morador ter sido expulso desde então já é um motivo de vitória. No seu entendimento as vitórias precisam ser contínuas, porque as disputas são frequentes. Yuri demonstra ter a mesma percepção de que a resistência é e deve ser permanente, uma vez que depois da "luta" existe mais "luta". Nesse sentido, ele reproduz a fala de um companheiro de luta: "*E então a luta é muito maior do que o que vocês pensam. Se vocês pensarem que tem uma vitória, nunca vai ter vitória, vitória. Não tem comemoração. Não existe isso. Existe luta depois da luta, mais luta depois da luta"*.

> Na verdade, pra mim a gente já foi vitorioso por segurar... A gente tá indo pra 2019, são 4 anos, a gente segurando uma legislação que tinha tudo pra passar, tinha todas as forças políticas a favor, todo o mercado imobiliário a favor, a população não estava mobilizada e não presta atenção, a devida atenção pra esse tipo de legislação. Então a gente, no meu ponto de vista a gente foi vitorioso até hoje. Eu acho importante a gente continuar resistindo e lutando pra que essa conversa e essa construção coletiva seja feita. Se ela vai ser feita do nosso molde, não sei. Ela pode ser criada um novo molde a partir de conversas entre as partes que pode ser a solução pro bairro. Como eu disse, eu acho que a gente pode não ter a solução perfeita, a gente tem a solução que um grupo grande, amplo, de estudiosos, achou praquele momento essencial por bairro. Hoje, por exemplo, com novas construções, com novas construções ilegais, com novas mudanças, novas dinâmicas, novas tecnologias, talvez a nossa solução já tenha outras soluções melhores e a gente vai continuar construindo juntos e continuar aberto a essa construção. Então assim, é uma luta constante pra uma melhoria constante também. [...] Não tem um final da luta. [...] a partir do momento que se aprova a legislação, a gente tem novas tecnologias, novas pessoas, novas dinâmicas, novos processos que podem solicitar e requisitar todo esse processo novamente ou um novo processo.

Se por um lado a permanência dos moradores em Vargem Grande é vista como uma vitória da mobilização popular, por outro há quem credite isso à conjuntura política. A deflagração da operação policial conhecida por Operação Lava Jato seria na opinião de Iara a principal responsável pela suspensão dos efeitos do PEU, uma vez que algumas das empreiteiras que sofreram a paralisação de suas atividades tinham interesses construtivos na região. Contudo a mesma entrevistada percebe que a resistência, aliada a um forte sentimento de comunidade e baseada na confiança, foi decisiva para a geração de alguns efeitos positivos que de outra forma não aconteceriam.

> E na realidade eu acho que quem barrou isso nem fomos nós, minúsculo movimento, minúsculo. Quem barrou isso, no meu entendimento, foi a Lava Jato. Eu sempre digo "Gente, tem sempre um resultado positivo dentro de algumas coisas, né". A Lava Jato teve esse resultado positivo. Acabou com a indústria imobiliária, que agora vai batalhar pra se reorganizar, né. Então pra mim esse último, essa última versão do PEU, ela foi surpreendente pela ousadia, né. Isso surpreendeu a todo o mundo, né, porque colocar 2 decretos, um aquela Operação Urbana Consorciada, vergonhosa, né, era uma certeza da vitória que eles tinham, né. Não sendo a Lava Jato, isso aqui praticamente já era um amontoado de prédio, né. (Iara)

> A gente hoje tem menos entrada na favela [...] A gente mesmo se restringe, mas a gente mais e mais consegue construir uma rede comunitária que chega até lá, mesmo que a gente fisicamente não chega [sic]. Então a gente tem uma irmandade, a gente tem uma rede de pessoas, que é uma rede de confiança. E é em torno disso que a gente tem uma economia popular, local, né, que passa por essas relações de confiança, né. Isso não existe força, de arbítrio, de autoritarismo, de ameaça, que detenha, né. Porque os laços são outros, né. E aí é o que nos distingue do movimento de massa, né. É que é dessa característica de rede, né, esse mimetismo, esse você não tá vendo e coisa e tal, mas as coisas acontecem. (Iara)

6.5 **O envolvimento em outras lutas**

A existência de uma identidade influencia o ingresso na ação coletiva (DELLA PORTA; DIANI, 2006), em parte porque cria a separação entre o "nós" e o "eles", demarcando o quê e quem deve ser combatido. Por outro lado, ela gera emoções que contribuem para a solidariedade do grupo, como lealdade, confiança, respeito, admiração, dentre outras (JASPER, 2006). A possibilidade de ter compartilhado esses sentimentos em outras experiências militantes e de ter feito parte de transformações sociais concretas parece tornar mais fácil o engajamento em lutas que possuam alguma afinidade ideológica com as anteriores. No caso dos entrevistados um aspecto que chama a atenção é a presença de uma trajetória envolvendo reivindicações, seja através de entidades como associação de moradores ou de envolvimentos em outros movimentos sociais e de como mobilizações passadas influenciaram o engajamento na APP.

Guilherme conta que a sua participação política remonta aos anos de universidade, quando fez parte da União Nacional dos Estudantes (UNE) e lutou contra a ditadura e, posteriormente, a favor das Diretas Já. De lá para cá envolveu-se com causas ambientais, por conta do seu trabalho de biólogo, até ingressar na APP.

> Primeiro movimento que eu participei na minha vida foi o movimento estudantil, né. Desde lá da UNE, né, quando eu fazia faculdade de Biologia. Aí eu era rebelde sem causa. Sem causa, não, com causa, né. Eu era um rebelde que não aceitava todo esse processo de ditadura militar. [...] Então desde o movimento estudantil eu tô na..., tava na atividade. Aí participei diretamente das Diretas Já, naquela época, em 82, 83 e 84, quando se formou, né, que houve aquela liberação das Diretas Já, em 84, foi 20 anos depois do golpe. E depois eu vim [para Vargem Grande], quando eu me formei em 84, eu já tinha uma proposta de desenvolver um trabalho de produção de florestas e depois, em 92 com a Eco-92 se formou a Agenda 21, a global, né, e depois da global, junto à global, veio a nacional, a estadual e a municipal e ela vem se desdobrando. E nós fizemos um grande movimento em Vargem Grande na Agenda 21 de conscientização e de cobrança desse acordo que foi assinado na época em 92. [...] Então participei da Agenda 21 e agora a gente afinou nessa APP, nessa articulação de planos populares [...] e aí a gente tá nesse ponto agora de formar novas ideias e combater essas propostas de plano de estruturação urbana que está previsto pra essas áreas de Vargem Grande, Vargem Pequena, Camorim e Recreio dos Bandeirantes.

Iara enquanto mulher negra conta ter tido sua consciência política formada e fortalecida pelo movimento negro, responsável em suas palavras não só por ensinar sobre si mesma como por moldar sua personalidade no que diz respeitos às relações pessoais e profissionais.

> [...] a questão racial pra mim se tornou importante a partir de uns 22 anos, que me fez elucidar muita coisa da minha infância e da minha vida inteira, né, porque até os 22 eu não me dava conta da questão racial e nem da questão das minhas origens, de onde eu vim, e coisa e tal, não era... Embora, foi justamente a dor de ter sido quem era que me levou a fazer uma discussão racial, inclusive tendo atuado no movimento negro, nos anos 80. [...] Foi meu primeiro grande movimento social ou cultural, você que faz a sua classificação, mas no meu entendimento era movimento social, é. Foi o movimento negro. [...] Participei da organização da grande marcha em 1988, né. Vários coletivos. Acho que essas mulheres negras salvaram a minha vida, de certa forma. Não só elas, mas elas, porque eu tinha sofrido muito *bullying* na infância, muito assédio moral, muitas humilhações, por conta, nem tanto da minha cor, mas por conta do meu nariz, da minha boca, do meu peito, da minha bunda, do meu fenótipo, né. [...] E isso me causou um sofrimento enorme, então eu entrei na juventude carregando um peso de dor que foi quando eu me descobri negra, que foi que eu consegui descobrir quem eu era e aí eu aprendi a ser um pouco mais brigona, a ser mais incisiva nas minhas relações, tanto particulares quanto políticas. Tanto na profissão também. Eu achei que eu encontrei gás nessa minha questão racial pra encarar muitas coisas, inclusive a minha vida profissional, minhas escolhas todas, né.

Diferente dos outros entrevistados, Graça iniciou seu envolvimento político por meio de entidades privadas e não através de movimentos sociais. No entanto, houve o mesmo efeito de se sentir instigada a participar e lutar por melhorias na esfera pública, que foi fomentado pelo ganho de conhecimento na área ambiental a partir das duas pós-graduações que ela fez.

> Eu já tinha feito parte de uma associação [...] quando eu tava grávida. Porque eu [...] ia muito pra rua do Lavradio. Eu que ajudei a organizar aquela feira durante 2 anos,

> antes de eu engravidar. [...] Mas eu também agitava as coisas com a associação de lá que era de comerciantes. Então era outro perfil. [...] Eu gosto de fazer isso. E daí ficou inerte esse lado. [...] Assim que eu me mudei pra cá eu procurei a associação de moradores. Aí fui em 2 reuniões, mas não tinha condição. Criança pequena, você vai sair de noite com criança pequena? Não dá. [*Em 2014, Graça retornou à associação de moradores*] Aí eu comecei a participar [...] comecei a descobrir um mundo novo. Aí eu já tinha feito as duas pós na área ambiental, que foi quando eu descobri esse lado de meio ambiente, né, em 2007 que eu descobri isso. Aí eu fiz uma pós [...] e assim [...] minha causa é essa, no momento. Defender o meio ambiente através dessas instituições e conselhos e tal. E vamo ver o que vem por aí.

6.6 **A luta interna**

A ação política pode muitas vezes ser solitária e não angariar o apoio de pessoas próximas, como familiares e amigos. Nesse sentido, a luta ocorre internamente, precisando que os possíveis beneficiados, mas não participantes do movimento, sejam convencidos de que vale a pena resistir ou, ao menos, de que devem respeitar tal escolha. Alguns dos entrevistados relataram resistências e incompreensões dentro de casa. Yuri conta que seu primeiro contato com o movimento contra a remoção ocorreu a partir do envolvimento de sua filha e que nessa ocasião ele foi contra impulsionado por um sentimento de desconfiança. A partir do momento em que começou a participar das reuniões e entender sobre o que se tratava, sentiu-se confortável para fazer parte. Desde então, tornou-se uma importante liderança popular. No entanto, dentre seus familiares, somente ele continua fazendo parte dos movimentos sociais.

> Aí um dia eu chego do trabalho [...], aí tá lá na varandinha dela lá um grupo de gente discutindo, já com camisa de MUP. MUP tinha uns seis meses. E dona Maria tava enfiada naquilo. Sendo que minha filha já tinha participado do MUP [Movimento União Popular] uns dois meses antes, que o Sérgio tinha ido lá e pedido para que dona Conceição arrumasse umas duas meninas ou três pra sair ajudando a distribuir papel na comunidade, panfletinho. Aí, eu lembro um dia minha filha chegou com camisa de MUP lá em casa, aí eu falei assim "Ó, não quero que você participe de mais nada sem falar comigo". Eu não sabia nem do quê que eu tava falando! Aí, fiquei ali escutando eles falando. Dona Conceição *[nome fictício]* "Não, seu Yuri, eles são pessoas sérias". Eu falei "Olha, eu já ouvi de tudo, pastor, padre, macumbeiro, tudo já falou de tudo, todos os direitos de todo o mundo, mas no fundo terminou eles resolvendo as situações deles e ficou todo o mundo pra trás. [...] Aí eu te falo "E essa briga dentro de casa?" Eu brigo assim, mas minha família não participa de nada. Aí eu ficava preso. Então, nós não discutíamos sobre nada dentro de casa sobre essas coisas. [...] Eles não gostam até hoje. [Eles querem] que eu não participe de nada de movimento social. Pra eles essa nossa conversa aqui... Pra eles lá em casa essa nossa conversa aqui é um desperdício de tempo. Entendeu? [...] Eles, como não participam, não gostam. [...] Eles não querem saber de lutar por nenhuma casa. Minha mulher até acha que nós que moramos na comunidade, olha só... Aí de vez em quando tem que dar uma ranhada por causa disso, quando ela conversa com as pessoas e no conversar, eu acho que ela tá colocando alguma coisa na cabeça das pessoas...

Quem também relata ter sofrido resistência dentro da família e do bairro é Iara. Durante a primeira tentativa de chamar os moradores para discutir sobre o bairro, ela foi mal recebida.

O desprezo por parte das pessoas fez com que Iara ora gostasse, ora não gostasse de Vargem Grande. Contudo, a emergência dos acontecimentos com a transformação da paisagem e dos vínculos sociais somada com o senso de responsabilidade para com a região fez com que Iara não desistisse de lutar.

> Então, lá pro ano de 85 eu fiz a minha iniciativa de trabalho comunitário, né, e fui barbaramente reprimida. [...] Eu comecei a ter sempre essa relação de afasta e aproxima do bairro, sempre achando que era muito difícil lidar com a vizinhança, era mais fácil você fazer parte de uma grande marcha no centro da cidade [do que] você lidar no cotidiano com os seus vizinhos, né, com os seus parentes, com tudo, essa carga enorme que vem com as famílias, com as famílias da gente, as famílias de nossos familiares. Então isso pra mim foi muito difícil. [...] Então eu senti isso muito na minha vida, né, de uma dor quase física quando você vê um bairro se desmantelando aos seus olhos, né, e em relação [...] ao movimento de moradia, essa relação é a mesma, porque a maior parte das favelas que estão aqui em volta tem pessoas da minha infância, né. Elas foram criadas organicamente, né, com essa relação e pra mim, assim, ter um bairro onde as pessoas com quem eu convivi a vida inteira estavam sendo expulsas dele [por causa da especulação imobiliária], né, é uma coisa que eu ainda não posso lidar com isso. Isso pra mim é uma dor absurda, né, é uma coisa assim de chorar mesmo compulsivamente... Como isso pode acontecer. Então, essa visão, né, da terra, território, que pra mim é extensão do meu corpo, por onde eu transito... Isso faz parte da minha corporeidade. [...] Olhar isso e estudar ao mesmo tempo, entender, eu ainda tô vivendo essa emoção terrível dessa destruição, dessas ameaças, né, e ao mesmo tempo eu tô estudando sobre isso. Então me levou pro movimento de volta assim, então aquela iniciativa comunitária lá em 85, né. Onde eu achava mais fácil lidar com o movimento onde eu era só mais uma. Eu ao mesmo tempo tinha essa responsabilidade do bairro, do lugar onde nasci, e se eu não puder enfrentar isso, com todo o desprezo que as pessoas me têm, e tem desprezo. As pessoas desprezam quando tem uma mulher que levanta pra fazer uma diferença, entendeu. E eu falei: “Cara, não importa se me desprezam, eu vou”. E aí quando eu me movimentei, né, e aí vou marcar o ano de 2003, 2004, com dificuldade, conflitos, conflitos, conflitos, conflitos, inclusive com meus pares, conflitos internos no movimento que na época era o MUP... E ainda hoje eu não me deixo abater pelo conflito interno. Eu continuo caminhando, porque eu sinto que eu tipo, eu tinha muito mais dor quando eu não estava no movimento. [...] Eu me sentia muito pior [do que] quando eu não tinha tantos conflitos internos que acontecem nos movimentos. Pra mim é pouco diante do não movimento, sabe? A inércia diante do que vai acontecer era muito mais dolorida do que você ter dificuldades com companheiro, companheira.

CONCLUSÃO

O que se perde ao perder a casa

O objetivo inicial da pesquisa era discutir o lugar da relação com a terra como motivação para a resistência ao PEU, tendo como base a minha participação no curso de formação que deu origem à APP e alguns contatos eventuais com moradores da região. Após as entrevistas, concluo que essa relação, que pode ser entendida no nível da *topofilia* de Tuan, apesar de forte, não constitui o único e, em algumas situações, o principal motivador para a resistência. Por mais que o amor ao lugar esteja presente o tempo todo - no cheiro de batata que só tinha em Vargem Grande; no céu estrelado que a floresta oferece; na visão das montanhas a partir da estrada do Rio Morto; no som dos pássaros e dos cachorros latindo; no contato com a terra - em alguma medida, sua presença funciona como um pano de fundo para a militância, uma vez que alguns moradores não se sentem dispostos a continuar morando no bairro. No entanto, o que se mostra comum em todas as falas dos entrevistados é o desejo de manter os vínculos sociais e o sentimento de fazerem parte de uma mesma família. Os laços afetivos desenvolvidos em Vargem Grande servem para refletir sobre o senso de comunidade e de solidariedade vivenciado por seus moradores, de modo a tornar a batalha pela permanência no e do local importante, apesar dos desafios e dificuldades.

Vargem Grande ao longo do tempo vem passando por transformações físicas, as quais se refletem na forma de interagir com o bairro. A liberdade de ir e vir, a cordialidade das pessoas, a tranquilidade e acolhimento da região, o acesso irrestrito à natureza são algumas das características perdidas com a introdução da ideia de propriedade, com o crescimento da região e a chegada de novos moradores, que, no entanto, não fizeram desaparecer a identificação com o lugar e o apreço por ele. Pelo contrário, a identificação, somada ao compartilhamento de memórias, vivências e histórias, tornou possível a formação de um grupo disposto a lutar pela região e pela forma de vida ali estabelecida. Essa luta mostrou-se ser movida pela incerteza da vitória, pelo medo das ameaças, pela frustração diante do desrespeito do poder público e da iniciativa privada, dando origem a uma gama de sentimentos. De igual maneira, entre os entrevistados não há um consenso sobre o porquê resistem. Alguns estão engajados pela manutenção dos aspectos ambientais, outros, por causa do comprometimento com a vizinhança e com qualquer bandeira contrária à remoção.

Como consequência as emoções geradas envolvem alegria e gratidão, diante da possibilidade de fazer parte de um grupo de pessoas que defendem a mesma ideia; esperança,

diante da crença de estar contribuindo para a resistência de outras comunidades; satisfação, por estar ajudando a transformar a vida de outras pessoas. Essas emoções surgem para além do interesse pessoal, por isso faz sentido afirmar que ela não se dá apenas pelo desejo de ver mantida a própria casa. Em algumas situações, a residência não está sequer ameaçada. A luta também não se dá pela simples vontade de que sejam conservadas as características paisagísticas para o mero deleite sensorial, já que alguns moradores pensam em sair da região. A luta parece acontecer porque Vargem Grande é percebida como fazendo parte do corpo, como algo que se corporifica. Ela formaria o caráter e a própria pessoa. "O sertão me produz, depois me engoliu, depois me cuspiu do quente da boca..." O sertão, que produziu Riobaldo, o engoliu e depois o cuspiu, assemelha-se à Vargem Grande, que molda e dá significado às relações sociais, afetivas e profissionais.

E esses significados variam conforme o tipo de percepção sobre o lugar. No caso de Vargem Grande, a origem e a proximidade com o quilombo influenciaram a forma de experienciar o bairro. A partir do contato com o quilombo os demais moradores desenvolvem, além de um senso de responsabilidade com o lugar, um cuidado com terra, porque é dela que seus moradores tiram a energia para persistir, tal qual Anteu. Na mitologia grega, Anteu, filho da deusa Gaia e do deus Poseidon, em sua luta contra Hércules mostra que sua força vem da terra (BRANDÃO, 1987); os pés que tocam a superfície terrestre garantem a sua fortaleza, pois o solo firme é sinônimo de estabilidade. O contato com a natureza não domesticada, com a "terra do jeito que ela é", de modo semelhante a Anteu, parece fortalecer os entrevistados e 'prendê-los' a Vargem Grande, se não fisicamente, mentalmente. Mesmo diante da possibilidade de sair do bairro como demonstraram alguns entrevistados, a presença de Vargem Grande os acompanha. A ideia de morar em outro lugar, que tenha as mesmas características naturais de Vargem Grande, que lembre o bairro ou que seja próximo a ele, servem para ilustrar que a mudança não se dá por desgosto das características intrínsecas a uma área ainda rural. Pelo contrário, são essas características que dão sentido a continuar e lutar pela sua conservação.

Tratando de várias questões complexas como emoções, engajamento político e relação afetiva com o lugar, a pesquisa procurou mostrar como o ambiente influencia as ações humanas. Tentando ultrapassar as abordagens que partem do poder de determinação do ser humano sobre o meio natural, procurei mostrar que entre indivíduo e natureza ocorre uma simbiose que torna compreensível a luta pelo lugar. Lugar que adquire uma importância maior quando deixa de ser apenas o local onde se vive para ser o local onde se "está", por onde se transita e se escolhe ficar porque ali estão situadas relações sociais, significado e natureza, mas também memórias, histórias, vínculos e afetos.

Vargem Grande permanece passando por transformações, com a entrada de novos atores e novos eventos, de modo que as possibilidades de análise não se encerram aqui. Organizados em redes, os moradores do bairro estão em constante movimento. O grupo objeto dessa pesquisa - a Articulação Plano Popular das Vargens – é uma demonstração disso. Formada com o propósito de impedir as transformações previstas pelo Plano de Estruturação Urbana de 2015, a APP, após a audiência pública que apresentou uma contraproposta elaborada pela população local, mantém-se menos articulada diante da suspensão dos efeitos imediatos do PEU. Longe de significar uma desmobilização, os integrantes da APP passaram a formar e integrar outras frentes capazes de tratar questões mais urgentes.

Objetivando contribuir para o tema da antropologia das emoções e procurando aprofundar a discussão acerca das emoções vistas a partir da relação ser humano e natureza, o trabalho procurou mostrar a presença de uma relação afetiva com o lugar responsável por envolver as pessoas na ação política, ainda que marcada por experiências negativas. A luta, como afirma um dos entrevistados, não é justa e "*infelizmente a luta é bem desigual e com poucas vitórias efetivas mesmo. Mas a resistência continua. Isso não vai deixar de existir nunca, mas é...*", de maneira que a luta pela terra se torna inevitável.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Angela**.** As teorias dos movimentos sociais: um balanço do debate. *Lua Nova,* São Paulo, n. 76, 2009, p. 49-86. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/HNDFYgPPP8sWZfPRqnWFXXz/?lang=pt&format=pdf.> Acesso em: 31 jan. 2018.

ARMAZENZINHO. *História dos Bairros* – Vargem Grande. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://187.111.110.180/imagem/historia-dos-bairros/>. Acesso em: 31 jan. 2018.

ALENCAR, Emanuel. *Batalha na Zona Oeste do Rio:* preservar ou construir? 2018. Disponível em: <https://projetocolabora.com.br/cidades/batalha-na-zona-oeste-preservar-ou-construir/>. Acesso em: 09 jan. 2019.

BARBOSA, Andrea Geisa Pereira; PERINOTTO, Andre Riani Costa. Trilha Ecológica do Cavalo-Marinho: Ecoturismo em Barra Grande/PI. *Rosa dos Ventos* – Revista do Programa de Pós-graduação em Turismo, Caxias do Sul, v. 2, n. 1, jan. – jun. 2010. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/389>. Acesso em: 31 jan. 2018.

BARCELOS, Márcio; PEREIRA, Matheus Mazzilli; SILVA, Marcelo Kunrath. Redes, campos, coalizões e comunidades: conectando movimentos sociais e políticas públicas. *BIB*, São Paulo, n. 82, 2017, p. 13-40. Disponível em: <http://www.anpocs.com/index.php/bib-en-2/bib-82/10589-redes-campos-coalizoes-e-comunidades-conectando-movimentos-sociais-e-politicas-publicas/file>. Acesso em: 02 fev. 2018.

BENJAMIN, Walter; LACIS, Asja. Nápoles. *Obras escolhidas II* – Rua de mão única. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. p. 145-155.

BECKER, Howard. Notes on the concept of commitment. *The American Journal of Sociology*, v. 66, 1960. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/10.1086/222820>. Acesso em: 02 fev. 2018.

BESSE, Jean-Marc. *O gosto do mundo:* Exercícios de paisagem. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

BLASER, Mario. Ontological Conflicts and the Stories of Peoples in Spite of Europe. *Current Anthropology*, Chicago, v. 54, n. 5, out. 2013, p. 547-568. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/10.1086/672270>. Acesso em: 29 jan. 2018

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*, v.3. Petrópolis: Vozes, 1987.

BRASIL, Decreto 5.746/06, de 5 de abril de 2006. *Regulamenta o art. 21 da Lei 9.985, de 18 de julho de 2000, que dispõe sobre o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza.*

CÁCERES, Luz Stella Rodríguez. Paisagem, memória e parentesco no quilombo de Vargem Grande, RJ. *Etnográfica*, Portugal, v. 21, n. 2, jun. 2017, p. 269-292. Disponível em: <https://journals.openedition.org/etnografica/4908>. Acesso em: 02 fev. 2018.

CARDEMAN, Rogério Goldfeld. A transformação da paisagem, desenho e forma urbana: o PEU das Vargens e as questões iniciais. *Paisagem e Ambiente*, São Paulo, n 34, p. 37-60, dez. 2014. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/paam/article/view/97115> Acesso em: 31 jan. 2018.

CARLOS, Euzeneia. Movimentos sociais: revisitando a participação e a institucionalização. *Lua Nova*, São Paulo, n. 84, p. 315-348, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/HSyZf5Wg5VH9b8vKyMGYVzD/?format=pdf&lang=pt.> Acesso em: 30 jan. 2018.

COELHO, Maria Claudia. Sobre tropas e cornetas: apresentação à edição brasileira de Writing Culture. In: CLIFFORD, James; MARCUS, Gerge (org.). *A escrita da cultura:* poética e política da etnografia. Rio de Janeiro: Ed. UERJ; Papéis Selvagens Edições, 2016. p. 7 – 25.

COELHO, Maria Claudia; REZENDE, Claudia Barcellos. Introdução. O campo da antropologia das emoções. In: _____; _____(org.). *Cultura e sentimentos:* ensaios em antropologia das emoções. Rio de Janeiro: Contra Capa/ FAPERJ, 2011. p. 7 - 26.

COELHO, Maria Cláudia; DURÃO, Susana. Moral e emoção nos movimentos culturais: estudo da 'tecnologia social' do grupo cultural AfroReggae. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 55, n. 2, 2012, p. 899 – 935. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/59304>. Acesso em: 30 jan. 2018.

COLES, Robert. *Migrants, Sharecroppers, Mountaineers*. Boston: Little Brown, 1971 apud TUAN, Yi-fu. *Topofilia:* Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

COSTA, Lucio. Plano Piloto para a urbanização da baixada compreendida entre Barra da Tijuca, o Pontal de Sernambetiba e Jacarepaguá. Arquitextos, *Vitruvius*, São Paulo, ano 10, n 116.00, jan. 2010. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/10.116/3375>. Acesso em: 02 fev. 2018.

DELLA PORTA, Donatella; DIANI, Mario. *Social Movement:* An Introduction. 2 ed. Massachusetts: Blackwell Publishing, 2006.

DIANI, Mario. The concept of social movement. *The Sociological Review*, Keele, v. 40, n. 1, 1992, p. 1-25. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/227630891_The_Concept_of_Social_Movement>. Acesso em: 30 jan. 2018.

ELIAS, Norbert. Ensaio sobre o desporto e a violência. *A busca da excitação.* Lisboa: Difel, 1992.

ESCOBAR, Arthuro. Territorios de diferencia: la ontología política de los "derechos al territorio". *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, Curitiba, v. 35, dez. 2015, p. 89-100. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1809/180942587002.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2018.

FALEIROS, Vicente de Paula. Prefácio. *Universidade e Movimentos Sociais.* 1. ed. Belo Horizonte: Editora Fino Traço, 2015. p. 13-16.

FERNANDES, Tatiana. Barra da Tijuca (RJ), Plano Piloto, Legislação e Realidade: o processo de urbanização, ocupação e suas consequências ambientais. *Revista VITAS* – Visões Transdisciplinares sobre Ambiente e Sociedade, Niterói, ano 3, n 6, abr. 2013. Disponível em: <http://www.uff.br/revistavitas/images/Barra_da_Tijuca_plano_e_realidade.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2018.

FLAM, Helena. Emotions' Map: A research agenda. *Emotions and Social Movements.* London: Routledge, 2005. p. 19 - 40.

GAXIE, Daniel. Rétributions du militantisme et paradoxes de l'action collective. *Swiss Political Science Review*, v. 11, n. 1, p.157-188, 2005. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/321017149_Les_retributions_du_militantisme>. Acesso em: 30 jan. 2018.

GODBOUT, Jacques T. *O espírito da dádiva.* Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.

GOHN, Maria da Glória. *Teoria dos Movimentos Sociais:* Paradigmas Clássicos e Contemporâneos. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

GOLDMAN, Marcio. Políticas e Subjetividades nos "Novos Movimentos Culturais". *Ilha Revista de Antropologia*, Florianópolis, v. 9, n. 1, 2, p. 8-22, jan. 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/6315>. Acesso em: 02 fev. 2018.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. Da geografia às geo-grafias: um mundo em busca de novas territorialidades. In: *La guerra infinita:* hegemonia y terror mundial. Buenos Aires: CLACSO, 2002. p. 217 – 256.

GOODWIN, Jeff; JASPER, James M.; POLLETTA, Francesca. Why emotions matter. *Passionate politics:* emotions and social movements. Chicago: The University of Chicago Press, 2001.

HARVEY, David. *Cidades rebeldes*: do direito à cidade à revolução urbana. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

HILL, Christopher. *O mundo de ponta-cabeça:* idéias radicais durante a Revolução Inglesa de 1640. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HIRSCHMAN, Albert O. *De consumidor a cidadão:* atividades privadas e participação na vida pública. São Paulo: Brasiliense, 1983.

IPP - Instituto Pereira Passos**.** Bairros cariocas. Disponível em: <http://pcrj.maps.arcgis.com/apps/MapJournal/index.html?appid=096ae1e5497145838ca64191be66f3e3>. Acesso em 30 jan. 2018.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Definições – Áreas Urbanizadas. Disponível em:

<ftp://geoftp.ibge.gov.br/organizacao_do_territorio/tipologias_do_territorio/areas_urbanizadas_do_brasil/2015/01_LEIA_ME.txt>. Acesso em: 30 jan. 2018.

JASPER, James. *Protesto* – Uma introdução aos movimentos sociais. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

JONES, Phil; EVANS, James. Rescue Geography: place making, affect and regeneration. *Urban Studies,* v. 49, n. 11, dec. 2012, p. 2315 – 2330. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0042098011428177>. Acesso em: 02 fev. 2018

KANE, Anne. Finding Emotion in Social Movement Processes: Irish Land Movement Metaphors and Narratives. *Passionate Politics:* Emotions and Social Movements. Chicago: The University of Chicago Press, 2001, p. 251 – 266.

LOPES, Gustavo; AMORIM, Vânia; CAVALLIERI, Fernando. Favelas Cariocas: Comparação das Áreas Ocupadas 2004-2011. *Coleção Estudos Cariocas,* Rio de Janeiro, n. 2, dez. 2012. Disponível em: <https://portalgeo.rio.rj.gov.br/estudoscariocas/download/3272_FavelasCariocas_comparação_das_áreas_ocupadas_2004_2011.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2018.

LOSEKANN, Cristiana. “It was no accident!” - The place of emotions in the mobilization of people affected by the collapse of Samarco’s tailings dam in Brazil. *Vibrant:* Virtual Brazilian Anthropology, Brasília, v. 14, n. 2, mai.-ago. 2017, p. 102-126. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/vb/a/YDTQMwM5vth4ZLXdKTJ3Htn/?lang=en.>. Acesso em: 02 fev. 2018.

LEFEBVRE, Henri. O direito à cidade. *O direito à cidade.* São Paulo: Centauro, 2001, p. 105 – 118.

LUTZ, Catherine A. Emotions, Thought, and Estrangement: Western Discourses on Feeling. *Unnatural emotions:* everyday sentiments on a Micronesian atol and their challenge to western theory. Chicago: The University of Chicago Press, 1988, p. 53-80.

MACÊDO, Ermínia Medeiros; RAMOS, Ricardo Gomes. O desenvolvimento do turismo em Barra Grande, Piauí (Brasil) e seu significado para a comunidade local. *Revista Iberoamericana de Turismo* (RITUR), Penedo, v 2, n 2, 2012. Disponível em: <https://seer.ufal.br/index.php/ritur/article/view/586>. Acesso em: 30 jan. 2018.

MACIÇO DA PEDRA BRANCA. *Amigos do Parque – Parque Estadual da Pedra Branca.* Disponível em: <http://www.parquepedrabranca.com/p/macico-da-pedra-branca.html>. Acesso em: 29 jan. 2018.

MARTUCCELLI, Danilo. Esfera pública, movimentos sociais e juventude. *Internet e mobilizações sociais:* transformações do espaço público e da sociedade civil. São Paulo: Edições Plataforma Democrática, 2015. p. 61-100.

McADAM, Doug; TARROW, Sidney; TILLY, Charles. Comparative Perspectives on Contentious Politics. *Comparative Politics:* Rationality, Culture, and Structure: Advancing Theory in Comparative Politics. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 1-40.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. In: _____. *Sociologia e Antropologia.* São Paulo: EPU, 1974.

MELUCCI, Alberto. Um objetivo para os movimentos sociais? *Lua Nova*, São Paulo, n. 17, jun. 1989, p. 49-66. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/g4ySjtRNsbjW73tXTR4VNNs/?lang=pt>. Acesso em: 02 fev. 2018.

MELUCCI, Alberto. *Challenging Codes.* Cambridge/New York: Cambridge University Press, 1996 apud DELLA PORTA, Donatella; DIANI, Mario. *Social Movement:* An Introduction. 2 ed. Massachusetts: Blackwell Publishing, 2006.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *La structure du comportement.* Paris: Presses Universitaires de France, 1942 apud SMITH, Mick; DAVIDSON, Joyce; CAMERON, Laura; BONDI, Liz. Introduction: Geography and Emotion – Emerging Constellations. *Emotion, Place and Culture.* Farnham: Ashgate Publishing, 2009, p. 1 – 18.

MILLER, Daniel. *Treco, troços e coisas.* Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

MOURA, Iara; BAPTISTA, Silvia. Por um plano popular das Vargens. *Medium.* 2016. Disponível em: https://medium.com/@pacsinstituto/por-um-plano-popular-das-vargens-d100c59543e. Acesso em: 29 jan 2018.

NAME, Leonardo. Análise da ocupação proposta pelo PEU das Vargens tendo como foco densidades, infraestruturas e condições ambientais. In: Arquitextos, *Vitruvius*, São Paulo, ano 10, n 116.01, jan. 2010. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/10.116/3382>. Acesso em: 30 jan. 2018.

NAME, Leonardo; CARDEMAN, Rogério Goldfeld. Cenários de ocupação e transformação da paisagem na Baixada de Jacarepaguá, Rio de Janeiro. *Mercator* - Revista de Geografia da UFC, Fortaleza, vol 13, n 2, mai-ago, 2014, p. 61-78. Disponível em: <http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/1124>. Acesso em: 29 jan. 2018.

NICOLSON, Marjorie Hope. Mountain Gloom and Mountain Glory. Nova York: Norton, 1962 apud TUAN, Yi-fu. *Topofilia:* Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

POLLETTA, Francesca; JASPER, James. Collective Identity and Social Movements. *Annual Review of Sociology,* Palo Alto, v. 27, 2001, p. 283-305. Disponível em: <https://www.socsci.uci.edu/~polletta/Articles%20and%20Book%20Chapters_files/2001%20Polletta%20and%20Jasper%20Collective%20Identity.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2018

PRFEITURA DO RIO DE JANEIRO. Decreto 37.958/13, de 4 de novembro de 2013. *Cria a Área de Especial Interesse Ambiental dos bairros de Vargem Grande, Vargem Pequena, Camorim e parte dos bairros do Recreio dos Bandeirantes, Barra da Tijuca e Jacarepaguá, nas XVI e XXIV Regiões Administrativas.*

PRFEITURA DO RIO DE JANEIRO. Lei Complementar 104/09, de 27 de novembro de 2009. *Institui o Projeto de Estruturação Urbana – PEU dos bairros de Vargem Grande,*

Vargem Pequena, Camorim e parte dos bairros do Recreio dos Bandeirantes, Barra da Tijuca e Jacarepaguá, nas XXIV e XVI Regiões Administrativas, integrantes das Unidades Especiais de Planejamento números 46, 47, 40 e 45 e dá outras providências.
PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. Projeto de Lei Complementar 140/15, de 8 de dezembro de 2015. *Institui a Operação Urbana Consorciada da região das Vargens e o Plano de Estruturação Urbana de Vargens, define normas de aplicação de instrumentos de gestão do uso e ocupação do solo e dá outras providências.*

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. Decreto 44.704/18, de 5 de julho de 2018. *Prorroga o prazo do Decreto 44.203, de 05 de janeiro de 2018, e dá outras providências.*

PROCEAS – Projeto Comunitário de Estudos e Ações Solidárias. A Região das Vargens. *Perspectivas do Plano Municipal de Habitação para a Região das Vargens*. 2009. Disponível em: http://pt.calameo.com/read/00029582363f090b563e6. Acesso em: 30 jan 2018.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão:* Veredas. 21 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

ROSALDO, Michelle Z. Toward an anthropology of self and feeling. *Culture theory:* Essays, on mind, self, and emotion. Cambridge: Cambridge University Press, 1984, p. 137-157.

SAARINEN, Thomas F. *Perception of the Drought Hazard on the Great Plains.* University of Chicago Departamento f Geography Research Paper, 1966 apud TUAN, Yi-fu. *Topofilia:* Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

SACK, Robert David. *Homo Geographicus:* A framework for Action, Awareness, and Moral Concern. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1997.

SHERER-WARREN, Ilse. Redes de movimentos sociais. São Paulo: Loyola, 1996 apud SOUSA JUNIOR, José Geraldo. Movimentos Sociais nos 50 Anos da UnB: Construindo uma Universidade Emancipatória. *Universidade e Movimentos Sociais.* 1 ed. Belo Horizonte: Editora Fino Traço, 2015, p. 23-63.

SCHRER-WARREN, Ilse. Das Mobilizações às Redes de Movimentos Sociais. *Sociedade e Estado,* Brasília, v. 21, n. 1, jan. - abr. 2006, p. 109-130. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/BF3dYyyqYgB7RX7fj7SrpQk/?lang=pt>. Acesso em: 02 fev. 2018

SERTÃO CARIOCA. *Histórico.* Disponível em: <http://sertaocarioca.org.br/quem-somos/historico/>. Acesso em: 30 jan. 2018.

SIMMEL, Georg. Sociologia do espaço. *Estudos avançados***,** São Paulo, v. 27, n. 79, jan. 2013, p. 75 – 112. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/68704>. Acesso em: 02 fev. 2018.

SIMMEL, Georg. A tríade. *Estudos sobre interação:* textos escolhidos. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. p. 45 – 74.

SMITH, Mick; DAVIDSON, Joyce; CAMERON, Laura; BONDI, Liz. Introduction: Geography and Emotion – Emerging Constellations. *Emotion, Place and Culture.* Farnham: Ashgate Publishing, 2009, p. 1 – 18.

SORJ, Bernardo. On-line / Off- line: A nova onda da sociedade civil e a transformação da esfera pública. *Internet e mobilizações sociais:* transformações do espaço público e da sociedade civil. São Paulo: Edições Plataforma Democrática, 2015. p. 35-59.

SOUSA JUNIOR, José Geraldo. Movimentos Sociais nos 50 Anos da UnB: Construindo uma Universidade Emancipatória. *Universidade e Movimentos Sociais.* 1. ed. Belo Horizonte: Editora Fino Traço, 2015. p. 23-63.

SZWAKO, José; DOWBOR, Monika; CARLOS, Euzeneia. Apresentação - Movimentos sociais, sociedade civil e participação. *BIB,* São Paulo, n. 82, set. 2017, p. 5-12.

TATAGIBA, L.; TEIXEIRA, A. C. C. Efeitos combinados dos movimentos de moradia sobre os programas habitacionais autogestionários. *Revista de Sociologia e Política,* Curitiba, v. 24, n. 58, p. 85-102, 2016 apud BARCELOS, Márcio; PEREIRA, Matheus Mazzilli; SILVA, Marcelo Kunrath. Redes, campos, coalizões e comunidades: conectando movimentos sociais e políticas públicas. *BIB,* São Paulo, n. 82, set. 2017, pp. 13-40. Disponível em: <http://www.anpocs.com/index.php/bib-en-2/bib-82/10589-redes-campos-coalizoes-e-comunidades-conectando-movimentos-sociais-e-politicas-publicas/file>. Acesso em: 30 jan 2018

THRIFT, Nigel. Understanding the Affective Spaces of Political Performance. *Emotion, Place and Culture*. Farnham: Ashgate Publishing, 2009, p. 79 – 95.

TILLY, Charles. *Britain creates the social movement.* Center for Research on Social Organization, University of Michigan, 1981. Disponível em: <https://deepblue.lib.umich.edu/bitstream/handle/2027.42/51006/232.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2018.

TILLY, Charles. *Social movements,* 1768-2004. Boulder: Paradigm Publishers, 2004.

TILLY, Charles; SCHWEITZER, R. A. How London and its conflicts changed shape:1758-1834. *Historical Methods:* A Journal of Quantitative and Interdisciplinary History, v. 15, n. 2, mar. – jun. 1982, p. 67-77. Disponível em: <https://deepblue.lib.umich.edu/bitstream/handle/2027.42/51042/270.pdf?sequence=1>. Acesso em: 30 jan. 2018.

TUAN, Yi-fu. *Topofilia:* Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

VALLE, Carlos Guilherme Octaviano do. Afirmando-se a vida, constrói-se o tempo: experiência, emoções e ativismo político contra a AIDS. *Interseções:* Revista de Estudos Interdisciplinares. Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, jan.-jun. 2017, p. 77 – 105. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intersecoes/article/view/30396>. Acesso em: 30 jan. 2018

VANDENBERGHE, Frédéric. In memoriam François Dépelteau (1963-2018) – A sociologia relacional como uma forma de vida. *Blog do Sociofilo*, 2018. Disponível em: <https://blogdosociofilo.com/2018/08/06/in-memoriam-francois-depelteau-a-sociologia-relacional-como-uma-forma-de-vida-por-frederic-vandenberghe/>. Acesso em: 15 de nov. 2018.

ZILLI, Bruno. Teorias que libertam: narrativas de intelectuais brasileiros sobre engajamento em Direitos Sexuais. *Interseções:* Revista de Estudos Interdisciplinares. Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, jan.-jun. 2017, p. 106-128. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intersecoes/article/view/30397>. Acesso em: 02 fev. 2018.